

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

IVONE JAGNIGRI DA SILVA

**MÝGE KE KANHGÁG JYKRE PÊ KI  
EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO KAINGANG**

PORTO ALEGRE

2020

IVONE JAGNIGRI DA SILVA

**MÛGE KE KANHGÁG JYKRE PÊ KI  
EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO KAINGANG**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientador:** Prof. Dr. Sérgio Roberto Kieling Franco.

BANCA EXAMINADORA

Dr<sup>a</sup> Maria Aperecida Bergamaschi

Dr. Sergio Baptista da Silva

Dr<sup>a</sup> Iara Tatiana Bonner

PORTO ALEGRE

2020

### CIP - Catalogação na Publicação

da Silva, Ivone Jagnigri  
MÿGE KE KANHGÁG JYKRE PË KI EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO  
KAINGANG / Ivone Jagnigri da Silva. -- 2020.  
82 f.  
Orientador: Sérgio Roberto Kieling Franco.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. 2 UM POUCO DA HISTÓRIA DO SURGIMENTO KAINGANG.  
2. 3 BREVE HISTÓRICO DA TERRA INDÍGENA GUARITA. 3.  
EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO KAINGANG. 4. EDUCAÇÃO PARA  
FORMAÇÃO . 5. TEMAS ENCONTRADOS NESSA TRAJETÓRIA. I.  
Kieling Franco, Sérgio Roberto, orient. II. Título.

## **Dedicatória**

*Em memória aos Kófa, com quem aprendemos como é a vida Kaingang e aos que já não estão mais  
entre nós, mas que sempre carregamos os ensinamentos que nos foram mediados.*

---

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao deus Topê por ter me dado esta grande oportunidade e a força para seguir em frente com saúde e determinação para desenvolver este trabalho.

Agradeço também ao meu orientador, Drº Sérgio Roberto Kieling Franco, pela profunda dedicação à causa que escolhi defender e pelo carinho, respeito, paciência e exigência durante as aulas e na orientação deste trabalho. Ele foi mais que um orientador, tornou-se um amigo no qual eu confiei e que me fez sentir segura e, por isso, meus sinceros agradecimentos.

Aos professores doutores da minha banca de defesa do projeto e agora da dissertação, Maria Aperecida Bergamaschi, Sergio Baptista da Silva e Iara Tatiana Bonner, obrigada pelo carinho, pelas considerações, contribuições e recomendações. Vocês são parte integrante desse processo que qualifica a diversidade na universidade.

Aos meus amados e queridos filhos Cristiano, Denize e Alexsandro, que são a razão pelo qual consegui chegar aonde estou hoje. Obrigada por compreenderem muitas vezes os motivos de minhas ausências, sempre me apoiando e motivando nas minhas decisões. Vocês sabem que tudo que faço é pensando em ser um exemplo melhor para nossa geração. Amo vocês!

As minhas irmãs Márcia e Lúcia, que diversas vezes atenderam meus filhos quando não pude estar presente, me dando apoio sempre e acreditando no meu potencial na busca dos meus objetivos.

A minha querida mãezinha, que mesmo não entendendo bem o que me levou para longe dela, sempre me levou em suas orações para que tudo desse certo para mim. A ela, meus sinceros agradecimentos.

As lideranças da minha comunidade e das comunidades por onde passei buscando desenvolver minha pesquisa, vocês foram essenciais na minha trajetória. Obrigada!

Aos nossos queridos e amados Kófa, que são os grandes conhecedores, conselheiros, sábios, protetores dos costumes tradicionais dessa sociedade, buscando garantir a continuidade dos Kaingang.

Por fim, agradeço de modo geral a todos que de alguma forma tiveram participação e colaboraram para este trabalho.

A todos, meus sinceros agradecimentos!

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 UM POUCO DA HISTÓRIA DO SURGIMENTO KAINGANG.....</b>	<b>13</b>
<b>3 BREVE HISTÓRICO DA TERRA INDÍGENA GUARITA.....</b>	<b>16</b>
3.1 ORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES EM SETORES.....	16
3.2 UMA PESQUISADORA KAINGANG E SUA TRAJETÓRIA.....	17
<b>4 EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO KAINGANG.....</b>	<b>27</b>
4.1 AS CRIANÇAS E A EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO KAINGANG.....	28
4.2 ENSINAMENTOS PARA EDUCAÇÃO NA CULTURA KAINGANG.....	30
<b>5 EDUCAÇÃO PARA FORMAÇÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>6 TEMAS ENCONTRADOS NESTA TRAJETÓRIA.....</b>	<b>38</b>
6.1 PAPEL DOS KÓFA.....	39
6.2 EDUCAR/EDUCAÇÃO.....	40
6.3 ENSINAR/ENSINO.....	42
6.4 COSTUMES FAMILIARES.....	43
6.5 CONHECIMENTO KAINGANG.....	44
6.6 COSTUMES KAINGANG.....	47
6.7 OS RITUAIS.....	49
6.8 A ESCOLA.....	50
6.9 A INFLUENCIA DOS FÓG.....	51
6.10 IDEIAS COMPLEMENTARES.....	54
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>8 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>67</b>

## TU VĚME SĪ

Inh věnhrá tag jyjy vỹ mỹ ge ke kanhgág jykre pē ki ke mũ, isỹ inh věnhkajrān fā mág tá, jykre tag tu věnhrá kǎn ken vỹ ha. Kỹ isỹ jǎfĭn han mũ, sỹ han jé. Inh ga mág kǎki isỹ āmā tỹ pénkar ke mĩ tĭg mũ, vāme tag nón. Isỹ āmā tag mĩ tĭg ge vỹ tỹ isỹ mĩ nỹtĩ ān vigve han ge nĩ, isỹ kar ag mré vēmén jé, isỹ nén ũ jēmē sór tĩ ěn tu. Isỹ nón jǎfĭn tĩ hǎnỹ tỹ kanhgág hēren kỹ ti kajró pē tỹ mỹ ge ke tĩ, ag vỹ sỹ hēren kỹ kajrānrān tĩ āg si ag. Tag tu isỹ ũn si nỹtĩ ag mré vāmén mũ ser āmā kāsir ān mĩ. Hāra ag vỹ inh mỹ jatunmỹ tugtó mũ, ag mỹ há ěn ve sóg, ag tỹ inh mỹ tu vēmén kỹ, isỹ nén ũ jēmē sór tĩ ěn ti. Nén ũ e tu tỹ ránrán kỹ nĭj mũ gé, kanhgág ag kāme tu rá tỹ vānhven sĭ han mũ gé, ag kāmũ já ān kinhrāg jé gé. Vānhkajrān mág ja ũ ag tỹ tu ránrán já tu jǎn sóg ke gé, mỹr āg tỹ nén ũ tu rán jé āg tỹ kinhrāg han ge nĩ, kỹ isỹ ān mĩ kǎtĭg sór mũ. Kar āg tỹ kanhgág ag tỹ nén ũ kinhra ān, nén tỹ ag mỹ há ān mré hǎ jǎfĭn kỹ vej, ti ag kajró ā mré věnh ki kro kỹ nĩ ěn ti. Mỹr isỹ ag tũ pē ve ki nǎn kāmĩ nén ũ kar ān vỹ ag mré jagnē ki kro kǎn tĩ, tag vỹ isỹ věnh su jykrén han gé, inh si fag tỹ inh mỹ věnh jykre há nĭm já ān mĩ isỹ kǎtĩ hǎ vē. Kar ag tỹ ag krē kāsir, kyrũ ag, ũn sanh ag mré hǎ mỹ ge ke kỹ nén tákrỹg sór mũ ěn kinhrāg jé gé. Ag tỹ hēre sór ān ag tũ pē kǎki ke ve já ěg tỹ mũ věnhrá tag tu jǎn kỹ, ag si ag tỹ ag mỹ tuvānh já ān vỹ tar nĩ ver. Pi tag tu krónh kej ke nỹtĩ, ag tỹ nón vāsānsān kāmũ hǎnỹ ver uri kegé. Tag ve sóg ke gé, isỹ ũn sanh ag jamā mĩ tĭg já tá. Tu jǎfĭn kỹ rá tag tỹ tó han mũ, ag kanē jur mág ěn ti, mỹr ũn jykre kórég ag tỹ āg tũg sór vỹ, hāra ag pi āg tỹ hēre mũ. Kỹ ag tũ pē tỹ tũ ke tũ nĩ gé, kanhgág pē tỹ tũ ketũ nĩ gé. Hāra tóg uri jagy tỹvĩ tĩ há, nén ũ e tỹvĩ ag kutēn mỹ há, fóg ag tũ pē mré hǎ, kỹ tag vỹ tu ěg mỹ e tỹvĩ nỹ. Ag tỹ ag tũ pē tu jykrén vỹ krỹ kej ke tũ nỹ, ketũ mỹr ũ ag tỹ āg kri kāmũj mũ jǎvo. Kỹ āg si ag vỹ tag tu jykre nỹtĩ, ag nón kāmũ tag ag ve kỹ, mỹr ũn jykre kórég vỹ ěg katu tē nỹtĩ, hāra ěg pi mỹ krónh kej mũ ke ag tỹ mũ. Hǎ kỹ isỹ rán jé Kófa ag mré vāmén mũ, mỹr ag hāta kajró mág nỹtĩ. Ag vĩ rá tóg ki věnhven mũ.

**Palavras-chave:** Ěg tũpē ki mỹ ge ke; Tĭg kỹ jǎfĭn han; Ki ěmē han kỹ kinhrāg; Āg nón kāmũ ān; kanhgág tũ pē; Ga tỹ Guarita.

## RESUMEN

Este trabajo, titulado MÿgekeKanhgágjykpẽ ki (Educación en la concepción Kaingang), es una disertación de maestría en educación realizada por un Kaingang, trayendo una investigación a cabo en cinco comunidades de la Tierra Indígena Guarita. La elección de estas comunidades para desarrollar la investigación de campo tenía la intención de acercarme a la realidad local de estas personas y realizar una investigación, buscando comprender la práctica de sus conocimientos en el tema del estudio. La investigación se centra en el proceso educativo en la concepción de Kaingang por medio de diálogos con los Kófa (ancianos), desarrollados a través del mecanismo de la oralidad que percibí una certeza al abordar las palabras, los informes históricos que mostraron cómo fueron los antecedentes y las enseñanzas que les transmitieron sus abuelos, quienes fueron la base de la educación tradicional. También presento un poco de la historia sobre el surgimiento del pueblo Kaingang y algunos estudios antropológicos, como el de Juracilda Veiga, porque para escribir sobre ellos era necesario saber quiénes son y cuál es su origen. Aún describo la amplitud de la cosmología Kaingang y su relación con la educación tradicional, porque su conexión con la naturaleza es muy fuerte y es una parte integrante de esta sociedad, traigo mis experiencias personales relacionadas con la preparación que me fue transmitida. También presenta algunas expectativas del futuro cuando enseña a sus hijos y adultos sobre el futuro de la sociedad Kaingang, formándolos dentro de su cultura y llevando costumbres heredadas de sus antepasados. Es una búsqueda constante y una lucha permanente para mantener la diversidad y la riqueza cultural de esta sociedad, y pude observar de cerca mis viejos Kófa en las comunidades donde pasé. La investigación hace explícito cómo sobrevive esta sociedad a pesar de las opresiones sufridas para abandonar sus costumbres, y demuestra cómo se enfrentan los desafíos en relación con la práctica de sus costumbres frente a la sociedad circundante de hoy. También presento las preocupaciones de nuestro Kófa por continuar la práctica de transmitir las enseñanzas para mantener viva nuestra herencia cultural como sociedad, un gran esfuerzo que requiere una dedicación que solo ellos tienen. La metodología de investigación fue la oralidad, recopilada a través de conversaciones con el Kófa, que se manifiesta en este trabajo a través de la transcripción de los informes.

**Palabras-clave:** Educación Kaingang; Investigación de campo; Comprensión por la experiencia; Kaingang; Tierra Indígena Guarita.



## RESUMO

Este trabalho, intitulado **Mỹ ge ke Kanhgág jykre pẽ ki** (Educação na concepção Kaingang), apresenta uma dissertação de Mestrado em educação realizada por uma Kaingang, trazendo uma pesquisa que foi realizada em cinco comunidades da Terra Indígena Guarita. A escolha dessas comunidades para desenvolver a pesquisa de campo intencionou me aproximar da realidade local dessas pessoas e fazer uma investigação, buscando compreender a prática de seus saberes voltados para temática do estudo. A pesquisa se concentra no processo educacional na concepção Kaingang, por meio de diálogos com os **Kófa** (anciões), desenvolvidos através do mecanismo da oralidade, nos quais percebi uma segurança ao me direcionar as palavras, os relatos históricos que demonstravam como viveram seus antecedentes e os ensinamentos passados a eles pelos seus avós, que eram base da educação tradicional. Apresento também um pouco da história sobre o surgimento do povo Kaingang por meio de alguns estudos antropológicos, como o de Juracilda Veiga, pois para escrever sobre eles é preciso saber quem são e qual a sua origem. Descrevo, ainda, a amplitude da cosmologia Kaingang e sua relação com a educação tradicional, pois sua ligação com a natureza é muito forte e, como parte integrante dessa sociedade, trago minhas experiências pessoais relacionadas à preparação que a mim foi passada. Ela também apresenta algumas expectativas de futuro ao passar ensinamentos a suas crianças, jovens e adultos, quanto ao futuro da sociedade Kaingang formando-os dentro de sua cultura e carregando os costumes herdados de seus ancestrais. É uma busca constante e uma luta permanente para manter a diversidade e a riqueza cultural dessa sociedade, e eu pude contemplar de perto em minhas visitas aos **Kófa** nas comunidades por onde passei. A pesquisa explicita como essa sociedade sobrevive, apesar das opressões sofridas para deixar seus costumes, e demonstra como ela está enfrentando os desafios em relação a prática de seus costumes diante da sociedade envolvente de hoje. Apresento, por fim, as preocupações de nossos **Kófa** em dar continuidade à prática de transmissão dos ensinamentos, mantendo vivo nosso patrimônio cultural enquanto sociedade, um esforço muito grande que exige uma dedicação que só eles possuem. A metodologia da pesquisa foi a oralidade, colhida por meio de conversas com os **Kófa**, a qual se manifesta neste trabalho por meio da transcrição dos relatos.

**Palavras-chave:** Educação Kaingang; Pesquisa de campo; Compreensão pela escuta; Cultura Kaingang; Terra Indígena Guarita.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta o resultado da pesquisa realizada durante o mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulada **Mỹ ge ke Kanhgág jykre pẽ ki**<sup>1</sup> (Educação na concepção Kaingang), a qual buscou descrever a compreensão do processo educacional nos costumes Kaingang, os aspectos fundamentais para a formação das pessoas dentro de sua cultura e a preparação para a vida social. A pesquisa foi realizada em cinco comunidades na Terra Indígena Guarita: Missão Indígena, São João do Irapuá, Pau Escrito (pertencentes ao município de Redentora), KM 10 e Pedra Lisa (pertencentes ao município de Tenente Portela).

Nesse processo, procurei buscar informações que evidenciem a importância da educação segundo as crenças Kaingang, por meio dos **Kófa**<sup>2</sup>, que são os grandes conhecedores das práticas tradicionais e sabem como isso vem sendo desenvolvido em diversos espaços, no cotidiano das famílias e na comunidade em geral.

Desde minha caminhada como estudante, educadora e pesquisadora, procurei mostrar, de forma clara, a importância desses conhecimentos riquíssimos de nossos ancestrais, porque são eles a principal razão de impulso às minhas reflexões e que, de certa forma, me trouxeram para onde me encontro hoje. Eles me dão orgulho e tenho a certeza e a segurança de que somos capazes de levar esses saberes junto a nós por toda a vida.

Dessa forma, percebi em dado momento a importância de registrar os momentos vivenciados e escutados por mim nessa investigação com intuito de repassá-los aos outros por meio da escrita, de modo que os futuros estudantes possam ter acesso às informações sobre a educação tradicional, os ensinamentos e as aprendizagens da sociedade Kaingang.

Para realizar a pesquisa prática, existiam muitas dúvidas sobre a abordagem que eu adotaria para chegar nas pessoas das comunidades citadas anteriormente. Procurei ser eu mesma, sem assumir nenhum personagem: uma Kaingang que busca compreender os aspectos fundamentais que compõem a estrutura da construção do conhecimento tradicional advinda da educação. Para isso, precisava estudar métodos de aproximação dos sujeitos e entender as condutas cautelosas que eu deveria tomar, prezando sempre pelo respeito às particularidades do outro, fazendo com que os

1 Optou-se por escrever em negrito as palavras em Kaingang, de forma a destacá-las, por conta da centralidade desta língua no presente trabalho. As palavras escritas em outras línguas, que não o Português ou o Kaingang, serão escritas em itálico, seguindo a norma de redação.

2 Anciões Kaingang.

sujeitos da pesquisa não se sentissem oprimidos e conquistando, assim, sua confiança e liberdade de expressão.

Dessa forma, nos lugares por onde passei, encontrei pessoas preocupadas com algumas situações atuais em suas comunidades e, para além disso, encontrei também pessoas que se demonstraram felizes pela oportunidade de conversar e desabafar, em suas próprias palavras<sup>3</sup>, suas alegrias, indignações e insatisfações. Percebia neles a esperança de que a cultura Kaingang tenha continuidade, pois alguém está sempre buscando revitalizar os costumes de suas raízes (**järe**<sup>4</sup>).

Percebi o esforço dos **Kófa** para garantir a seus filhos e netos, que são a esperança no futuro da comunidade, a educação tradicional, realizada por eles com muita dedicação. Talvez agora de modo diferente, pois foram surgindo outras formas de educação, demonstrando outras perspectivas e caminhos para o ensinar, sempre mantendo os pilares do conhecimento cultural.

Como se isso não bastasse, continuei buscando uma compreensão maior acerca dos fatos que me trouxeram até aqui, olhando para isso de forma mais particular a partir da educação que foi passada para minha geração, as experiências vivenciadas por mim e a vontade de seguir em frente, objetivando contribuir de alguma forma para os anseios dos nossos **Kófa**. Assim, estou realizando, através do mestrado, a continuidade por esta busca de compreensão do processo da educação Kaingang.

Portanto, o resultado encontrado também relata experiências próprias, vividas através dos ensinamentos que me foram passados quando criança e as aprendizagens que considero muito importantes para esse processo, considerando a família, com ênfase nos meus avós, como principal ponto de referência para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem no modo tradicional de educação ao qual fui submetida. Sei que isso, hoje, faz de mim a pessoa que sou, uma pesquisadora que busca compreender a melhor forma para a continuidade dessa prática: **Mỹ ge ke kanhgág jykre pẽ ki**, educação na concepção Kaingang, junto à nova geração que está no presente e ajudar a prepará-los para o futuro como indígenas Kaingang por meio desta dissertação.

A partir do exposto, procurei mostrar uma compreensão mais reflexiva em relação ao tema estudado. O objetivo é deixar claro, na escrita, o reconhecimento<sup>5</sup> da importância desse processo dentro da cultura. Ainda assim, utilizei mecanismos da oralidade com os sujeitos da pesquisa para

3 Todas as entrevistas foram feitas em língua Kaingang.

4 Palavra muito usada para referenciar nossas origens e toda educação que é transmitida às gerações para continuarmos com nossas raízes sempre fortalecidas à cultura.

5 Palavra usada para esclarecer que o presente estudo será um estudo que irá mais além do que já estudei da cultura Kaingang.

dialogar sobre suas expectativas de futuro diante das situações da atualidade, discutindo a formação das crianças e jovens para a vida social.

Simultâneo a isso, compreender a trajetória dessa sociedade, sua história e modos de viver são elementos fundamentais para compor a necessidade de acreditar na busca de uma explicação que possa auxiliar os futuros pesquisadores. Nesse caso, remeto meus pensamentos à fala dos grandes filósofos<sup>6</sup> que são os **Kófa** que nos ensinam o que carregamos dentro de nós para toda vida, não apenas por onde pisamos, mas entendemos que é preciso estar sempre ligado à cosmologia e a natureza. Interpretando esses conhecimentos, contemplei a força e a resistência que nos une aos nossos ancestrais por meio dos costumes e tradições de uma cultura, assim como a metodologia utilizada por eles que se entrelaça com a educação como um todo.

*O saber de nossos anciões encaminha uma metodologia de interpretação de mundo, é o caminho que os leva ao verdadeiro conhecimento do ser indígena reafirmando sua existência e ao mesmo tempo preparando-os para um futuro contínuo a partir do pensamento, impulsionados pela tradição e cultura. (CLAUDINO, 2013).*

Foram grandes os desafios, pois enfrentamos algumas dificuldades em nossas buscas. Porém, com o passar do tempo, conseguimos compreender o respeito à privacidade por parte dos nossos protagonistas e, dessa forma, fomos entendendo quais seriam os momentos mais adequados para propor o diálogo.

Para que o trabalho seja compreendido em suas diversas etapas, esse texto foi organizado de uma forma mais didática para que ficassem claros os objetivos e pontos principais. Essa organização é descrita abaixo, nos parágrafos que se seguem.

O primeiro capítulo apresenta a introdução, com o assunto da pesquisa que será desenvolvida no texto da dissertação. Já o segundo traz um pouco da história do surgimento do povo Kaingang e sua trajetória cultural, pois é pertinente apresentar quem são, de onde vieram, como viviam no passado e como vivem atualmente em suas terras indígenas. Segundo alguns estudos sobre o povo Kaingang, eles sempre foram diferentes em sua forma de organização cultural com relação às outras etnias. Essa é uma das razões que me incentivaram a buscar uma compreensão do processo da educação no passado para compreender o presente e, sob essa perspectiva, abordei também nesse capítulo as teorias da antropóloga Juracilda Veiga como referência para complementar as informações necessárias à dissertação.

O terceiro capítulo aborda um breve histórico da Terra Indígena Guarita com o intuito de dar ao leitor uma compreensão melhor sobre o objeto de estudo dessa dissertação, conhecendo um

<sup>6</sup> Utilizei esta palavra em consideração aos nossos anciões, **Kófa**, pois só eles sabem explicar o “por quê”, o “para quê” e o “como” na educação tradicional Kaingang.

pouco da história de onde foi realizada a pesquisa, como era o local e como está atualmente. Assim, o capítulo em questão trará a história da demarcação dessa terra, seu tamanho geográfico e número de habitantes, como também a organização social local, tendo como base a estatística da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e o Portal Kaingang.

O quarto capítulo apresenta reflexões e análises sobre a concepção indígena Kaingang em relação à *mỹ ge ke kanhgág jykr epě ki* (Educação na Concepção Kaingang) e descreve esse processo educacional ao longo da vida dos Kaingang, sua amplitude dentro da cultura e as relações interpessoais entre os sujeitos que absorvem a aprendizagem e os sujeitos transmissores do ensinar.

O quinto capítulo aborda a compreensão da educação na concepção Kaingang como formadora de pessoas, a partir das máximas “formar quem, para quê, por quê? Também mostrei a importância dos rituais e do tempo no processo bem como o método utilizado para ensinar”. Nesse sentido, busquei relatos dos **Kófa** para melhor compreender esse processo e, para complementar as informações coletadas, utilizo algumas referências bibliográficas que investigaram essas questões.

O sexto e último capítulo destaca os desafios encontrados na trajetória histórica do povo Kaingang para assegurar a continuidade da sua geração e seus costumes, lutando para manter suas concepções próprias, visões de mundo e seus conhecimentos científicos, que são quase constantemente ameaçados. Abordo também a adaptação dos Kaingang aos novos modos de vida e diante da introdução de uma cultura diferente, pois esses são aspectos que romperam um pensamento sobre organização própria, que vinha, há séculos, sendo construído da melhor forma para o bem-viver da sociedade Kaingang. As informações coletadas advêm dos sábios das comunidades, adquiridas a partir de entrevistas.

No decorrer deste trabalho, encontramos muitos saberes que estavam guardados na memória dos conselheiros das famílias e contemplamos algumas experiências próprias em relação às práticas de ensinar, que na concepção Kaingang consiste na educação transmitida através da oralidade, sendo por meio da fala e do escutar a concretização do processo de aprendizagem. A partir dessa compreensão, procuramos abordar, de forma resumida, na conclusão da dissertação a escrita das informações coletadas para cada capítulo que completa nosso tema em estudo e alguns assuntos adicionais que achamos relevantes de serem abordados como forma de complementação desse estudo.

## 2 UM POUCO DA HISTÓRIA DO SURGIMENTO KAINGANG

Antes de tudo que se refere à pesquisa sobre **Mỹ ge ke Kanhgág jykre pē ki** (Educação na Concepção Kaingang), penso que seria importante apresentar a história do surgimento do meu povo. Juracilda Veiga descreve em sua publicação, intitulada “Aspectos Fundamentais da Cultura Kaingang” (VEIGA, 2006), que os Kaingang sempre foram diferentes em sua forma de organização cultural frente às outras etnias e culturas indígenas.

Quanto ao surgimento ou a origem do povo Kaingang, temos uma versão que diz que “a tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta sociedade que saíram da terra (...) saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos com o nome **Kanhrukrê** e **Kamē**” (NIMUENDAJU *apud* VEIGA, 2006). Isso torna os Kaingangs divididos em dois grupos distintos através de marcas, uma no formato comprido **rá téj** que se entende ser uma metade **Kamē** e outro no formato arredondado **rá ror** que se entende ser da metade **Kanhrukrê**. Essas são características fundamentais e importantes para identificação, que é cultivada e preservada na realidade cultural. Nossos **Kófa** lutam para dar continuidade à essa prática tradicional no matrimônio, que significa a união de duas metades que garante a continuidade do povo Kaingang. Se não houver o cumprimento dessa regra, a sociedade Kaingang estará, segundo eles, ameaçada, pois surgirá uma geração doente e enfraquecida pelo erro próprio. É para dar continuidade e possibilidade de compreender as teorias do surgimento Kaingang que as marcas e as duas metades são a realidade cultural que prevalece, bem forte, em muitas terras indígenas para formar matrimônio. Cito uma fala bem importante que achei pertinente para complementar o estudo, que é a fala do senhor José Tỹmỹnua Claudino, 90 anos, 2005 (entrevista realizada para conclusão do curso magistério específico indígena):

*Contam nossos avós que, no começo da história, havia índios espalhados na grande mata **nān mág**, até que um dia houve uma grande briga **rúrú mág** entre eles e assim se dividiram. Um grupo foi para o lado onde o sol nasce **rā jurja** (nascente ou leste), esses tinham marcas compridas **rá téj**, pintadas em seu corpo e outro grupo foi para o lado onde o sol se esconde **rā purja** (poente ou oeste) esses tinham marcas redondas **rá ror**, pintadas em seu corpo.*

*Cada grupo tinha um líder. E dizem eles que, quando se encontravam, brigavam e por isso procuravam não se encontrar. Contam nossos avós, que eles se casavam entre as pessoas do mesmo grupo. Mas acontecia uma coisa bem estranha, porque as crianças que nasciam desses casamentos poucos sobreviviam, pois, nasciam com problemas de saúde, fracos, e acabavam morrendo **kāgter**. Nesse caso, os grupos não aumentavam, mas diminuía cada vez mais. Então os líderes ficaram muito preocupados com essa situação.*

*Um dia, o líder de cada grupo resolveu buscar ajuda com seus **jagrê** espíritos da mata. Assim receberam orientações sobre o que estava acontecendo. E o **jagrê** disse:*

*— Essa mortandade que está sobre vocês não vai ter fim. Vocês vão terminar porque estão fazendo tudo errado, casando entre vocês mesmos. Se vocês querem se salvar, devem se entender entre os dois grupos para fazer o casamento entre as marcas opostas. Assim o povo de vocês vai sobreviver, porque as crianças desses casamentos nascerão fortes e saudáveis. E os filhos de vocês aumentarão e dominarão a terra!*

*Assim, os líderes conversaram com as pessoas de seu grupo explicando o que foi lhes passado pelo **jagrê** espírito da mata. E todos concordaram e aceitaram a ideia. Então, os dois grupos marcaram encontro entre eles e, dessa vez, sem briga, mas para um encontro de paz e união entre eles. Assim aconteceu que, a partir disso, decidiram não mais brigar, mas trabalharem juntos e fazer os casamentos entre as duas metades como foi dito pelo **jagrê** espírito da mata.*

*Nesse momento, segundo nossos avós, surgiu que os da marca redonda seriam os da metade **Kanhrukrê**, e os da marca comprida seriam os da metade **Kamê** e ao se casarem entre as duas marcas opostas todos se tornariam **jamrés** (cunhados), e onde aconteceria a união das duas metades. E os da mesma marca **régre** (irmãos). Mas com a união das duas metades através de matrimônio tornariam todos parentes. Por isso, os kaingang sempre viveram e vivem em união entre eles.*

O termo “Kaingang” aparece somente em 1882. Anteriormente, eram chamados de “Coroados”, em meados do século XIX, segundo os autores que se referiam aos Kaingang de diferentes locais (VEIGA,2006).

Os Kaingang foram o grupo mais numeroso que vivia espalhado em grande pedaço de terra no sul do país desde começo da sua história. Atualmente, ainda são a sociedade mais numerosa na região sul. A expansão e ocupação desses grupos foi identificada geopoliticamente nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e a etnia apresenta hoje a terceira maior população indígena do país e o maior povo do tronco linguístico Jê, com uma população aproximada de 37 mil habitantes (FREITAS, 2017, p.37). A ocupação colonizadora do território tradicional Kaingang no Rio Grande do Sul é considerada a última ocupação da fronteira interna do Brasil (LUCKMANN, *apud* FREITAS, 2017).

A história que ouvimos, contada pelos nossos **Kófa**, que são os **Kajró mág** (sábios), é que os primeiros contatos entre eles e os colonizadores foram muito sofridos e muitos deles morreram lutando e trabalhando como escravos.

Segundo o que seu Adelino da Rosa relata quando fomos junto a ele até o local onde eles trabalhavam quando jovens, nas mãos dos não-indígenas, todos os homens e rapazes eram obrigatoriamente levados para aquele local, a fim de construir uma represa no rio Guarita para posteriormente construir uma usina hidrelétrica que, naquela época, diziam que seria para os indígenas. *Por isso não ganhávamos nada em troca do serviço e passávamos fome também*, diz ele. *Enquanto uns cavavam enormes curvas, eu e meu pai, com os outros, carregávamos pedras enormes para montar uma em cima da outra, e nós tinha que trazer essas pedras dentro da água*, dizia ele, emocionado. Contou que um dia, um dos rapazes ao se jogar na água e tentando trazer a pedra com a ajuda dos outros, de repente a pedra girou sobre ele e o afogou naquela água. *A partir dessa morte do rapaz, ficamos todos bravos e aí deu conflito entre nós e os nossos chefes diz ele. É uma longa história*, diz ele. Mas como os colonizadores eram em grande número, não era possível enfrentá-los. Isso levou à invasão dos territórios habitados pelos nossos ancestrais.

Desde então, os Kaingang seguiram lutando pela conservação de seus costumes e práticas da educação tradicional. Em todos os aspectos, compreendemos que as intenções dos colonizadores eram de exterminar com essa sociedade, fazendo que essas populações não sobrevivessem para manter as formas culturais de subsistência.

Como explica a história do surgimento Kaingang e das duas metades, fica claro que a ligação com a terra e com a mata é muito forte, pois significa o todo, a sobrevivência. É de onde vem toda a organização, a cosmologia do dualismo, a união e a aliança através do matrimônio, a crença e a liberdade de viver sua cultura e costumes. Essa crença explicita os aspectos das lutas pela terra e a preservação na natureza, pois é de onde vem suas origens. É possível perceber que na concepção Kaingang, todo o conhecimento, ensino e a aprendizagem que compõe a educação está interligado com a cosmologia, não somente para compreendermos o surgimento dessa sociedade, mas também para analisarmos que todo elemento que compõe a natureza faz parte do dualismo Kaingang. Sobre o mesmo assunto, faço uma citação retirada de um artigo do autor Sergio Baptista da Silva:

*Na realidade, as patrimetades Kaingang representam apenas um aspecto – o sociológico – de toda uma concepção dual do universo. Todos os seres, objetos e fenômenos naturais são divididos em duas categorias cosmológicas, uma ligada ao gêmeo ancestral Kamé, e a outra vinculada ao gêmeo ancestral Kainru. Principalmente, as metades são percebidas pelos Kaingang como cosmológicas, estando igualmente ligadas aos gêmeos civilizadores, os quais emprestam seus nomes a elas. (SILVA, 2002, pg.190).*

Os Kaingang vêm trazendo essa cosmologia desde sua ancestralidade, e a educação tradicional vem a repassando às novas gerações, que darão a continuidade dessa cultura patrimonial riquíssima dessa sociedade. No entanto, atualmente os Kaingang vivem em seus espaços reservados pela União, preservados para não se distanciarem muito da natureza. Onde suas terras são produtivas no momento que eles necessitam e da maneira deles. Usufruem dos recursos naturais para sobrevivência e a prática de seus costumes.



### 3 BREVE HISTÓRICO DA TERRA INDÍGENA GUARITA

Como pesquisadora Kaingang, achei pertinente complementar a minha dissertação relatando um pouco sobre a Terra Indígena onde está localizada a comunidade em que nasci, denominada Missão Indígena, onde fui criada dentro de uma educação tradicional que me preparou para a vida. Minha primeira escola me preparou para a vida, já com uma visão diferente sobre a educação tradicional. Essa compreensão me levou a ter orgulho da minha geração e das minhas raízes como nativa desse lugar.

A Terra Indígena Guarita é uma das maiores em sua extensão territorial e populacional do Rio Grande do Sul, localizada ao noroeste do estado entre os municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco. Sua demarcação oficial ocorreu em 1918 pela comissão de Terra de Palmeiras, RS, e a redemarcação ocorreu em 1997(PORTAL KAINGANG, 2016).

Atualmente, a Terra Indígena Guarita conta com 23.406,87 hectares, com uma população aproximada de 7.000 habitantes. Ela abriga duas etnias indígenas com cultura e costumes diferentes: Kaingang e Guarani. A maioria da população é Kaingang, e esses possuem um cacique e vice cacique. Os dois grupos da população Guarani também possuem um cacique em cada comunidade. Assim, cada etnia vive sua própria organização e modo de viver dentro dessa Terra Indígena.

Em uma entrevista com a funcionária da FUNAI Ana Maria, diz ela que o território da Terra Indígena Guarita é dividido em 17 setores(comunidades), incluindo os Guaranis. Sendo assim, temos os setores(comunidades) Pedra Lisa, ABC, Três Soitas, Linha Esperança, e K10, que pertencem ao município de Tenente Portela. Pau Escrito, Linha mó, Bananeiras, Taquarçú, Missão indígena, Mato Queimado, Laranjeira, São João do Irapuá, São Paulo e Estiva pertencem ao município de Redentora. Além disso, temos Capoeira dos Amaros e Gengibre são comunidades Guaranis que pertencem ao município de Erval Seco. (FUNAI, 2018).

#### 3.1 ORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES EM SETORES

Cada comunidade possui sua forma de organização dentro do setor junto a seu Capitão, que é o líder daquela comunidade. A organização das lideranças é composta pelo capitão, um tenente, um delegado, conselheiros e policiais que a atendem às ordens do Capitão. Em comunidades maiores temos um capitão geral, um coronel e um major. Esses ajudam nos planejamentos

administrativos em melhorias, criando e adequando as políticas internas às leis internas junto ao Cacique, que é o líder maior dentro da terra indígena.

Além disso, atualmente as comunidades são muito ligadas à religião imposta pela igreja evangélica, apesar da catequização inicialmente ter sido muito implementada por parte da igreja católica. Tanto é assim que encontramos hoje várias igrejas evangélicas dentro da terra indígena. No entanto, eles não mudaram totalmente a maneira de viver culturalmente, pois os costumes próprios são bem fortes em algumas comunidades. Procuram manter a cultura bem preservada junto às práticas tradicionais, que são bem visíveis em alguns aspectos, como na alimentação típica, medicação com plantas medicinais, atividades artesanais, língua materna, preparação das lavouras, plantio de sementes, caça, pesca, coleta do mel e de frutas nativas e preservação da natureza.

Pela nossa percepção, as pessoas mais velhas que são os **Kófa** estão procurando, de todas as formas, assegurar a permanência desses conhecimentos como patrimônio cultural de seu povo e se preocupam muito com a nova geração, pois são eles os herdeiros dessa riqueza.

### 3.2 UMA PESQUISADORA KAINGANG E SUA TRAJETÓRIA

Como citado anteriormente, sou natural da Terra Indígena Guarita, meu nome é Ivone Jagnigri da Silva, nascida aos 25 dias do mês de maio de 1969, na comunidade do Setor Missão – município de Redentora, RS. Minha mãe se chama Francisca Regso Amaro, ela é da metade **Kanhrukrê**, e foi ela que escolheu esse nome para mim por se inspirar no trabalho de uma enfermeira não indígena chamada Ivone. Meu sobrenome “Silva” vem da geração de meu pai, Felipe da Silva, que é da metade **Kamê**. Por esse motivo sou da metade **Kamê**, porque na cultura Kaingang o seguimento da família é patrilinear. E meu nome em Kaingang, Jagnigri, foi escolhido pela minha avó materna porque é da metade **Kamê** e o motivo da escolha desse nome é porque Jagnigri era uma mulher com grande conhecimento sobre uso de plantas medicinais nativas para curar pessoas com enfermidades e, segundo conta minha avó, que era muito respeitada na comunidade, com esse nome eu poderia ser igual a ela, na concepção de minha família. Fui batizada com esse nome pelo meu padrinho Juvêncio Jórá Claudino aos meus 3 dias de vida.

Sou de uma família simples, e a mais velha de minhas duas irmãs, Márcia e Lúcia. Meus pais não se preocuparam em estudar, pois segundo eles não havia escola perto no tempo deles e também não era obrigatório frequentar escola. Tudo era difícil na época, por isso se dedicavam mais ao trabalho na roça, formavam pequenas plantações, como de batata-doce, milho, mandioca, cana-de-açúcar e entre outros, e também se dedicavam mais às atividades tradicionais, como a prática da

caça, pesca, coleta de mel na mata, coleta de frutas nativas e confecção de utensílios artesanais, que serviam como instrumento de armazenamento próprio, para guardar roupas e alimentos.

Os ensinamentos próprios da cultura Kaingang prevaleciam fortemente nas famílias, isto é, a educação tradicional prática era bastante valorizada em detrimento de outros saberes, como a escrita. Tanto é que minha mãe não conhece nem uma letra do alfabeto, não sabe assinar o nome dela. Eu procuro ajudá-la, ensinar as letras, mas ela nunca quis aprender. Meu pai foi aprendendo com a vida e hoje sabe ler um pouco. Apesar disso, ambos são muito sábios em relação às práticas tradicionais. Conhecem bem a matemática tradicional, sem conhecer números. É muito encantador ver o conhecimento deles. Eles se separaram quando eu ainda era bebê e quem me criou e educou foi a minha mãe e minha avó materna. Cuidaram de mim com muito carinho e dedicação, sempre envolvidas com lavoura para se manterem. E foi assim que me criei, adorava ir à roça com elas. Na minha família todos eram falantes da língua Kaingang.

Quando comecei a perceber as coisas que aconteciam ao meu redor, percebia meu tio Armando Amaro, irmão de minha mãe, sair todo dia com cadernos, mas eu, criança, não fazia ideia do que ele fazia. Um dia ele me chamou para conversar e disse que ia me dar uns presentes, e foi puxando um baú daqueles bem antigos e abriu. Estava cheio de papéis, livros, lápis e ele foi me dando alguns dizendo que era para eu brincar com isso e me explicou como devia segurar o lápis para rabiscar. Para mim era novidade, pois não tinha brinquedos nem irmãos para brincar. Nessa época, estava com 3 anos de idade e foi o meu primeiro contato com caderno e lápis. Minha avó dizia que eu não podia usar isso porque não ia servir para mim. Ela gostava muito que eu acompanhasse em todas as atividades dela, para aprender com ela os conhecimentos que julgava úteis para meu futuro. Ela me passava muitos ensinamentos tradicionais, me educava conforme os costumes, para que, quando eu fosse moça, soubesse me cuidar e, quando fosse mulher casada, soubesse cuidar do meu marido e atender a minha sogra. Esse era o futuro para o qual ela me preparava, para ser uma mulher com responsabilidades domésticas e educada conforme os costumes Kaingang.

Depois de um tempo, eu comecei a perceber que vinham pessoas na nossa casa conversar com a minha família. Naquela época eu não entendia do que se tratava, depois descobri que estavam ensinando a Bíblia. Assim, em pouco tempo, a religião ficou forte e todos eram obrigados a seguir os ensinamentos da Bíblia. Pouco depois, todos da minha família haviam se tornado evangélicos.

A partir daí, minha avó sempre ia para a igreja e eu a acompanhava. Eu a ouvia dizer para minha mãe que não era para me mandar à escola tão cedo, ou então “só depois que eu morrer” dizia, pois, acreditava que a escola ia estragar os ensinamentos que ela me passava. Hoje penso que o estudo formal, da forma com que era transmitido na escola, não tinha nenhum significado para ela.

Quando estava com 5 anos de idade, nasceu a minha irmã Márcia e fiquei muito feliz porque ia ter alguém para brincar comigo. Passado um ano, minha avó veio a falecer e ficou somente minha mãe, que tinha que trabalhar para nos criar. Um dia, minha mãe conversou comigo e explicou que eu deveria começar a frequentar a escola, pois já estava com 6 anos de idade e assim fui, primeiramente empolgada e alegre, e depois decepcionada, pois demorei muito para me adaptar àquela realidade. Assim, meu primeiro ano de escola foi em 1975, cursando a primeira série na Escola Indígena Marechal Rondon. Meu primeiro professor foi o indígena Antônio Candido, que me alfabetizou na língua materna Kaingang. Todos eram falantes da língua materna naquela época.

A partir daí, fui aprendendo a ler e escrever, pois o professor era muito dedicado e utilizava várias metodologias para nos ensinar, o que facilitou meu aprendizado. Somente na segunda série comecei a ser alfabetizada na língua portuguesa com uma professora não-indígena que se chamava Zaida Maria Nascimento. Tive minhas dificuldades na língua portuguesa, pois minha família era falante apenas a língua Kaingang no cotidiano e o meu contato com a língua portuguesa era somente no ambiente escolar. Encarar a língua portuguesa foi muito difícil no primeiro momento, mas devido à dedicação e paciência da professora, em pouco tempo passei a aprendê-la. Lembro muito bem das dinâmicas que ela utilizava para incentivar os alunos na leitura e na matemática. Com essa professora, aprendi a gostar das aulas de matemática e tirava melhor nota da turma, tanto é que ela dizia que eu ia ser professora de matemática quando crescesse.

O tempo foi passando, passei para a terceira série e nunca reprovei desde que comecei a frequentar as aulas, sempre fui uma aluna dedicada e esforçada e nunca esqueci das primeiras letrinhas que aprendi na minha alfabetização. Na quinta série, comecei me interessar pela área da saúde e passou a ser meu sonho virar enfermeira. Meu professor era um não-indígena e se chamava Nadir Aires da Silva. Ele sempre questionava os alunos sobre o futuro e nos incentivava para que não desistíssemos dos nossos sonhos. Ele também dava cursinhos para aprender a escrever na máquina de datilografia em escrivatinhas daquelas bem antigas. E eu ia à aula de manhã e durante a tarde ia para esse curso ministrado pelo meu professor, no qual fui aprendendo a escrever na máquina e meu crescimento era constante.

Durante essa minha trajetória, mais precisamente em fevereiro do ano de 1979, ganhei mais uma irmãzinha, a Lúcia, a qual minha mãe deu à luz em casa e eu auxiliei no parto, pois não tínhamos ninguém para ajudar. Esse dia foi muito marcante para mim por presenciar a chegada da minha irmã ao mundo, que hoje é também uma grande educadora na escola indígena.

Eu, assumindo o papel de mais velha, tinha o dever de ajudar a minha mãe a cuidar das minhas irmãs e da criação delas e sonhava em dar o melhor para minha família quando fosse adulta e tivesse um emprego, mas as coisas não aconteceram bem assim. Com 13 anos de idade fui

brigada a assumir um matrimônio, pois minha mãe e meu pai tinham tratado com os meus futuros sogros desde que nasci o acerto do meu casamento. É um costume cultural Kaingang que, quando nasce uma menina, ela fica comprometida conforme o gosto da família e minha mãe não havia me contado que tinham feito isso comigo, somente quando chegou o ano do casório ela me explicou tudo e fui pressionada a concordar a decisão tomada por eles. Foi um dos momentos mais marcantes que tive em minha vida. Eu era apenas uma criança, tive que desistir dos meus estudos e os sonhos foram ficando cada vez mais distantes.

Em julho de 1982 me casei, conforme o combinado entre os pais do meu futuro marido e os meus. Depois disso, fui aos poucos constituindo minha família e tive meus filhos, uma menina que se chama Denise e dois meninos, Cristiano e Alexsandro.

Como nunca é tarde para um recomeço, com apoio da minha família, decidi retomar meus estudos em junho de 1997, e busquei uma escola não-indígena, Escola Estadual Américo dos Santos, que ficava em uma vila perto de onde eu residia e oferecia o ensino fundamental completo. Comecei a frequentar as aulas na 6ª série.

A partir daí, as coisas foram acontecendo. Quando comecei as aulas, abriu uma vaga para ser merendeira do colégio, por meio da Prefeitura Municipal de Redentora. Fiz a inscrição e em poucos dias fui chamada para trabalhar como merendeira na escola Indígena Herculano Joaquim, localizada na comunidade de Laranjeira, Terra Indígena Guarita. Foi meu primeiro emprego com carteira assinada e recebendo um salário. Naquele momento, passei a me direcionar para área da educação porque gostei muito da escola onde fui trabalhar e a interação com crianças e professores era muito boa.

Porém, como tudo aconteceu tão rápido e, na época, eu não tinha recursos para comprar material escolar, comecei as aulas com caderno emprestado da minha irmã e nunca me esqueço de um dia que, por falta de material, pedi ajuda para a diretora da escola onde estava trabalhando e ela foi muito compreensiva, me incentivou muito a me esforçar e para virar professora um dia, pois viu em mim essa vocação. Lembro-me que, naquele tempo, não tínhamos energia elétrica em casa e eu só tinha tempo de fazer os trabalhos à noite, então acendia vela de cera para iluminar e enquanto meus filhos dormiam eu ficava ali escrevendo. Nunca perdi a esperança de continuar buscando o que era melhor para mim e meus filhos, apesar de todos os obstáculos enfrentados.

Minha vida passou então a ser uma correria diária, trabalhando, estudando e cuidando os filhos que também já estavam frequentando o colégio. Tive muito apoio da minha mãe e das minhas duas irmãs, Márcia e Lúcia. Quando eu já estava no último ano do ensino fundamental, em 2000, que, na época, era até a 8ª série, surgiu outra oportunidade, pois abriu inscrição para contrato

temporário de professores indígenas pelo Estado e era permitido se inscrever com ensino fundamental incompleto, desde que seja falante da língua materna.

Era uma oportunidade que o Governo do Estado da época estava abrindo para que os indígenas pudessem trabalhar em suas escolas e, graças a isso, fui chamada para trabalhar com as séries iniciais do ensino fundamental no mês de maio de 2000, na mesma escola onde estava trabalhando de merendeira: Escola Estadual Indígena Herculano Joaquim. A diretora da escola ficou muito feliz e sempre me dizia que eu ia chegar muito longe ainda, pois acreditava no meu potencial, e falou naquele dia uma coisa que nunca esqueci: quando ela se aposentasse, eu ia ficar no lugar dela, na direção daquela escola. Parecia brincadeira. Eu estava muito feliz com as oportunidades que me abriram na área da educação e com as crianças com quem eu estava trabalhando desde então.

No final do ano de 2000, concluí o ensino fundamental e já trabalhava como professora. Continuei meus estudos e, no ano de 2001, comecei o Ensino Médio na Escola Estadual Feliciano Jorge Alberto, na cidade de Redentora, que ficava a 20 km da localidade onde eu morava e onde as aulas eram à noite. Segui frequentando as aulas, apesar do esforço, pois não era fácil por conta da minha rotina cansativa. Eu saía direto para pegar o transporte escolar que passava a 1 km do meu local de trabalho e passei muitas dificuldades, mas valeu a pena o esforço porque hoje vejo o resultado e fico muito grata e feliz.

No mesmo ano de 2001, no mês de julho, surgiu mais uma grande oportunidade, pois a UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, junto com a Escola de Educação Básica Francisco de Assis, estava oferecendo o Curso Normal Experimental de Formação de Professores Indígenas Bilíngues Kaingang ou Guarani para os anos Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto **Vãfy**, ministrado por essa escola, pela UNIJUÍ e pela FUNAI, em convênio de Cooperação Técnica e Científica FIDENE/FUNAI. Matriculei-me para ter essa formação também. Esse curso era por etapas e no período de férias, e era realizado na Escola Estadual Indígena Toldo Campinas no setor Estiva – Terra Indígena Guarita.

Além do Ensino Médio, passei então a frequentar esse curso. Por meio dessa formação aprendi a trabalhar com pesquisas sobre a minha própria cultura e foi quando percebi os **Kófa** como os grandes conhecedores da história e da trajetória do povo Kaingang. Com isso, comecei a ter uma preocupação maior direcionada a educação escolar indígena e me tornei uma pessoa com muita curiosidade. Fazer descobertas para essa área do conhecimento por meio das pesquisas era muito gratificante.

No mesmo ano, outro fato muito importante e marcante para mim foi meu encontro com todos os professores indígenas Kaingang e Guarani do Rio Grande do Sul. Ocorre que o governo,

que estava no mandato naquele ano, abriu uma oportunidade, através de encontros de formação continuada, onde os professores indígenas podiam discutir as situações e os problemas da educação indígena. Os temas eram gestão escolar, bilinguismo, alfabetização e formas de fazer a educação escolar nas comunidades conforme a realidade cultural. Foram muitos encontros discussões com objetivo de construirmos, juntos, o regimento coletivo para escolas estaduais indígenas Kaingang e Guarani, o Estado através da Coordenadoria Regional de Educação, bancou os recursos para esse fim. Esses encontros aconteceram na cidade de Marcelino Ramos.

Assim, ao longo dos anos de 2001 e 2002, foi construído o documento com o resultado das discussões feitas nos encontros, tendo sido criado o regimento coletivo, que foi concluído no final do ano de 2002 e enviado para todas as escolas do RS. Até hoje, as escolas indígenas se baseiam nesse documento que tivemos participação, com muito prazer.

No entanto, consegui concluir o Ensino médio regular no final do ano de 2003 e conclui o curso do Projeto **Vãfy** no mês de agosto do ano de 2005, tendo assim o Título de Professora Bilíngue para Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Escola Indígena.

No ano de 2005, o Governo Estadual abriu concurso público estadual para professores indígenas. Fiz o concurso também e consegui passar, fui chamada para assumir como professora concursada com regime de 20 horas semanais, pelo Estado, e para fazer o estágio probatório na mesma escola onde eu já estava trabalhando.

Foram acontecendo as coisas e meus filhos também foram crescendo e estudando. No começo do ano de 2008, recebi o maior presente da minha vida, pois a minha filha Denise Letícia Marcolino concluiu o ensino médio no final de 2007 e ao mesmo tempo fomos informados de que a UFRGS estava abrindo as portas para ingresso de estudantes indígenas, e, por meio do incentivo da família, ela decidiu fazer o processo seletivo de ingresso da primeira turma de indígenas na UFRGS, escolhendo a área da enfermagem e foi selecionada para ingressar na universidade ainda em 2008. Naquele momento, percebi que meu sonho, quando criança, de ser enfermeira, estava acontecendo através da minha filha que estava pronta para seguir nessa área de estudo. Foi muita alegria para a família, principalmente para mim.

Também no mês de maio do ano de 2010 recebi um convite para participar do **VIII ELES**  
**– Encontro Sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas: Inclusão das línguas indígenas no mundo digital, produção e publicação e uso de materiais didáticos em línguas indígenas**, realizado em Dourados – MS, na Universidade Federal da Grande Dourados coordenado pelos prof. Dr. Antonio Dari Ramos (UFGD), prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis (UNICAP), Dra. Juracilda Veiga (FUNAI/Kamuri), onde estavam presentes professores e lideranças de todo país. Foram momentos inesquecíveis, pois tive a oportunidade de conhecer colegas de outras etnias que se



esforçam e lutam pela educação indígena específica e diferenciada de qualidade e o ensino na língua materna nas escolas indígenas. Nessa oportunidade, tive o prazer de participar das discussões durante uma semana. Foi muito favorável para troca de conhecimentos. O que me chamou muita atenção, durante o tempo que fiquei lá, foi ver que tinha indígenas fazendo vários cursos de graduação em Universidade Federal da Grande Dourados e isso me motivou muito em continuar buscando formação para a minha carreira dentro da educação.

Além disso, participei de muitos cursos de formação continuada para séries iniciais do ensino fundamental como também para escola do campo, o que ampliava cada vez mais a minha visão diante da educação escolar indígena.

No ano de 2011, fomos informados sobre curso de graduação com o nome Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica para Indígenas, que a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) estava oferecendo para as três etnias do sul, Kaingang, Guarani e Xokleg laklãno. Eram 40 vagas para cada etnia. Assim que fiquei sabendo fui atrás das informações para fazer o vestibular. Fiquei muito feliz, pois era uma grande oportunidade que estava se abrindo para tentar entrar em uma universidade federal.

O curso estava dividido em três terminalidades que eram: ênfase em gestão ambiental; em linguagens e em direitos indígenas. Fiz o vestibular para o curso com ênfase em Gestão Ambiental na cidade de Xanxerê – SC e fui selecionada para ingressar naquela universidade. Finalmente, depois de um longo percurso na área da educação, estava começando uma nova fase com grandes perspectivas. Foram 4 anos de curso e de muita pesquisa, descobertas, aprendizagens e vivenciando momentos marcantes e significantes para minha formação.

A minha aprendizagem estava voltada para trabalhar na escola indígena com a educação específica e diferenciada, direito garantido pela Constituição Federal aos povos indígenas e, como eu já estava acompanhando a trajetória das escolas indígenas, era um prazer estar discutindo situações e procurando soluções ao mesmo tempo. O tempo que fiquei na universidade me fez uma pessoa preocupada com minha comunidade, pois comecei perceber alguns problemas dentro da minha terra indígena na educação escolar, na saúde, nas organizações e na questão da educação ambiental. Como era apenas professora, procurava trabalhar da melhor forma possível para trazer para sala de aula tudo que estava aprendendo e o que me preocupava no dia a dia da comunidade.

No ano de 2012, quando ainda estava fazendo o curso de graduação na UFSC, fomos informados de que o governo estadual estava abrindo mais um concurso público em que os professores indígenas poderiam fazer também. Então, fiz o concurso e novamente consegui passar e fui chamada a assumir mais uma vaga de professor concursado pelo Estado e, como já tinha



20horas, agora estava com 40horas semanais de trabalho, concursada pelo Estado do Rio Grande do Sul.

Quando estava no 5º semestre do meu curso na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), fui incluída no projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Diversidade UFSC, coordenada pelo professor Elison Antônio Paim, sendo, desse modo, bolsista daquele projeto para fazer pesquisas e registros que seriam para compor um livro de história intercultural. Através disso, tive a oportunidade de fazer pesquisas sobre os alimentos tradicionais Kaingang, a infância Kaingang e sobre os artesanatos kaingang. Era mais uma oportunidade de mostrar o valor da minha cultura e dos meus costumes através de pesquisas e esses estudos me oportunizaram apresentar trabalhos no I Simpósio de Integração Cultural realizado na UFSC, em 2014, destacando os valores da cultura Kaingang.

Dessa forma, para finalizar meu curso de graduação em licenciatura indígena com ênfase em Gestão Ambiental, realizei o trabalho de conclusão com o projeto intitulado “História Ambiental da Fauna e Flora para os Kaingang na Terra Indígena Guarita”, com a orientação da profª Drª Natalia Hanazaki, com objetivo de saber que preocupações as pessoas percebem no meio ambiente em que vivem, analisando o passado, os problemas do presente e as perspectivas de futuro dentro da Terra Indígena e, com isso, buscar uma compreensão da história do meio ambiente acerca do conhecimento local sobre a importância da fauna e flora para os Kaingang, tanto no passado como atualmente. Este trabalho foi resultado da minha visão em relação a minha terra indígena, pois os Kaingang, no passado, viviam suprindo suas necessidades buscando recursos na natureza, mas, nos dias atuais, percebe-se a redução das espécies e variedades de recursos que antes eram abundantes, e isso provocou em mim uma grande reflexão sobre a vida Kaingang e seus costumes tradicionais.

No ano de 2015, no dia 8 de abril, aconteceu a cerimônia mais esperada, que foi a colação de grau, momento importantíssimo que coroou os meus 4 anos de graduação e onde recebi o título de Licenciada em Gestão Ambiental, capacitada para dar aula na área de ciências e matemática para as séries finais do Ensino Fundamental e de biologia, química, física e matemática para Ensino Médio nas escolas indígenas.

Como todo profissional deve buscar formação para enfrentar os desafios que vêm surgindo a cada dia, assim que concluí a graduação procurei um curso de pós-graduação e consegui me matricular na UNIASSELVI (Uni Associação Educacional Leonardo da Vinci), que, por ser de uma instituição privada, era preciso pagar um valor mensal. O curso era a distância e *on-line*. Como não tinha exatamente para minha área de formação, optei pelo curso de “Supervisão e orientação de escolas”, pois precisava ampliar meus conhecimentos sobre as leis que regem a educação escolar e

as escolas. O curso foi muito bom, pois tinha todas as informações claras sobre a função do supervisor e do orientador das escolas.

Para conclusão de curso, realizei o projeto intitulado “Bilinguismo nas escolas indígenas: um desafio constante”. Este trabalho foi fruto da minha trajetória na área da educação escolar indígena Kaingang, na qual percebi nos professores algumas dificuldades em trabalhar com isso em sala de aula, pois atualmente temos escolas com alunos falantes na língua materna e temos escolas com alunos não-falantes da língua materna. Observei que isso causa um impacto direto na aprendizagem, provocando desinteresse e desistência de alguns alunos após concluir o ensino fundamental ou médio, e percebi também que professores indígenas estavam deixando de falar a língua materna e usando somente a língua portuguesa, e isso causou problemas no quesito “educação específica e diferenciada indígena” que tanto buscamos e lutamos para acontecer. Essa preocupação me levou a escolher esse assunto para pesquisa de conclusão da pós-graduação.

Ao longo dos estudos, encontrei mais uma oportunidade, que era o projeto Saberes Indígenas nas Escolas, coordenado pela prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Maria Aparecida Bergamaschi (UFRGS), onde encontramos, mais uma vez, a grande oportunidade de nós, professores indígenas, divulgarmos a nossa cultura e a maneira como trabalhamos com ela nas escolas indígenas, através de pesquisas com alunos. Foram momentos para troca de conhecimentos entre colegas de outras Terras Indígenas, resultando em muita aprendizagem. Também conseguimos produzir alguns materiais didático-pedagógicos que foram publicados para serem utilizadas nas escolas indígenas.

Logo após minha formação na graduação, no ano de 2015, também fui convocada para trabalhar 20 horas como vice-diretora na Escola Estadual Indígena Davi Rygjo Fernandes, próximo ao local onde trabalhava. Mais uma grande e nova experiência que estava começando na minha vida e na profissão e assumi, em 16 de abril de 2015, como vice-diretora daquela escola localizada no setor Missão – TI Guarita, município de Redentora – RS. Pela primeira vez estava trabalhando em uma escola grande com muitos alunos, mas fui bem recebida e tive um ótimo relacionamento com todos os colegas indígenas e não-indígenas que ali trabalhavam.

No final do ano de 2015, fui chamada pela Coordenadoria Regional da Educação (21<sup>a</sup> CRE), juntamente com a Comissão e Cacique Valdones Joaquim para assumir a direção da Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Herculano Joaquim. A escola que me deu oportunidade de trabalhar há 20 anos atrás, desde 1997, quando fui merendeira e depois professora, em 2000, acompanhando toda história da escola e daquela comunidade. Mais um desafio para minha carreira, mas agarrei a oportunidade e assumi a direção dessa escola com muito prazer em fevereiro de 2016. Procurei fazer o que podia em prol da educação escolar indígena, e tive muito apoio dos pais de alunos daquela escola. Foi uma grande experiência e aprendizagem na minha carreira profissional.

Nesse longo percurso, que me fez chegar até aqui, as experiências vivenciadas, a vontade de seguir em frente buscando formação com intuito de ajudar e contribuir com a educação escolar indígena, a visão sobre anseios das escolas indígenas e das comunidades, que me veio a intenção de fazer um mestrado em Educação para poder escrever sobre como acontece o processo de educação e a aprendizagem na cultura Kaingang.

O propósito desse trabalho vem por meio das minhas próprias vivências e experiências dessa longa trajetória e os ensinamentos que a mim foram passadas quando ainda criança. O meu envolvimento e contribuição na construção de uma educação específica e diferenciada que trabalhe com os conhecimentos e costumes dessa sociedade. Percebo que há uma grande necessidade de diálogo entre educadores, tanto indígenas quanto não indígenas. Para que aconteça essa descoberta, aprofundi meus estudos em teorias e mais tempo em pesquisa de campo conversando e dialogando com os grandes mestres sábios da minha terra indígena, que são os **Kófa**.

Para apresentar o resultado dessa pesquisa com o título: **Mỹge ke Kanhgág jykre pẽ ki - Educação na Concepção Kaingang**, que está voltada para uma prática de revitalização e registros dessas informações e relatos para ser fontes de pesquisa em nossas escolas ou em universidades, houve muitas indagações buscando respostas para compreendermos sobre: Como se dá o processo da educação tradicional Kaingang? Qual importância deste processo pensando na formação das crianças, jovens? Quais desafios encontrados atualmente em relação ao processo da educação tradicional e as práticas? E muitos outros que aparecerão no decorrer da pesquisa.

Buscamos também o embasamento teórico junto às referências bibliográficas, autores que já estudaram sobre o assunto em estudo como: CLAUDINO, Zaqueu kej. **A formação da pessoa nos pressupostos da tradição, Educação Indígenas Kaingang**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação, UFRGS, 2013. FAUSTINO, Rosangela Cella & MOTA, Lucio Tadeu. **Crianças indígenas: o papel dos jogos, das brincadeiras e da imitação na aprendizagem e no desenvolvimento**. Estudo realizado para o Programa de Pós-Graduação em Educação, Departamento de Pedagogia. Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil, 2016. INÁCIO, Andila Nĩvygsãnh. **Pensando a educação Kaingang**. Cadernos Proeja, Especialização Rio Grande do Sul, 2010. E outros que aqui não estão citados, mas ajudaram na minha pesquisa e citarei mais adiante no final do texto.

Para eu alcançar os meus objetivos com esse tema, segui alguns objetivos específicos que são: Fazer estudo de reconhecimento do processo de **Mỹge ke kanhgág jykre pẽ ki**(Educação na Concepção Kaingang); Buscar uma compreensão através de diálogos as expectativas de futuro como resultado desse processo; Compreender as mudanças, desafios encontrados e atualmente como está essa prática do processo de **Mỹge ke kanhgág jykre pẽ ki**(Educação na Concepção

Kaingang). São aspectos que me chamaram muita atenção nessa minha trajetória de vida e de estudos.

Atualmente, trabalho no Instituto Estadual Indígena de Educação Ângelo Manhká Miguel, localizada no município de São Valério do Sul, que atende estudantes indígenas Kaingang de todo estado, com turmas de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, Ensino Médio - Curso Normal e Curso Normal-Aproveitamento de estudos, onde trabalho disciplinas de didáticas com as turmas do Curso Normal e Aproveitamento de estudos. Nesse contexto, acontece muita socialização de conhecimento e pesquisas entre os estudantes que se preparam para serem professores nas escolas indígenas Kaingang. Trabalho também na supervisão de estagiários das turmas que estão concluindo o Curso Normal. Para mim é uma aprendizagem constante da própria realidade cultural Kaingang e sua manutenção. Com muito prazer ajudo a formar os futuros educadores das nossas escolas indígenas.

#### 4 EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO KAINGANG

*“Inh sî kâ inh jóg Kófa tÿ inh mÿ véké kakym tÿg nî ke tî. Kânhmég ag tÿ nÿtî ke ta tî. kÿ ã tÿ kym sór kÿ ka mré vâmén vén nî ke ta tî inh mÿ. Mÿr isÿ ka tu tâpÿr kamê jêgnî, kanhir kÿ. Hâra kurã ù kâ inh régre ne inh mÿ, mÿnÿ ka kanê génh jé inh mré ke mÿ. Kÿ ág ne ragro vamÿ mÿ gé. Hâra inh régre ne inh mÿ: mÿnÿ jóg Kófa ta tój fã ân vesór jé ma ke mÿ. Ne jakem hêre tî ma ke nî mÿ. Kÿ ne inh hã mÿ tâpÿr ra ke mÿ. Kÿ ti pã kanê e ân hã kym, ke nî mÿ inh mÿ. Hâra kanêsá já vê, ka kanê ên ti (guaviju). Kÿ inh ne ser ka kri já kÿ ragro tÿ vym ke mÿ, hâra ù ne vî kÿ: ker inh kym hã, kagajgy tÿvî tatij mÿ ke nî mÿ. Ân ki inh ne ragro tuvãnh kar tére tu fÿrÿn kÿ êg ne pétê mÿ inh régre mré. Ân kar êg pi jóg Kófa vî tu é ke tî ser”.*

*“Quando era criança meu avô me ensinava a respeitar as árvores, pois elas possuem espíritos. Então não podia cortar nem um galho sem conversar com elas. E eu gostava de brincar subindo nas árvores. Um dia meu primo pediu para irmos coletar frutas na mata e levamos facão junto. E meu primo disse: vamos experimentar cortar sem pedir só para ver o que acontece. E mandou eu subir na árvore e cortar um galho que estava bem carregado de frutas. A fruta era guaviju (kanesá). Estava em cima da árvore e quando levantei a faca pra cortar ouvi uma voz que disse: “não me corte porque isso vai doer muito”. Aí larguei o facão e desci depressa e saímos correndo tudo. Nunca mais desobedecemos os ensinamentos do nosso avô” (Bento Fortunato, 98 anos, aldeia Taquaruçú, entrevista, 2016)*

A concepção indígena Kaingang em relação à *mÿge ke* – educação – é um processo muito longo e muito amplo, tudo e todos fazem parte dessa ação. E isso começa a partir da gestação até a hora do nascimento da criança numa família e segue até se tornar um adulto e formar uma família. Porque durante a gestação a mulher e o homem devem cumprir com as regras dadas pelos mais velhos da família para a criança não ser preguiçosa, ter habilidade, interesse, ser forte, dedicada aos afazeres tanto na família como para servir à comunidade.

Um dos aspectos tradicionais que mais me encantou nessa pesquisa foi quando falaram que não havia hospitais nem médicos no passado, mas tinha as parteiras **kujá** que sabiam através do movimento da criança na barriga da mãe se vai nascer menino ou menina. As expectativas e a preparação era grande e é um momento muito importante para toda família a qual essa criança vai fazer parte. Todos ficam se preparando para cuidar, ensinar, educar, amar e proteger o componente da família que está a caminho.

E as práticas de rituais para o nascimento da criança são feitas principalmente pelos **Kófa** que são os avós da criança que vai nascer. São eles que possuem em suas memórias todo o conhecimento para a educação e as perspectivas de futuro dentro de sua cultura. Para eles o resultado do que foi ensinado é que garante a continuidade da existência dessa sociedade, e a continuidade dos seus costumes tradicionais. Por isso, começa desde a geração no ventre ao nascimento da criança e segue a vida toda.

Quando a mãe começa a sentir as primeiras dores, o pai é obrigado a fazer alguns movimentos ou atividades, como por exemplo: correr ao redor da casa, buscar água no rio, mas correndo, para ajudar a criança a se apressar para que a mulher não sofra muito. Isso era a regra, normas dadas pelos **jóg kófa** (avós) que devem ser cumpridas.

#### 4.1 AS CRIANÇAS E A EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO KAINGANG

O significado da criança é muito importante na cultura Kaingang, não só porque completa a formação de uma família, mas pelo fato do seu existir na família e na sociedade, pois ela representa a continuidade de seu grupo étnico cultural.

Nesse sentido, todos da família são responsáveis pela educação dela, e devem se responsabilizar igualmente pelo ensinar e pelo que ela vai aprender no decorrer da vida até se tornar adulto. Na concepção de nossos **Kófa**, que são os avós e as avós, os pais devem sempre ficar em segundo lugar para segurar o bebê ao nascer, porque os que atendem o parto são os avós, os grandes responsáveis pelas primeiras palavras de preparação. Eles que dão as boas-vindas e lhe passam alguns ensinamentos através de rituais como, por exemplo, colocar um objeto específico na mão do bebê que nasceu: se for menino, uma flecha em miniatura para ser um bom caçador, se for menina, a mão de pilão para gostar de socar **pisé** (farinha) e **kajika** (canjica) para a sogra, e entre outros objetos que variam segundo os rituais familiares. Os objetos em miniatura são preparados para o momento do nascimento da criança pelos **jóg kófa** (avô) e **jỹ kófa** (avó). Eles podem ser também

galhos de uma árvore que eles consideram importante, forte e resistente, para que a criança receba essas características durante a sua vida.

Esses rituais são separados para menina e para menino e só os avós podem fazer. O corte do cordão umbilical também faz parte desse ritual e deve ser feito com casca da taquara e amarrado com linha de cipó e, em momento nenhum, se pode utilizar algo como a tesoura ou faca.

Da mesma forma, após o nascimento é preciso enterrar ou **krãn** - plantar o **nugin** (placenta), processo esse que deve ser feito com muito cuidado, pois deve-se a ele o fato de ser uma pessoa boa, educada, obediente aos pais e a memorização do que lhe será ensinado. Sua aprendizagem, portanto, para os Kaingang, depende muito desse ritual. As árvores também estão muito ligadas a esse ritual, porque o costume Kaingang é enterrar ou plantar junto à raiz de uma árvore. Um fato muito importante é que no mesmo ritual deve-se dar o nome kaingang à criança, que a identificará por toda vida como indígena e para eles o nome indígena deve ser bem escolhido com muito cuidado e deve ser conforme sua metade tribal (**kamē** ou **kanhrukrē**), pois segundo a crença a criança crescerá adquirindo as características psicológicas do personagem que for escolhido, como por exemplo: nome de animais, árvores, pessoas que foram importantes e já morreram. Só depois destes rituais completos a mãe pode pegar o seu bebê para amamentar. A partir daí, a mãe é a pessoa que acompanha o dia a dia da criança, enquanto o pai realiza atividades cotidianas para manter a família. Esse mesmo assunto sobre a importância do nome indígena, foi escrito por Maria Inês Freitas em sua dissertação de mestrado:

*(...) Outro aspecto fundamental para a pessoa Kaingang são as características atribuídas ao nome que carrega, e que o aprendiz deverá desenvolver durante o processo educativo, até chegar à fase adulta. Ainda antes de a criança nascer a família recorre aos nomes já existentes da sua metade tribal, já usados pelos seus ancestrais. A escolha se dá observando atributos de coragem, poder espiritual e de liderança, generosidade, sabedoria, entre outros. Por meio dos nomes recebidos, são criadas expectativas quanto ao desempenho das funções sociais desenvolvidas na vida adulta. (FREITAS, 2013, pg. 43).*

Nos tempos passados, conforme nos contam nossos **Jóg kófa**(avôs), era mais fácil fazer a preparação da criança, ao nascer, para o mundo que a espera, pois o parto era feito em casa então se preparavam para isso. No entanto, hoje tudo acontece em hospital e a família fica esperando em casa, às vezes dão alta só 2 dias depois do nascimento ou até mais, e isso se tornou muito complicado para os **Kófa** hoje. Na percepção deles, as crianças estão sem preparação nenhuma para viver no mundo cultural Kaingang e esse fato de a criança nascer em hospitais e o corte do cordão umbilical ser feito com materiais hospitalares, como tesouras, é o causador de doenças difíceis de curar. A placenta é jogada em qualquer lugar, e, segundo eles, por conta disso, as crianças tem comportamentos diferentes e não obedecem aos pais como no passado. Muitas vezes são agressivas com a família, não dão valor aos ensinamentos dos mais velhos, querem só vagar por aí, e isso

causa um transtorno muito grande no núcleo familiar, pois os mais velhos se sentem desvalorizados e tem seus conhecimentos ancestrais de preparação da criança ao nascer desvalorizados. Com isso, cito a fala de uma pessoa que me chamou muita atenção, a dona Francisca Regso Amaro, que tem 74 anos de idade e é uma das primeiras moradoras na comunidade do Setor Missão:

*Āg pi gĩr tyj k̄y ti nũgnin kym k̄y véké fan mũ, nĩm han há han āg t̄yĩ, gan k̄aki. Mug j̄are kr̄am nĩm nĩ ke fag ta tĩ āg si fag, m̄ȳr mug t̄y kusa j̄ã, k̄y gĩr v̄y kr̄i kusa mog mũ gé, jykre há nĩ já tóg, v̄nhv̄i j̄em̄ẽ há, jũ v̄anh nĩ já tóg ke fag t̄yĩ āg si fag. H̄ãky āg v̄y tugn̄ym han ge nĩ, gĩr nũgnin kr̄an j̄é.*

*Quando nasce a criança o que temos que cuidar muito é o local onde será enterrado o umbigo da criança (placenta). Os nossos avós sempre escolhem a árvore umbu para embaixo de sua raiz enterrar essa parte, pois essa madeira significa, paz, harmonia, tranquilidade, assim a criança, quando for adulta, será uma pessoa não violenta, mas será uma pessoa calma e com pensamento positivo. (AMARO, Francisca Regso, em uma conversa normal durante o processo dos estudos, 2018).*

#### 4.2 ENSINAMENTOS PARA EDUCAÇÃO NA CULTURA KAINGANG

Na cultura Kaingang, ser criança é uma fase ampla, ou seja, na concepção dos **Kófa**, não existe a fase da adolescência: quando termina a infância, a criança já passa direto para a fase adulta. Apesar disso, dentro do tempo da criança, há fases por onde vão se modificando as maneiras de cuidar, de ensinar, e aprender dela, pois todos os ensinamentos transmitidos vão objetivando resultados bons na convivência familiar e coletiva. Por exemplo: ao nascer, a criança fica comprometida com sua família conjugal, conforme os costumes Kaingang, que é feita através das duas marcas opostas, **Kamē rá téj** (marca comprida) e **Kanhukrē rá ror** (marca redonda). Isso quer dizer que se nascer um menino o pai diz que ele vai ser preparado para atender seu **kakrē e má** (sogros) e se nascer uma menina o pai diz que ela vai ser criada para seu **jamré** (genro) e para atender a **má** (sogra).

Para isso, o ensinamento da menina Kaingang é feito pela avó e por sua mãe no decorrer da vida. Desde que nasce, ela já recebe sua primeira lição, que lhe servirá para toda a vida através da avó que atende o parto. Assim também com o menino, o seu avô lhe passa a primeira lição e preparação para o futuro. Na maior parte do tempo durante seu crescimento, o menino acompanha seu pai em suas atividades cotidianas para continuar adquirindo aprendizagem. Os avós, tanto por lado paterno como materno, não se afastam de seu primeiro neto, pois vão contribuir no ensino e na aprendizagem o tempo todo durante a infância da criança, até os pais se tornarem responsáveis e prontos para cuidarem de seu filho ou filha.



Então, a preparação para a vida começa desde pequeno e esse costume não podia ser mudado, segundo os **Kófa**, que são os grandes conhecedores sobre isso. Não havia um projeto de futuro para estudos, escolas, mas sim para ser parte integrante na formação de seu povo e continuação dos costumes próprios.

Durante a infância, a criança é ensinada para aprender e conhecer quem são os parentes dentro da cultura, respeitando as marcas opostas, já citadas anteriormente: **Jóg Kófa** (vovô); **Jỹ Kófa** (vovó), tanto paternos como maternos; irmão mais novo do pai, **panh sĩ**; o mais velho, **panh Kófa**. Esposa do tio **má**; **pá** (sogra); irmão mais novo da mãe, **kakrẽ sĩ** (sogrinho); o mais velho **kakrẽ Kófa** (sogro); irmã da mãe, **mỹnh sĩ** (tia); primos da mesma marca, **rẽgre**; primos da marca contrária, **jamré**. Esses são a família, que dificilmente se separa, pois a maioria mora tudo perto uns dos outros, pois dessa forma as crianças vão adquirindo os ensinamentos, a educação a eles imposta e as aprendizagens junto ao seu núcleo familiar. Esse costume ainda prevalece nas famílias na Terra Indígena. São ensinados também a respeitar os mais velhos e gostam muito de ouvir histórias contadas por eles.

Ser criança, na cultura Kaingang, é uma fase muito importante, porque nesse tempo ela está em desenvolvimento físico e mental, e a capacidade dela de absorver informações e aprender é muito grande. Então, os adultos tomam muito cuidado ao educá-la.

Da mesma forma, julgam-se muito importantes os cuidados alimentares, pois são importantes para o desenvolvimento da aprendizagem da criança, segundo os **Kófa** e, por isso, são bastante respeitados pelas famílias, ainda hoje, porque podem prejudicar a pessoa por toda a vida. São os pais que cuidam a alimentação das crianças. A primeira comida que a mãe dá para a criança tem que ser alimento típico Kaingang para que ela nunca deixe seus alimentos tradicionais. Para as meninas existem regras específicas alimentares, as quais devem ser cumpridas até se tornarem adultas. Para os meninos existem outras regras, pois as atividades vão ser, teoricamente, mais “pesadas” e a família então ensina os hábitos alimentares que devem ser cumpridos até se tornar adulto.

### **Kovãnh tu vãme**

**Ãg si ag tỹ venhkajró tój fã vỹ e nỹtĩ, ag tar há nỹtĩ jé ke vỹ. Kỹnén ũ kar ki vẽnhkirĩr vỹ há nĩ, vejẽn mré hã. Tag ki ěg vỹ ũ ránrán.**

(Ensinamentos sobre alimentos para crianças e jovens serem fortes em qualquer situação)

- **Ũn sanh há nĩg já kãnĩj ke tũ, ketũmỹr ã tỹ ror nĩj mũ.**

Não sentar no lugar onde a pessoa adulta estava sentada, porque a criança será baixinha, não crescerá muito!



- **Gĩr gré pi ag jakre ve koj mũ, ti vóvó hãny koj mũ, ketũmỹr ti pi sorte nĩj mũ, ti jakrénh kũ.**  
Os meninos não comer a carne da primeira caçada, quem deve comer são avós, pois senão não terá mais sorte para caçar!
- **Kusã ki ã jãncy kupem nĩ, vãsugjo kũ, ketũmỹr ũ tỹ ã jãncy ki tãj mũ, ã mog kũ.**  
Não botar nada na boca de manhã sem enxaguar a boca, porque alguém vai te dar bofetada na boca quando estiver adulto!
- **Garĩnh krĩ koj ketũ, ketũmỹr ũ tỹ ã krĩ ki tãj mũ, kũ ã ta tág kej mũ, ã pivãnh kajãm.**  
Não comer cabeça da galinha, porque alguém vai acertar a sua cabeça com tapa e não irá conseguir se defender!
- **Garĩnh pãn koj ketũ, ã vãnhvó kũ ã pãn tỹ jón kej mũ, kũ ã tỹ hã ki tág kej mũ.**  
Não comer os pés da galinha, pois irá destroncar seus pés quando ter que correr!
- **Garĩnh nér kri jě koj ke tũ, nén ũ tỹ hěn rike kũ tỹ ã jãfaj há kej mũ.**  
Não comer sambiquira da galinha, porque qualquer perigo que se defrontar dará vontade de evacuar!
- **Purku nĩjã koj ketũ, ketũmỹr ã nũr kũ ã tỹ krũnkrũn kej mũ.**  
Não comer o focinho de porco, pois quando dormir roncará muito!
- **Garĩnh kon kũ ti kuka tỹ kěmkěm ketũgnĩ, ã věnhpěju kũ ã tỹ těmtěm kej, kũ ũ tỹ ã ve tỹmrěnh kej mũ.**  
Não quebrar os ossinhos da galinha com os dentes ao comer a galinha, pois quando precisar se esconder do inimigo fará barulho e assim ele te localizará!
- **Ka kaně věnhkygně ko tũg nĩ, nén ũ tỹ hěnríke kũ ã kren sór kũ věnhkygněj mũ.**  
Não comer frutas que amadurecem fora do tempo, pois quando acontecer alguma coisa e precisar fugir irá se perder!
- **Garĩnh o mỹrér koj ketũ, ã rárá kũ vỹ ã kanã mĩ kuty kej mũ.**  
Não comer a gema do ovo cozido, porque quando brigar com inimigo escurecerá sua visão!
- **Garĩnh nug koj ketũ, ketũmỹr ã tỹ nãn ki rã kũ ã tỹ mrũr tỹ vãnhkugsěnh kũ tág gej mũ.**  
Não comer a tripa da galinha e do porco, pois quando adentrar na mata vai se enroscar facilmente e não conseguirá correr na hora do perigo!

- **Purku nug mág koj ketũ, kãnhmar ã kakã fãr vỹ kónhgrĩ kej mũ, purku nug rike.**  
Não comer a tripa grossa do porco, porque a pele do rosto irá envelhecer muito rápido e ficar enrugada igual a tripa do porco!
- **Gĩr tátá fi pi kukrũ tu pũr koj kenĩ, ketũmỹr fi tỹ fi kósin mãn kemỹr tỹ gĩr nĩj já tu tóg, kỹn pi kãtĩg mũ.**  
A menina não pode comer a rapa da panela, porque quando engravidar a criança fica grudada no útero e vai demorar a nascer!
- **Kukrũ ki jãn ketũ, ketũmỹr ti prũg, fi mén kỹ ta vỹ kutẽ mág kemũ, kỹ vỹ mrinmrér mũ ser.**  
Não comer na panela, tanto menino ou menina, pois quando casar vai chover muito aí vão se molhar!
- **Gĩr tátá fi pi vėjẽn kar tũ ki koj kenĩ, fi kósin mãn kỹ ti nũgnin pi kãnhmar kãtĩg mũ.**  
A menina não tirar a comida da panela enquanto a comida não estiver pronta, pois no parto a criança nasce e a placenta vai demorar muito a sair!
- **Garĩnh, kar purku fe koj ketũ, ketũmỹr ã tỹ ron mé nĩj, ã vãnhvó sĩ han mỹr krónh kej mũ.**  
Não comer o coração do porco e da galinha, pois em qualquer corridinha já vai se sentir cansado!
- **Garĩnh tỹmẽ koj ke tũ, ketũmỹr ã nĩger mé nĩj mũ ã tỹ ka tu tãpry kỹ ã kutěj há tí ja tỹ mũ.**  
Não comer o fígado da galinha, pois ao subir em árvore ou em qualquer altura vai sentir tontura e querer cair!
- **Gĩr tátá fi pi garĩnh tỹfór koj kenĩ, kósin mãn kỹ gĩr nĩgja pi kãnhmar róm kej mũ.**  
A menina não comer a moela da galinha, pois na hora do parto a bolsa uterina não vai abrir e assim sofrerá!

Eu passei por todo esse processo recomendado para as meninas e hoje com muito prazer conto para os meus filhos e também aos meus alunos de como fui ensinada e educada, assim segui os ensinamentos de minha avó, que depois faleceu e minha mãe deu continuidade em mim e nas minhas irmãs, porque são regras na alimentação, normas da cultura Kaingang que devem ser cumpridas para ser um **kanhgág pẽ tar há** (kaingang puro e forte), bem preparado para a vida.

Hoje as crianças participam de tudo na alimentação, o que a família comer a criança come carne, feijão, peixe, frutas nativas, alimentos típicos Kaingang e não se importam com as gorduras e

não faz mal a elas. Outro fato que me chamou muita atenção é que as crianças são bastantes solidárias umas com as outras, dividem os alimentos, qualquer coisa que estejam comendo se tiver alguém por perto já dividem ou dão e isso é bastante praticado na educação delas. Fico imaginando que essas práticas vêm lá de nossos ancestrais, pois contam nossos avós que caçavam juntos, pescavam juntos e dividiam entre eles ou comiam juntos.

Com isso, percebi a importância do desenvolvimento da aprendizagem do que lhes é ensinado pela família e percebi que, na cultura Kaingang, a família é composta pela mãe, pai, irmãos, avós, tios e tias e quase todos moram juntos na mesma casa. Isso demonstra que os Kaingang preservam os costumes de união e solidariedade entre famílias.

Um dos aspectos importantes destes costumes está relacionado à organização sócio-cosmológica das metades **Kamē** e **Kanhrukrē** que estabelecem as relações sociais, a reciprocidade e a cooperação mútua entre o grupo comunitário. As pessoas mais velhas continuam ensinando a importância de se preservar estas relações entre as metades para formação da família.

Percebi que as crianças são ensinadas nessa forma de convivência, aprendendo a conviver de forma unida e respeitar seus pais e os mais velhos da família, pois são esses que lhes dão limites, quando necessário. Outro fato que me chamou atenção é as crianças Kaingang aprendem através do acompanhamento, observação e diálogo, porque vimos em nossa atividade de campo que os pais querem que suas crianças compreendam que tudo que está sendo ensinado é para o bem deles e da comunidade inteira e as tarefas que realizam são de acordo com a sua idade.

Uma atitude bem importante que percebi nas crianças é que as mais velhas são responsáveis por cuidar de seus irmãos pequenos para os pais poderem realizar atividades cotidianas como, por exemplo, coletar materiais na mata para confeccionar artesanatos, fazer lavouras, e outras atividades que precisam ser feitas fora de casa. Assim, as crianças menores aprendem com seus irmãos mais velhos também, repetindo um ciclo de aprendizado familiar.

Um fato importante que compreendi também através da pesquisa de campo foi a união conjugal das famílias, a qual realizamos para analisar se há diferença no desenvolvimento da aprendizagem e no comportamento da criança relacionando a sua metade tribal **Kamē** e **Kanhrukrē**. Para mim, foi uma experiência única fruto de muita aprendizagem com os **Kófa** e, ao mesmo tempo, de observação da forma como as crianças estão sendo ensinadas e educadas pelas famílias e pelas pessoas que fazem parte desse processo de educação Kaingang.

## 5 EDUCAÇÃO PARA FORMAÇÃO

Para os Kaingang a educação e a forma de repassar os ensinamentos são para a formação de crianças e adultos saudáveis, formando uma sociedade forte e resistente. A metodologia utilizada nessa prática é o diálogo, a fala, a escuta, conversas em lugares apropriados e o “fogo é o principal ponto de atenção no momento dessa prática” (CLAUDINO, 2013).

Tudo que é passado para as crianças e jovens é objetivando que se tornem pessoas preparadas a fazer o bem em sua comunidade e enfrentar as dificuldades, os desafios e seus inimigos que muitas vezes querem lhes dominar, mas são também para “a formação da família a partir das alianças entre parentescos, que é um dos aspectos que embasa a organização da vida em sociedade” (SILVA, 2009, p.43-59).

A formação de indivíduos conscientes de sua realidade é muito importante para a continuação da vida Kaingang. Por isso todo ensino que é passado deve ser com muito cuidado, pois, essa prática continuará às próximas gerações. A exemplo disso, **Juvân** (aconselhar); **Kajrân** (ensinar); **Mÿge ke** (educar), são alguns métodos para o desenvolvimento da educação tradicional Kaingang e o bem viver na formação familiar.

Outro aspecto importante dessa forma de educação Kaingang é respeitar o tempo para se ter um relacionamento entre os jovens em caso de matrimônio arranjado pela família. Assim, os jovens são preparados para esse fim, ensinados a entender como se constitui uma família Kaingang e sendo preparados para o casamento quando chega o tempo de unir um casal. A utilidade das plantas medicinais também são fundamentais para que eles estejam preparados em caso de doença.

Os Kaingang sempre foram temidos pelos outros povos indígenas, pois eram guerreiros, segundo o que contam os nossos avós. Os kaingang preparavam seus filhos desde pequenos até a fase adulta para se tornarem grandes guerreiros, hábeis na mata e com grande resistência física devido ao preparo especial que lhes era dado.

Para serem guerreiros, os meninos eram cuidados pelos seus avós que preparavam “remédio do mato” para eles. Contam os nossos avós que as ervas ou folhas não eram preparadas de qualquer forma, sendo esmagadas com pedras com parte de um ritual. O ritual era para pedir aos remédios que deixassem as suas crianças fortes e com uma vida como a pedra que nunca morre. Para que isso acontecesse, a pedra usada era colocada no mesmo lugar onde foi pega para o ritual.

Quando era criança, junto das minhas primas, toda vez que íamos com nossas mães buscar taquara na mata e lá tinha rio e nós fazíamos esses rituais do banho com pedra e folhas. No verão, nós íamos todo dia lá no rio. A maioria das pessoas da comunidade lavam as roupas somente naquele rio e a criança vai toda.

Como normas dos costumes Kaingang, algumas **kaféj** (folhas) eram colhidas à noite pelos nossos avós, para serem aplicadas nas crianças de madrugada. Pintar as crianças (**gĩr sánsán**), era uma forma de proteção, com folhas de ervas medicinais torradas e transformadas em pó, diziam os **Kófa**. O **vēnhkagta** (remédio) em forma de pó era passado nas juntas e depois em todo o corpo antes do amanhecer. Quantas vezes amanheci com essa pintura em mim. Dizia minha avó que a minha pintura era para menina, diferente dos meus primos que eram meninos. Eu não entendia bem, mas cumpria com as regras, porque isso ajudaria meu futuro para absorver os ensinamentos e ser esperta em minhas decisões.

Outra forma de preparar e proteger as crianças, era levá-las ao rio corrente antes do amanhecer e antes do cantar dos **jěsĩ** (pássaros), pois, nessa hora, dizia minha avó, toda energia da natureza está presente na água, no ar, e por isso os pássaros acordam e se banham para pegarem toda a força da natureza antes dos outros seres vivos. Então, pela concepção dos **Kófa**, nós humanos temos que nos banhar antes deles. E é assim que nós fazíamos quando criança. Lembro que quando chegávamos no **goj** (rio), a gente via a **nĩja** (fumaça do rio) saindo e nós nos jogávamos na água e era **rỹmẽ** (morninha). Diziam nossos avos que um desses motivos era para sermos resistentes ao inverno. Os dias mais adequados, segundo eles, é na sexta feira, e, sabendo disso, minha avó deixava prontas algumas folhas na água para eu me banhar com o mesmo. Ser uma criança Kaingang é uma atividade de preparação contínua, pois para os nossos kófa a mente da criança deve ser bem preparada para absorver os ensinamentos, como a educação, o respeito à natureza, e os conhecimentos dos mais velhos.

Quando as crianças ou jovens começam o convívio coletivo, eles se afastam de seus pais, e as únicas atividades que não se cansam são as brincadeiras com outras crianças, as quais acontecem por meio de grupos de meninas e meninos. As brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento da cognição e da agilidade das crianças Kaingang. O trecho abaixo expressa essa realidade:

*(...)as crianças Kaingang crescem e se tornam adultas, brincando, imitando os pais, ouvindo histórias que os mais velhos contam, participando das atividades cotidianas de seu grupo. Brincam nas árvores, penduram-se em cipós, são totalmente integradas ao meio ambiente que lhes é familiar. A atitude dos pais e dos mais velhos é sempre de grande tolerância, paciência, atenção e respeito às suas peculiaridades. Desde cedo, as crianças aprendem as regras do jogo social, mesmo os pais sendo os responsáveis mais diretos pela criação dos filhos. As crianças são integradas na vida comunitária, aprendendo o que pode e o que não pode ser feito(...)* (GONÇALVES, 2011).

A convivência coletiva na cultura Kaingang é muito valorizada, pois segundo os nossos avós eles sempre viveram em coletivos e realizavam atividades como caça, pesca, coleta de frutas, preparação de roçados e plantações. Então, a convivência coletiva vem das nossas raízes, pois aprendemos todos juntos.

O respeito, a reciprocidade, solidariedade fazem parte da convivência coletiva e social, pois as crianças Kaingang são ensinados a não serem individualistas desde pequenos, para dividir o que comer, dar algo que tem a mais para quem não tem e sempre foi assim e os pais cuidam muito essas práticas quando começam a conviver com crianças de outras famílias todos os dias para brincar.

A educação tradicional Kaingang é entendida como um processo que vai muito além, pois a presença das crianças junto a seus pais nas atividades cotidianas é algo que faz parte da cultura e é dessa forma que acontece o **Kajrān** (ensinar), o **Kinhrāg** (aprender), o **Han há** (saber fazer). A educação está acontecendo a todo momento, no espaço, no meio ambiente, na natureza. A forma como o Kaingang interage com esses elementos se produz um grande conhecimento, aprendizagens riquíssimas, pois a educação tradicional está interligada com a natureza, ao mundo cosmológico que dá sentido à vida.

Nesse sentido, a educação Kaingang preocupa-se com a reflexão dos acontecimentos no passar do tempo, enriquecida pela vida e pelos saberes tradicionais no contato com a natureza, pois uma depende da outra e essa reciprocidade de vivência entre os Kaingang, a natureza e a espiritualidade tem muito a ver com esse processo do ensinar e a aprendizagem com o coletivo. Ao caçarem junto em grupos de **jamrés**(cunhados), por exemplo, acontece uma aprendizagem coletiva.

*(...)Inh jamré ag mré āg t̃y m̃yḡ jāvānh m̃ũ kamā ñỹt̃iḡ. Āg jóg ag t̃y āg m̃y goj kri m̃yḡ sy ag vem ni keti. Ag t̃y goj m̃ān k̃y t̃ēgt̃ē tugñỹm ñi ke ag t̃ỹt̃i āg m̃y. M̃yḡ sy t̃y goj m̃ān k̃y gág ke t̃āp̃ry kar ki t̃ere k̃y m̃yḡ t̃y kakó k̃āñi ke ag t̃ỹt̃i. Jāvo m̃yḡ sy t̃y goj m̃ān k̃y vānhra t̃ā t̃iḡ k̃y m̃yḡ t̃y kuvar tá ñi ke ag t̃ỹt̃i āg m̃y. K̃y āg t̃y m̃yḡ sy t̃ā t̃iḡ ja ān ñón m̃ũ ti ser, vānh k̃āpó āg t̃ỹt̃i. Ũ t̃y ve vén m̃ũ ṽy pr̃ār m̃ũ, k̃y āg t̃y jagnā mré m̃yḡ me kuñij m̃ij m̃ũ ser. Ky āg si ag t̃y āg m̃y ge kej f̃ā h̃āṽy ha m̃ā. Āg jamré ag mré ñén ũ ñón m̃ij ke ān, āg t̃y jagnā mré kajrānr̃ān ge ān, k̃y āg t̃y kinhra ñỹt̃i. Um tátá fag t̃y h̃ā rike ñỹt̃i gé, jagnā mré fag t̃y g̃ār tynyn k̃y far̃inh han m̃ũ gé. Fag jamré fag mré ke gé, jagnā mré kajrān gen h̃ā ṽā ham̃ā.*

*(...)nós ia em grupo eu e meus **jamré** procurar mel. Lá no mato havia pequenos córregos e esses eram o ponto onde podíamos esperar as abelhas, pois vinham buscar a água ali. E nós era ensinados a cuidar a abelha pegar a água e voar. Se ela voar para cima e voltar rapidamente para baixo, nos dá a certeza que o mel está bem pertinho. Mas se ela voar em forma diagonal é sinal de que o mel não está tão perto. Nesse caso, seguimos a direção que ela tomar. Nesse momento a gente se divide para achar o mel. Quem achar primeiro dá sinal por meio de grito kaingang que a nós é ensinado também. Assim os ensinamentos a nós passados pelos nossos avós são desenvolvidos, a gente sabe fazer. Então, o kaingang aprende no coletivo que é de costume, e as mulheres o mesmo modo, se ajudam a preparar farinha socando milho no pilão, todas as atividades no coletivo na maior parte são com seus **jamré**. (Fala do senhor Norberto Emilio, 2017).*

Constatamos também no decorrer de nossa pesquisa, a dimensão da educação coletiva em comunidade, onde acontece por meio de reuniões de lideranças junto a comunidade e onde as crianças e jovens estão sempre presentes para ouvir e aprender junto aos adultos a organização da comunidade, os projetos e planejamentos. Então, percebe-se que, na cultura Kaingang, os adultos, as crianças, os jovens são todos participantes de uma aprendizagem coletiva. A criança não é excluída de acompanhar as discussões. Assim também como em velório, mesmo não sendo da família, todos são avisados à passar a noite junto aos familiares da pessoa que morreu e ficam juntos até a hora do enterro do falecido. As crianças e os jovens não são descartados, eles ficam junto aos seus pais, choram junto pela perda, assim eles vão aprendendo o respeito e a solidariedade aos que passam por dificuldades para que estejam sempre prontos e isso é parte da formação deles. A preocupação dos **Kófa** é que eles cresçam sabendo que fazem parte de uma cultura e, para isso, a mentalidade é preparada desde muito novos.

## 6 TEMAS ENCONTRADOS NESSA TRAJETÓRIA

Vindos de muito longe, mas sempre carregando em suas entranhas a riqueza da memória que jamais serão trocados por nada: assim nos falam os **Kajró** (sábios de nossas comunidades), que são os **Kófa**, os quais sempre acreditaram que de alguma forma teremos continuidade, pois todas as sociedades indígenas dispõem de seus próprios processos de socialização e de formação de pessoas com o princípio de assegurar os valores culturais próprios. Nessa longa trajetória da sua história, enfrentaram muitos desafios para dar continuidade aos costumes e tradições da cultura e língua materna, mas ao meio a tudo isso sempre mantiveram concepções próprias sobre o que deve ser ensinado e aprendido na educação e de que forma realizar essa prática de ensino, buscando o melhor para sua geração.

Um dos desafios que começaram a aparecer quando os não-índios se introduziram nas terras indígenas e começaram a impor suas visões parciais de mundo e de convivência social, foi justamente esse outro olhar que foi provocando muitas contradições na vida indígena Kaingang, pois isso não fazia parte dos costumes e da educação dessa sociedade.

Atualmente, na visão Kaingang, há muitas contradições nas normas do sistema de ensino tradicional, pois percebem que a ideia imposta pela cultura não-indígena é preparar pessoas para o mercado de trabalho, isso não faz parte do pensamento dos **Kófa** sobre a formação de suas crianças e jovens e, a partir disso, a sobrevivência dos costumes próprios foi ficando cada vez mais ameaçada. Ou seja, a adaptação para o novo modelo de vida e ensino foi aos poucos mudando a

mentalidade das crianças e jovens Kaingang, mas os **Kajró mág** (sábios) continuam batalhando contra essa diversidade de pensamentos contraditórios.

Entretanto, apesar dessa resistência ancestral, atualmente enfrentamos muitos desafios em conduzir os saberes tradicionais da cultura Kaingang devido a diversos fatores. A implantação da escola veio com um modelo de educação e com visões de mundo voltadas ao pensamento europeu e, segundo os Kaingang, ela foi pensada para terminar com os índios, mas isso não aconteceu e atualmente ela é o meio por onde temos a força para revitalizar a cultura tradicional. Foram muitas lutas contra esse modelo de ensino trazida pelo não índio, mas na realidade ele prevalece muito forte ainda.

Outro fator que está implantado na cultura Kaingang é o casamento entre indígena e não-indígena. Isso provoca um transtorno na formação familiar pois, com isso, o **kanhgág pẽ** (Kaingang puro) deixa de existir, mas aparece um mestiço, que não conhece sua marca cultural Kaingang. Como dar uma orientação, como aconselhar, passar os ensinamentos, se já nascem com outra mentalidade? Essa atitude, muitas vezes estranha, provoca conflitos entre eles, pois as crianças que nascem dessa união de duas culturas diferentes, possuem comportamentos diferentes da criança Kaingang. Acrescenta-se a isso a influência da língua falada, que na maioria das vezes é negada a essa criança como língua nativa, e isso já não respeita a cultura e costume de seu povo.

Essas preocupações foram percebidas no decorrer de minha pesquisa de campo, em conversa com as pessoas com quem tive oportunidade de dialogar sobre o assunto. Na sequência, trago os relatos que demonstram essa realidade vivenciada pelos **Kófa**.

## 6.1 PAPEL DOS KÓFA

*Nossos avós se preocupavam muito com os cuidados que tínhamos que ter e nós fazia certinho, nós obedecia os mais velhos porque eles são os que sabem tudo que é o bem viver das crianças, os jovens e para a continuidade do bem viver Kaingang, pois é o grande objetivo dos **ãg jóg Kófa ag** assim como eu, para que esses conhecimentos não se percam, tenham continuidade e para isso tinham o dever de preparar a continuação da geração (Entrevista nº 1). Hoje eles são por onde que buscamos o saber, são a nossa fonte de pesquisa, pois sabem tudo que é o bem viver dentro da cultura. São os grandes **kajró mág**, conhecedores nos quais se busca os ensinamentos, tanto crianças, jovens ou adultos. Os **vẽnhkajrân** (ensinamentos) e os **juvãn** (conselhos) era e é a parte feita por eles. *É como um professor, porque hoje penso que era como aula, quem sabe era nossa escola onde nos era ensinado a obedecer os pais, ajudar os pais.* Se preocupavam em*



preparar sua geração para enfrentar os desafios, os cuidados, o respeito em conservar seus costumes e tradições culturais são para manter a sobrevivência. *O jóg Kófa (avô) falava “hoje vou contar sobre como caçar, como ter habilidade de correr atrás da caça, como usar remédio do mato para isso”, seus ensinamentos era para esclarecer o caminho que devem seguir a vida e para aprende a sobreviver se alimentando das coisas que a natureza oferecia e sermos fortes. Aprendi com ele a preparar armadilha para pegar bastante passarinho ao mesmo tempo (Entrevista nº 5).*

Para isso, possuem métodos próprios de transmitir os seus ensinamentos, *por isso toda tarde ele chamava todos os netos e o fogo já estava pronto. E sentávamos em forma de círculo ao redor do fogo. Sempre respeitam o fogo para contar histórias, passar ensinamentos. A educação é isso e para eles é a parte fundamental para formar um **kaingang pẽ**, dizia ele, prepara as pessoas para formar uma sociedade pura, isso garante a continuidade do kaingang puro que saiba defender-se e defender o seu grupo diante de qualquer situação, dizia (Entrevista nº5).*

A oralidade é a metodologia essencial na transmissão dos saberes, e isso vai sendo passado às gerações através da oralidade, transmitem um conhecimento através da fala, e os novos escutam, o ensinamento, *o escutar é fundamental para a memorização e a aprendizagem que se demonstra como resultado o **han há** (saber fazer), **jykre há** (educado), diz ele (Entrevista n.º 3).* Por isso os **Kófa** fazem essa prática com muita dedicação, e através da fala, para que quem receba o ensinamento possa guardar na memória. *Através da escuta a pessoa absorve e fixa na mente, a cabeça de quem está escutando guarda tudo em silêncio dizia (Entrevista nº3).*

*É um momento de grande responsabilidade e respeito a quem fala e o que escuta. Nosso dever era escutar eles, se não fizer isso se perde tudo diziam para nós (Entrevista nº3).* É uma forma de respeito a sua origem e à formação do grande grupo de parentesco através da união das duas metades para a continuidade da cultura. *Os **Kófa**, diziam que se quebrar essa regra cultural, seria um desmoronamento da cultura diz ele (Entrevista nº4).*

## 6.2 EDUCAR/EDUCAÇÃO

A educação na concepção Kaingang é a maneira de preservar os costumes, o começo de toda a educação, o principal de tudo é a marca **kamẽ /kanhukrẽ**. *Porque se não casar entre essas marcas opostas não tem mais como dizer que somos kaingang diz o Kófa (Entrevista nº1).* *Eu valorizo muito os ensinamentos, que é a educação que me foram dadas porque isso que me deixa forte hoje, diz ele (Entrevista nº1).* A educação tradicional se mostra através do comportamento social no qual os jovens aprendem considerar seus parentes, segundo os **Kófa**.

*Dentro de uma determinada sociedade a preservação da sua cultura e costumes é sua própria identidade e de seus filhos, netos, e isso se mostra através de seu modo de viver e das práticas do que lhe foi ensinado. As pessoas tinham e têm muito respeito as essas atitudes e práticas, pois mantém os valores a ela passada, por exemplo, o fogo de chão, porque a fumaça também é remédio, a cinza é remédio, o fogo transmite energia se você se concentrar na chama, ele tem um grande significado na nossa cultura, diz ela (Entrevista nº5).*

Com essa fala, percebi que para o Kaingang, tudo que existe é por um motivo, cada coisa foi criada para uma função. *Ele banhava nós com kaféj tynyr (folhas socadas), que é remédio do mato, que ele tinha preparado para aquele dia para proteger das coisas ruins e doenças diz ele (Entrevista nº1). Para que permaneçam fortes na sua memória os ensinamentos, muito bom isso pois sempre tive na memória o que me foi passado ao nascer diz ele (Entrevista nº3).*

Percebi também que a preocupação é preparar a geração para a continuidade da existência cultural dessa sociedade, através dos ensinamentos. *E isso se mostra através das atitudes dos novos hoje, que mais tarde serão os grandes conhecedores que irão passar as próximas gerações, dizia (Entrevista nº4). Eles serão a continuidade desse patrimônio cultural de nossos ancestrais, vai ser a continuidade do povo, da cultura e dos costumes.* Com isso, compreendi que cada sociedade possui características próprias para instruir a educação de seus filhos, assim como vive o Kaingang, assim é ensinado a ser educado pelos **Kófa** desde criança, o qual leva para toda vida.

*Quando o jóg Kófa (avô) faz o mÿge ke (educação) para não andar errado, mas seguir os ensinamentos, porque os ensinamentos é a educação dizia, bem ensinado não arreda o pé fora das regras e normas culturais. Os ensinamentos que nossos avós passavam para nós era para aprende a sobreviver. Acho muito importante, esse pensamento dos Kófa, essa persistência deles diante disso, apesar das dificuldades atuais. A educação tradicional kaingang é preparar para o bem viver kaingang, os ensinamentos é a educação kaingang que prepara as pessoas como dizia meu avô. Porque ter educação é ter respeito, não fazer as coisas que não devem ser feitas e isso nos era ensinado desde que nascemos, ter respeito com as pessoas, com as plantas, com os animais, o rio.*

Percebo, como pesquisadora que o bem viver para o Kaingang é estar de bem com tudo, a natureza, o cosmos, os parentes e isso vem da educação. *A educação tradicional kaingang é essa, não brigar, não se separar de seu povo e a educação das crianças vinha de sua geração, os avós e os pais tinham essa função desde o nascimento até a vida adulta, (Entrevista nº 5).*

A reciprocidade, a solidariedade também estão relacionadas a isso como dizia um **Kófa**: *reciprocidade porque eles sempre estarão prontos para se ajudarem em qualquer situação, ser solidário, saber dividir, lutar juntos, caçar juntos, pescar em grupos, além disso cuidar um do outro dentro do mesmo grupo. Nossos ancestrais sempre foram unidos e assim viviam. E a relação*

*natureza e kaingang não são separadas, são ligações bem fortes. Tudo que era ensinado era para o bom uso da natureza, para ter sempre um alimento, por isso era feito com todo respeito e na época certa, na lua certa também, para não estragar a continuidade das coisas, diz ele.*

Os conselhos, os ensinamentos são essenciais porque uma complementa a outra pelo que nos contam os **Kófa**. *Os ensinamentos, **juvãn** (conselho), **kajrãn** (ensinar), **kinhrãg** (aprender), **han há** (saber fazer), é a educação passada aos novos e é muito importante para o futuro deles. O **juvãn** (conselho) quando acontece um casamento para formar uma nova família, onde o conselheiro **kamẽ** aconselha **kanhrukrẽ** e conselheiro **kanhrukrẽ** aconselha **kamẽ**, porque, depois de casados, eles ainda ficam aos cuidados de todos na forma de educar, aconselhar. Todos nós passamos por aconselhamento feito pelos conselheiros, que eram feitos por um **ũn Kófa** (velho ancião), diz ele.*

Esses conselhos pelo meu entender é para convivência entre parentesco na formação da família, sabendo que na cultura Kaingang o círculo de parentesco é bem amplo.

*Meu avô sempre dizia que nossos **jamré** são os melhores parentes dentro da formação familiar kaingang. Pois, dificilmente acontece desentendimento entre eles que são marca contrária do seu. Já os parentes que têm a mesma marca, sempre acontece desentendimento, discussão porque são **régre** que são como irmão ou irmã, dizia ele (entrevista nº 2). Também para evitar conflitos entre eles, além disso, respeitando os **sanh há** (mais velhos) e os **Kófa** (anciãos), os **pã'i** (lideranças) dizia. Compreendemos que isso era e é a educação que vem do processo de ensinamentos passadas pelos **Kófa**.*

### 6.3 ENSINAR/ENSINO

Ao ensinar, o Kaingang utiliza um método instrutivo e explicativo para que aconteça a aprendizagem e a prática das crianças. Assim, conta o **Kófa**, *quando uma pessoa está mostrando como se faz uma flecha e arco, por exemplo, com que material deve fazer, como manusear para atirar na caça, onde achar a caça, como achar, em que lua é fácil caçar, como matar a caça, como preparar para um menino, por exemplo, para ser um bom caçador, e ele observa, acompanha, experimenta, pratica e aprende (Entrevista nº3).*

*Ensinar menina a segurar a mão de pilão, para aprender a socar o milho no pilão para fazer **pisé** (farinha de milho torrada), **kajica** (canjica), **ãmro** (farinha de milho), **ãkór** (massa de milho cozido), para socar o **kumĩ** (folha de mandioca brava), socar fruta de **tãnh kanũ** (fruta de coqueiro), o **fág** (pinhão), pois para cada atividade tem maneira de segurar a mão de pilão. (Entrevista nº3).*

Nesse momento, ouvindo esse relato, percebi que o ensinamento é uma função diferente do ensinar. *Como pegar o peixe, como coletar frutas, como preparar armadilha para pegar caça... conheço tudo que me foi ensinado e a educação que foi passada para ser o que sou hoje.* (Entrevista nº4).

E, nesse processo do ensinar, a palavra obedecer se torna bem destacada, pois é através do obedecer que se mostra o aprendiz de quem está sendo ensinado. *A maneira de ensinar as crianças, jovens, casais, era bem do jeito natural de nossos ancestrais, diz ele. O primeiro ensinamento que recebi foi isso, não se desanimar facilmente em qualquer situação que vier a me acontecer. É o momento mais importante, o primeiro ensino, pois é o que vai lhe orientar, lhe servir para a vida.* (Entrevista nº2). E eles tinham que obedecer e seguir o ensinado, *nos obedecia os mais velhos* dizia ele.

O respeito mútuo, a convivência coletiva entre ambas na grande extensão de parentesco vem dessa função do ensinar e com objetivo. *Tudo que os **kajró mág** (sábios), queriam era preparar uma pessoa boa e para ter respeito com seus **jamrés** (cunhados/cunhadas), que são os parentes com marca contrária, isso era muito importante para a vida kaingang e continua sendo* (Entrevista nº1). Além disso, os **inh mén** (marido), **inh prũ** (esposa), **kakrẽ** (sogro), **má** (sogra), **régre** (primo/prima), **mrẽke** (irmãs/irmãos consanguíneos), **panh sĩ** (tio mais novo), **panh Kófa** (tio mais velho), **mỹnh Kófa** (tia mais velha), **mỹnh sĩ** (tia mais nova), e assim por diante, respeito a sua marca contrária para formação das novas famílias e assim ampliando o parentesco **kamẽ** e **kanhukrẽ** (entrevista nº2),

#### 6.4 COSTUMES FAMILIARES

*A realidade de nossos **jóg Kófa** (avôs) no passado era viver em liberdade com a natureza, não havia separação entre ela e a vida humana, pois uma dependia da outra, diz o **Kófa**.*

*O alimento vinha por meio de seus componentes naturais, onde o relacionamento entre o ser humano e a natureza era, e ainda é, muito forte nesse aspecto. Eles viviam livres e andavam na mata, de um lugar para outro. Eles podia usufruir das riquezas da natureza, faziam **re tỹ in** (casa de capim), e eram sadios, as crianças brincavam nos rios nas árvores, em qualquer lugar havia alimentos como as caças, as frutas, as folhas e o mel. As caças eram nossa alimentação, as frutas e nós colhia raiz de uma planta com minha mãe para comer* (Entrevista nº1).

Entendi que o Kaingang se sente seguro quando se aproxima de uma mata ou de um rio, pois nela encontra mantimentos que necessita para se manter, assim também como a espiritualidade.

Vimos na fala do **Kófa** que caçavam, pescavam, coletavam mel a vontade, coletavam frutas porque havia bastante variedade para alimentação. Diz ele: *as famílias moravam em vãre (acampamento perto de rios) onde havia muito peixe e eu vivia brincando na água, no inverno era bem quentinho o rio (entrevista nº2). Onde havia quantidade de alimentos eles ficavam acampados, não deixavam o fogo apagar, porque ele protege, a sua energia protege e afasta os maus espíritos da mata. As casas não eram fixas em um lugar e assim sobreviviam (Entrevista nº5).*

Fica claro que eles conhecem o momento certo para usufruir da natureza com responsabilidade respeitando seu tempo: *é uma atividade de responsabilidade continua porque os conhecimentos devem prosperar.*

Compreendi também que a convivência entre famílias se completava em consequência dessa relação, todos viviam juntos e aprendiam juntos. E essa maneira de viver deles não é diferente atualmente. *Ter a responsabilidade de ajudar meu kakrẽ (sogro), pois na cultura kaingang o rapaz tem obrigação de atender seus sogros (Entrevista nº 3).*

Alguma coisa mudou em relação a tempos atrás, mas nada se perdeu durante a trajetória histórica dessa sociedade e sua cultura. *Tentaram mudar o costume e a mentalidade do kanhgág, meu pai conta que houve profundas transformações, mas isso não vai continuar acontecendo, pois os espíritos de nossos ancestrais não vão deixar acontecer isso, diz ele (Entrevista nº1).*

## 6.5 CONHECIMENTO KAINGANG

O conhecimento Kaingang, segundo minha compreensão, perpassa gerações milenares desde a sua origem. *A forma de organização kaingang era bem diferente e isso já vem da geração de nossos ancestrais (Entrevista nº 1). Assim, percebi que ela atinge uma dimensão muito grande dentro dos costumes tradicionais desta sociedade. Essa sim é a ferramenta mais forte, a arma para defender a cultura e que une as pessoas para dar continuidade a nossa identidade, características que une o pensamento kaingang, respeitando os sanh há (mais velhos) os Kófa (velhos), os pã'i (lideranças), são práticas de respeito, por isso que os adultos tomam muito cuidado em relação as crianças, dizia ele (Entrevista nº 1).*

Com isso, entendi que a capacidade em tomar decisões a respeito de suas ações diante dos conhecimentos é muito importante para que a educação pudesse dar estrutura a moral da existência dessa sociedade. *Pode fazer experiência para ter a certeza, diz ele. Sempre cuidei a atitude de meus parentes da mesma marca que a minha e os que são ao contrário, mas, é verdade o que meu avô falava. E quando eu era rapaz, gostava muito de buscar e coletar mel e caçar, pois aprendi com*

meu avô. Um dia convidei uns parentes para irem comigo melar, pois eu tinha achado quando fui caçar. Daí fomos em cinco e eles são da mesma marca minha **kanhrukrê**. E comecei a tirar os favos de mel e comecei a jogar neles para brincarmos de correr um do outro, mas eles me xingaram bastante e voltaram para casa bem bravos comigo. Depois disso, convidei outros parentes **kamê** que eram meus **jamrés** para me ajudar a melar. E fiz a mesma brincadeira com eles, mas daí foi bem diferente, pois eles pegavam o favo do mel e jogavam em mim também e nós brincamos muito, subiam nas árvores, riamos muito, se divertimos o dia todo, tomamos banho no riacho para tirar o mel do corpo, foi muito divertido. Então tudo que meu avô falava e ensinava era tudo verdade. Hoje, já velho, tento de todas as formas passar esses ensinamentos que foi a educação que foi me passada e acredito na importância dela (Entrevista nº 4).

Então, vejo que preparar os futuros agentes dessa geração é preparar para enfrentar os desafios encontrados na longa trajetória da vida dessa cultura. Nas palavras de um dos **Kófa** entrevistados: *assim viviam os nossos ancestrais e é assim que estamos educando os novos a viver e defender o que é nosso de herança. São atitudes que aprendi com meu avô o respeito pelos mais velhos pois, isso é uma dádiva, são as riquezas da cultura kaingang que prevalecem. Contam nossos avós que os homens cuidavam de buscar alimento através de caçar, de pescar e também faziam pequenas plantações para o consumo, então me preocupava muito com isso.*

Fica claro, para mim, que o conhecimento Kaingang vem acompanhando sua história, o modo de viver. É o que mantém viva a cultura tradicional deles e os diferencia de outras culturas. *Não precisavam de sabão, a cinza era o sabão. As mulheres lavam roupa com cinza e lavam as crianças com cinza e folhas de umas árvores. Não tinha sal, o **fóg** que ensinou a usar o sal. Mas o **kanhgág** usava como sal uma planta do mato, são plantinhas naturais e não crescem, são meio rasteiras que se chama **vênê** (azedinha) que era o sal deles. Ela é amassada com pedra e misturada na comida, passam na carne, diz ele (Entrevista nº3).*

E percebi que esses conhecimentos eram regras, normas que tinham que ser cumpridas. Uma entrevistada nos relata assim: *os adultos tomam muito cuidado em relação às crianças. Nesse modo de ensinar, todos que estiverem presentes aprendem junto de como viver em família. Assim foi que aprendemos que o respeito com os parentes é muito importante a partir disso. Lembro também que chegava uma época em que algumas pessoas se juntavam com meus avós e meus pais e faziam farinha de mandioca e milho no pilão e enchiam as **tujas** (balaio grande com tampa). E tinha dias que eu via muita gente, meu pai conta que era dia de grandes caças conforme a lua eles fazem essas caças. E eu me criei vendo isso, participando das atividades, aprendendo como fazer isso, depois casei e com meu marido nós fazia essas práticas e hoje sou **Kófa** (velha) mas passo esses conhecimentos e ensinando os filhos e netos de como fazer para serem **jykre há** diz ela*



(Entrevista nº5). Muito significativo os relatos, me sinto vivenciando o que escuto em cada conversa. *Fazia **ēpỹ** (roçado) com facção porque não tinha foice, mas eu tinha que fazer pois para isso eu era homem, dizia (Entrevista nº3). Tinha vez que meu avô contava como eles pescavam no passado também, é muito bonito isso, porque eu também vivi isso. Os homens tinham amanhecido lá matando os peixes com os **cipós (Kāje rān)** pelo que lembro e eles conhecem o cipó para essa prática dizia (Entrevista nº 5).*

*As crianças ao nascer já recebem orientação para viver bem na terra, fazer o bem, os pais acompanham para depois quando tiverem seus netos serem os que vão fazer a mesma coisa aos seus netos, bisnetos. Porque, as crianças eram sadias, os jovens eram fortes e preparados para serem guerreiros. Diz ele, guerreiro é forma de expressão usada para dizer que são preparados para serem homens fortes, corajosos para caçar, e defender seu povo em qualquer situação. A arma deles eram o arco e flecha, a lança para matar a caça, e para brigar com seus inimigos também contavam os meus avós. Sempre estavam nos preparando com remédios do mato, banhos de madrugada era muito exigido de nós que éramos rapazes, que era para ser um bom caçador e ser forte resistente, dizia ele (Entrevista nº4).*

E pelo que sinto e percebo durante as conversas, a natureza sempre está presente, na faz sentido sem ela. *E nós se alimentava bem com as coisa do mato, quando meu avô ia buscar mel eu e minha avó gostávamos de acompanhar ele. A minha avó levava um **kāj** (cesto) e lá meu avô trepava no pé de coqueiro e cortava aquelas copas da ponta e fechava com folhas de **ty** (caité), para colocar o mel, eram as vasilhas na época. Era muito bom, e nós trazia para casa lembro da minha avó carregando o **kāj** (cesto) cheio de favos de mel, dizia (entrevista nº5). E quando meu avô ia caçar ele trazia **ójor** (anta), as vezes **krág** (porco do mato) morto nas costas era bem gordo. Daí meu avó carneava e picava com as gorduras e minha avó colocava tudo no **kre fytar** (balaio grosso) e pendurava bem em cima do fogo, talvez para defumar e não estragar, lembro que ficava pingando gordura e eu não sabia para que era aquilo, mas talvez era uma forma de guardar, pois não conheciam geladeira né, dizia ela (Entrevista nº5). Tudo está ligado entre a natureza e o Kaingang, e percebi o motivo deles morarem próximos das matas, pois faz todo sentido: onde tem uma comunidade indígena necessariamente tem a presença de mato, pois é necessário para o modo de vida, para a subsistência, para a cultura e para a espiritualidade. *Eu, por exemplo, sou muito ligada a mata. Me encontro nela. O contato o ar, com as árvores, rios, o cantar dos pássaros, o som que ela transmite, o luar, tem tudo a ver comigo e eu me encontro ali, tanto como kaingang e quanto como pesquisadora.**

*O fogo tem uma energia muito forte diziam nossos avós, que faz a gente dar atenção, concentração e memorização em tudo que está sendo ensinado, ela é essencial na absorção das*

*coisas. Dizem os nossos avós que o fogo é o objeto da cultura que possui muita força, tanto é que as pessoas que vieram antes de nós viviam na mata, se curavam com remédio natural (entrevista nº5). Uma coisa bem importante que aprendi com meu avô também e que faz parte da alimentação tradicional e sempre estou ensinando meus netos também é como criar os **grón (kórós)** para consumo. Cortamos o pé de coqueiro e deixar apodrecer para criar os bichos, dentro de três meses estarão prontos para coleta e consumo, dizia ele. A taquara também quando está para terminar cria os **vóga** (larva) que também é alimento muito suculento para nós kaingang. E isso não podemos deixar de praticar tanto e que sempre estou ensinando meus netos e aqueles que vêm me perguntar como faz as coisas, nunca esqueci do que me foi passado naquela época (entrevista nº4). Tanto é que cuidei dos meus sogros até o fim da vida deles e meu marido fez a mesma coisa para os meus pais. Tivemos nossos filhos que também passaram por isso, a geração vem trazendo esses conhecimentos, esse respeito, pelas pessoas mais velhas e continuo passando para os netos (Entrevista nº5).*

## 6.6 COSTUMES KAINGANG

A prática dos costumes é bem forte entre eles em alguns aspectos, e o que me chamou muita atenção durante minha pesquisa foram as crianças. Pois percebi que são preparadas à serem responsáveis em cuidar de seus irmão mais novos enquanto os pais desenvolvem atividades cotidianas. *Na **ẽg tũ pẽ**(cultura kaingang) os filhos mais velhos cuidam dos mais novos além de seus avós, sempre fomos assim (entrevista nº2). Elas acompanham tudo de perto, tanto é que memorizam tudo que enxergar e ouvir, depois eles ficam praticando nas brincadeiras deles, imitando os mais velhos, ainda hoje é assim as crianças e jovens em nossa comunidade. Nós era muito bem preparados e ensinados antigamente pelos nossos avós, pedia para nos sentar ao redor do fogo como sempre ele fazia e nós já sabia como fazer dentro desse costume dele. Muito bom isso, pois sempre tive na memória o que me foi passado ao nascer, que era para ser um bom caçador e ser forte resistente para quando for homem ter a responsabilidade de ajudar meu **kakrẽ**(sogro), pois na cultura kaingang o rapaz tem obrigação de atender seus sogros e a moça kaingang é preparada para atender a sua sogra dizia. Tanto é que sempre tive o prazer de ajudar meu sogro, fui caçador a vida inteira e nunca deixei faltar nada para meus sogros até que eles morreram, e a minha esposa fez a mesma coisa, sempre fazendo comida para sogra dela, socando **pisé** (farinha de milho torrado), preparando **fuva** (folhas), e eu pescava com meus **jamré***



(cunhados) e nós fazia o **keje rân** (bater cipó para atordoar peixe) para ter facilidade em pegar, buscava mel para o meu sogro diz ele (Entrevista nº3).

Isso deixa claro que um ensinamento passado a uma criança carrega muito significado e responsabilidade. *Quando nasce uma criança é um momento muito importante na família e quando falo em família não é só pai e mãe, mas de toda comunidade porque essa criança vai ser cuidado por todos. E todos faziam parte da educação das crianças e também dos jovens. Para que essas atividades tenham continuidade* (Entrevista nº2). Esse fato relatado é bem importante nas atitudes entre as famílias, assim como também na convivência coletiva e social. Eles sempre tiveram o próprio modo de viver, seus costumes e hábitos, e tudo era de acordo com a ordem da natureza, assim relata uma entrevistada, *para casar os pais escolhiam com quem seu filho ou filha ia casar quando crescer, em respeito a marca tribal kaingang **kamẽ/kanhukre**, o casamento na cultura era pensado para formar aliança entre as marca contrária, onde entendemos que a sociedade se torna uma grande família, por isso é difícil nós se separar um do outro, viver longe um do outro, ela tem um sentido muito forte onde só entende quem é kaingang mesmo, dizia* (Entrevista nº3). *O meu matrimônio foi tratado quando eu nasci, conta minha avó. Os meus sogros já me deixaram marcada para o filho que seria meu esposo quando eu for moça. E lembro que minha mãe sempre explicava que quando for mocinha ia chegar um tempo na minha idade. Um dia eu percebi que ela foi conversar com meu pai, naquela mesma noite eles disseram para o meu irmão mais novo ficar cuidando de mim que eles iam sair. E lembro que tinha mato por todos os lados e havia trilhas no meio do mato para os deslocamentos dos vizinhos se visitarem. E o meu pai pegou uma taquara seca acendeu e levaram iluminando a trilha. Na verdade estavam indo na casa dos meus sogros e eu não sabia, eles foram me contar no outro dia. Meu pai e minha mãe me chamaram e me fizeram sentar na frente deles e começaram a falar que a minha idade tinha chegado e que quando nasci fui comprometida com um menino que era **Kamẽ** porque eu era **Kanhrukẽ** e que o matrimônio no costume kaingang era assim. E lembro que no outro dia o meu futuro marido trouxe um **krág** (porco do mato) abatido na caça para meus pais. E conta meu avô que o rapaz tem a obrigação de caçar para ajudar seus sogros. Foi assim que conheci meu marido, o meu pai junto com o pai de meu marido fizeram uma casinha para nós morar* (Entrevista nº5). *E era assim que viviam os nossos antepassados e é assim que vivemos hoje, sempre perto um do outro de maneira um pouco diferente mas o sentido de não ficar longe da família é o mesmo* (Entrevista nº3).

Por isso, a solidariedade entre as pessoas dessa sociedade e os costumes vem dessa organização tradicional deles. *A preparação dos alimentos era feita pelas mulheres, e as meninas acompanhavam tudo e aprendendo também a fazer. As tarefas eram bem divididas entre homens e mulheres e as crianças eram os aprendizes* (Entrevista nº4).

*Eu via meu pai com os outros homens preparar carne e a minha mãe e as outras mulheres assavam carne na brasa e umas faziam o **ēmī** (bolo na cinza) e umas faziam **farīnh fār** (farinha de biju) e eu brincava com as outras crianças que vinham com seus pais, a minha mãe tinha o meu irmãozinho pequeno e eu cuidava dele também porque sou mais velho (Entrevista nº2). Diante disso, o respeito a religiosidade cosmológica se torna bem complexa. Quando morre um kanhgág todos choram juntos porque é uma grande perda na família aqui na terra, mas passa a viver no **nūgmē** (morada eterna) de onde não saem mais para passear e visitar os parentes. Antigamente só os **kujá** (chefe, líder, médico...) podiam visitar esse lugar, daí era bom porque daí eles traziam notícias de lá, os parentes podiam mandar notícias da terra e assim por diante, tinham contato através dele diz (Entrevista nº2).*

Para compreendermos os costumes Kaingang de fato, é preciso fazer parte do universo em que eles vivem, vivenciando o dia a dia deles. *Lembro que quando eu já era uma menina grandinha lembro que logo cedo alguém vinha gritando: “vamos juntar os peixes pois, já estão mortos” e nós levantava minha avó, a mãe e as outras mulheres carregavam cestos e a criançada íamos para o rio longe dali. Nos chegava lá e o rio estava cheio de peixes de barriga para cima brancos, uns atordoados e a criançada juntava nos cestos. Participei muito dessas atividades com meus pais, era peixe assado, peixe cozido, era preparado de várias maneira para nos comer. Hoje um dos meus filhos gosta muito de fazer para ensinar os meus netos diz (entrevista nº5). A mata conservava tudo que lhes servia de alimento conforme contavam meus avós, que viveram essa época de fartura. E não havia doenças estranhas como agora, isso tudo era a vida kaingang antes da entrada da cultura não indígena nos nossos costumes próprios. Só que temos um problema hoje, como apareceram coisas diferentes, essas práticas foram mudando também e com isso foi quebrado esse costume, isso machuca muito a mim como também os outros parentes velhos como eu. Por isso, as pessoas velhas devem ser valorizados e respeitados na nossa cultura pelos seus filhos e netos, ainda mais os que são igual a mim. Então me preocupa muito, mas vou sempre contar para eles como era a vida kaingang, como sobreviviam os nossos ancestrais. Porque eles precisam saber, talvez não praticar mais como era, mas pelo menos valorizar esses costumes Kaingang (Entrevista nº5).*

## 6.7 OS RITUAIS

Vimos também nessa caminhada de estudos, que os rituais são importantes fundamentos dos costumes, realizados para as circunstâncias da vida Kaingang, com intencionalidade, pois eles

fazem acontecer o que lhe é proposto durante sua realização, como demonstra a fala da entrevistada: *Eu via minha avó conversando com uma árvore, tirando suas folhas e levava no riozinho que havia na mata e batia com pedra, amassava bem e passava em meu corpo para as abelhas não me picar. É bem certo por que só quem faz o ritual sabe isso* (Entrevista nº5).

Percebi que nem um ritual é feito por acaso, porque é um momento sagrado para eles. Tudo que existe na cosmologia Kaingang é por uma razão e é isso que dá sentido à vida, conforme a fala: *era uma proteção contra as picadas das abelhas, e eu ajudava a minha avó a encher as vasilhas com os favos do mel sem problema* (Entrevista nº5). *Quando eu nasci a minha avó, mãe do meu pai **m̃yñh f̃i má f̃i** (sogra de minha mãe) que atendeu o parto, fez o ritual colocando um talinho de madeira considerada muito forte que é o **karugmág** (angico), na minha mão para mim ser forte e resistente em qualquer situação, esse ritual pode ser feito para menino e menina, mas também tem em outros rituais que podem ser feita apenas para menino ou menina* (Entrevista nº2).

Dessa forma, entendi que na medida que for praticada uma petição por meio de ritual, sua ação é constante e continua na vida de quem recebe a proteção ou purificação. *Quando chegou nosso primeiro filho os meus pais e os meus sogros fizeram o ritual de preparação para ele também* (Entrevista nº3).

Ouvindo esses relatos, eu, enquanto estudante, pesquisadora Kaingang, lembrei de tudo que aprendi com a minha avó, os rituais que ela fazia e eu acompanhava. Vou relatar aqui um desses rituais que não posso deixar de escrever, pois é um momento bem importante para mim. Lembro que numa tarde quando o tempo se preparava para uma tormenta e o céu estava ficando escuro, ela me chamou e disse: *filhinha senta aqui do meu lado e cruza as pernas e fecha as mãos*. E eu fiz de acordo como ela estava sentada de frente contra o lado por onde estava levantando as nuvens pretas. Em seguida ela começou a falar com o tempo dizendo: **Kāka ker tagmī kātīg hã, tāmī tīg nī, goj kafā tū mī tīj nī**, falando essas palavras ela abria os braços contra a direção do vento e assoprava contra, ordenando lhe que mude de direção e não venha sobre nós. E eu criança ficava imaginando o que ouvia acompanhando o ritual, e ela dizia para mim: *Quando estiver com medo da tormenta faça assim, pois a natureza entende quando falamos com ela*. Hoje compreendo que o **goj kafā tū** que ela falava é o mar (oceano). Ela estava ordenando a tormenta ir em direção ao mar.

## 6.8 A ESCOLA

Durante todo esse estudo, pude compreender também que a escola, quando, como e da forma com que foi implantada nas comunidades indígenas, representou um grande desafio. Porém,

percebo que hoje ela é um dos elementos pelo qual aproximamos os conhecimentos tradicionais de nossos kófa às crianças de nossas comunidades, sendo, assim, um instrumento onde a revitalização dos costumes é bem forte devido ao trabalho pedagógico dela em prol da permanência da nossa cultura. *Por isso acho bem importante os professores fazer essas visitas com os alunos também, para nós poder contar para eles, ajudar a lembrar das coisas que estão sendo esquecidas muitas vezes. Se a escola pedir para nós contarmos para os alunos nós vamos contar sim, os velhos estão indo, morrendo e levam junto os conhecimentos, por isso é bom você escrever para eles poder ler depois também* (entrevista nº1).

Pelos relatos que ouvia, percebi que a escola em alguns momentos busca os conhecimentos através dos **Kófa**. Isso é bem importante, conforme relata um dos entrevistados: *já dei palestra na escola para contar minha história também, e falei dos remédio do mato que devem ser usadas para tal, para isso, para aquilo, espero que alguém guarde na cabeça o que falei porque foi uma forma de passar esses conhecimentos para os novos* (entrevista nº2). *Se não fizermos isso tudo vai ficar perdido e a escola hoje é o lugar onde deve ser passado esses conhecimento que são a riqueza da nossa cultura. E hoje a escola é o meio por onde estas histórias reais devem ser trabalhadas pelos professores, para que os novos não se afastem da de sua origem, e conversar com nós que sabemos estas histórias, vivemos esses momentos, então minha ideia é essa, mas poucos nos procuram para perguntar o passado de nossos ancestrais* (Entrevista nº4).

Então, a escola indígena hoje é um dos fatores impostos pelo **fóg** com um objetivo, mas que, pode ser a solução para revitalizar esses valores e em sua forma de educação não deve fugir dessa realidade histórica, como os **Kófa** contam em suas falas: *os professores precisam se conscientizar também, para que em seus projetos de ensino seja incluído esses assuntos, porque se não for feito isso as crianças vão cada vez mais se afastando desse conhecimento, dessa riqueza cultural. É uma urgência isso* (entrevista nº4).

*Por isso é importante, os estudantes de hoje buscarem junto às pessoas idosas das comunidades esses conhecimentos para trazer as histórias e escrever. Para não serem esquecidas pelos novos hoje, porque as coisas dos **fóg** está muito forte entre nós hoje. Vejo meus netos indo para a escola todo dia e isso me preocupa, tenho medo de eles gostarem das coisas de lá e não quererem mais falar comigo, sinto eles se afastando de mim sabe, mas se a escola trabalha sobre isso eles vão gostar, porque são coisa deles, a escola tem que deixar claro para os jovens que eles nunca vão ser diferentes do que são. São kaingang e isso não vai mudar por nada. Essa é a função da escola hoje. Os professores devem estar preparados para buscar esses conhecimentos, os ensinamentos para que a escola não deixa ser esquecido hoje. Porque se não for feito isso daqui a pouco meu neto vai dizer que não sabe o que é ser índio, então a escola indígena e os professores*

*indígenas têm essa função de buscar e escrever assim como você está fazendo, mas não aparecem por aqui, diz (entrevista nº5). Por meio desses relatos, senti a preocupação dos **Kófa** em relação ao futuro de sua geração que são as crianças hoje.*

## 6.9 A INFLUENCIA DOS FÓG

Diante dos relatos dos **Kófa**, compreendi que eles sofreram muito a partir do momento de contato com os **fóg**: *Começou a mudar muita coisa a partir do momento da influência do **fóg**, porque foi trazendo coisas diferentes para chamar atenção. Tudo começou pelos padres jesuítas que tinham como papel fundamental em catequizar os índios dizendo que a religião católica era a única e verdadeira que eles tinham que obedecer e seguir os ensinamentos escrito na Bíblia, tentando mudar assim o costume e a mentalidade do **kanhgág**. Meu pai conta que houve profundas transformações, pois os kaingang eram obrigados a abandonar suas crenças, suas ordens e ensinou o índio a seguir seu regime (Entrevista nº3).*

*Eles procuravam um jeito de se introduzir nos costumes dos kaingang, e conseguiram muito rápido. Começaram pela religião católica, trazendo imagens influenciando os kaingang, porque sabiam das crenças tradicionais e vieram para mudar a mentalidade deles em relação às crenças. Mas teve, resistência igual, nem todos foram dominados pelo inimigo, principalmente a nossa língua materna que eles fizeram de tudo para proibir, mas não conseguiram (Entrevista nº2).*

*Conta meu pai que muitos de nossos antepassados morreram de desgosto, fome, doenças e tristezas porque não podiam mais caçar, nem pescar e fazer as atividades cotidianas que gostavam, inclusive ele é um dos sobreviventes desse massacre cultural e religioso e conta para nós, os filhos e netos (Entrevista nº3).*

*Eles começaram a trazer coisas diferentes em nosso meio. A escola é uma delas. É ela que ensina a ler e escrever e, diante disso, os novos conhecem outras coisas que não são mais da cultura e gostam, por exemplo, o celular é um que está dominando os novos hoje. E não querem mais saber dos ensinamentos dos velhos (Entrevista nº1).*

*Pensaram em nos afastar dos costumes, acharam que éramos burros, retardados e analfabetos, mas burros são eles que nem sequer sabem nem a metade do que sabemos, sobre a natureza, os animais, o bem viver, as épocas, as fases da lua... A ciência kaingang é muito mais bonita do que a deles. O conhecimento científico kaingang é muito lindo porque é natural (Entrevista nº 2).*

*E hoje, essa mistura de **fóg** com índio também está prejudicando muito o costume. **Fóg** casa com índia e tem filhos e não tem marca nem **kamē** nem **kanhukrē** mais e o **kanhgágpē** não é mais, é mestiço. Eu, como uma pessoa que já vim de muito longe na vivência, estou muito decepcionado com tudo isso, mas prefiro continuar falando para meus netos, quem sabe vai entrar na cabeça deles e eles vão lembrar disso quando eu não estiver mais com eles (Entrevista nº1).*

*Mas estamos contando como era, para que a nossa geração não fique iludida pelo inimigo, mas que esteja consciente de sua geração, e poder dizer que é índio com orgulho. Eu acredito que a mentalidade dos nossos jovens não vai ser dominada pois os espíritos de nossos ancestrais não vão deixar acontecer isso (Entrevista nº2).*

*Mas, por um lado, pensando no hoje foi bom também porque acabaram de formar indígenas para lutar contra eles também, pelos direitos garantidos na lei e isso é muito bom (Entrevista nº2).*

*A tecnologia, os eletrônicos, também são fatores que estão dominando, mas penso que, como as coisas vão mudando, é preciso saber usar as coisas que os **fóg** estão trazendo para dentro da nossa cultura, pois não tem como mudar agora. Que nem eu gosto de ouvir rádio, mas não gosto de assistir TV, agora, os filhos ficam assistindo até a madrugada, eu não sei mexer no celular mas meu netinho sabe muito bem, então são coisas assim que estão mudando a mentalidade dos novos hoje, diz ele (Entrevista nº2).*

*Mas, como dizia meu pai, que com o tempo foram se acostumando com o novo modo a eles imposto, e começaram a respeitar as imagens que eles davam, como de santo Antônio, são João, são Pedro, são Roque, Nossa Senhora, e os ensinamentos sobre isso foi convencendo alguns que começaram a seguir essa crença. É uma longa história a partir disso. Mais tarde, aos poucos os **fóg** foram trazendo outras religiões como por exemplo o Sabatista e mais tarde Assembleia de Deus que tem até hoje. Eles que trouxeram a escola também para ensinar a ler e escrever, mas isso não significava nada para os kaingang, por isso os pais não obrigavam seus filhos a frequentar a escola. Isso aconteceu comigo. Por isso não sei ler nem escrever, mas conheço tudo que me foi ensinado e a educação que foi passada para ser o que sou hoje. Mas a grande consequência disso é que as práticas tradicionais foram diminuindo, porque as coisas dos **fóg** estão mais fortes. O modo de passar ensinamentos para as crianças ainda são realizadas pelas pessoas mais velhas, mas de forma diferente, não temos mais a atenção dos mais novos em escutar, porque estão ligados no celular, televisão, músicas que não sabem do que fala de tão barulhentas que é, mas eles gostam mais disso hoje, diz ele (Entrevista nº3).*



*Estou muito indignado, apesar de tentar entender o que está acontecendo hoje. No que os jovens estão sendo transformados pela sociedade dos **fóg**. Mas eu tento entender também que a nossa geração não vai mais conseguir viver sem eles. Nós que somos **kófa** também estamos dependendo deles por causa da aposentadoria, dinheiro parece que é uma coisa que precisamos para viver hoje. Antes era a natureza que dava tudo de bom para nós, mas hoje temos que ir no mercado procurar o que comer. É chato, isso mas é a realidade agora. Nessa parte eles nos convenceram e sinto que não vamos conseguir mudar a mentalidade dos nossos jovens agora. Às vezes penso em ficar quieto esperando a morte, mas vejo meus netos e fico muito triste, mas eu sei que eles vão ser talvez mais inteligentes do que eu para se defender de algumas coisas que não são de seus costumes. Assim espero. O que mais me deixa triste é ver índios falando em português, e se achando melhor que o outro, sabendo que nunca vai ser diferente de sua geração. Mas vamos ter que aceitar, a escolha deles pois estão desvalorizando sua própria identidade e de seus filhos e netos, além do mais, o futuro kaingang está ameaçado dessa forma diz ele (Entrevista nº3).*

*Mas, parece que não tem mais como mudar isso. Hoje vejo meus netos e fico imaginando como será, no futuro, a vida deles e dos filhos deles. Porque eles não gostam mais de comer as nossas comidas típicas, bolo assado na cinza, não querem mais, só pão da padaria dos **fóg**. Mas vou sempre contar para eles como era a vida kaingang, como sobreviviam os nossos ancestrais. Porque eles precisam saber, talvez não praticar mais como era, mas pelo menos valorizar esses costumes kaingang diz ele (Entrevista nº4).*

*Assim dizia uma entrevistada: sou aposentada mas não quero que nada mude o meu modo de viver, porque foi assim que fui ensinada e assim vou até o fim da minha vida, nem o **fóg** vai fazer eu mudar de ideia, diz ela (Entrevista nº 5).*

## 6.10 IDEIAS COMPLEMENTARES

*Falar com pessoas mais velhas de nossa comunidade é uma viagem ao passado, se aventurar na tradição que está muito presente nas ações que essas pessoas praticam, seja ela a mais simples, recepção em suas casas até as mais complexas narrativas, que é a história de vida do seu povo. Aprender a ouvir, respeitar o tempo e o espaço durante a conversa. (FERREIRA, 2013, p. 21).*

A partir de todos os relatos trazidos, se tornam compreensivas as concepções dos **Kófa** sobre importância da educação tradicional Kaingang por meio dos ensinamentos dentro dos costumes culturais. Fica claro também a concepção deles em relação ao que temem: uma geração futura doentia, com sérios problemas de identidade e culturais. Essa ideia de doença não se trata, para eles, de saúde em si, mas no modo de viver os costumes que hoje já se diferenciam do modo como viviam no passado, e isso faz pensar no futuro da sociedade Kaingang, pela qual demonstram grande preocupação. Uma sociedade sadia, consciente de sua origem que eles preparavam e continuam preparando é fundamental nesse momento, dizem eles, pois a nova geração está cada vez mais influenciada com outras formas de pensamento.

Também lembramos as palavras de Paulo Freire e seu livro *Pedagogia do Oprimido*, quando fala da educação como prática da liberdade. A concepção dos **Kófa** é essa: a prática da educação tradicional forma indivíduos livres do pensamento opressor da cultura dominante para viver seus costumes e tradições culturais como e onde quiserem. E é isso que vimos atualmente, uma juventude consciente do seu mundo tradicional Kaingang, aprendendo a viver também do mundo não-indígena.

Nesse caso, vem em nossa mente uma questão que precisamos refletir: seria a moderna cultura Kaingang ou uma cultura modernizada? Essa questão é muito forte no pensamento deles, porque isso chama muita atenção também através dos relatos a nós designadas durante a pesquisa. Em muitos deles vimos a presença de elementos vindos da cultura do não-indígena convivendo com outros originalmente Kaingang.

Diante disso, sabemos que desde o início do contato com o não-indígena, muitas ofertas foram feitas à eles para chamar atenção, coisas novas e diferentes e essas novidades importadas para uma cultura diferente criaram uma diferenciação na vida Kaingang, e isso não quer dizer que houveram perdas, mas sim mudanças no modo de viver em alguns aspectos. Por exemplo, as práticas tradicionais foram ficando mais fragmentadas, os rituais, os agradecimentos ao ano novo, ao casamento, a colheita, e muitas outras atividades tradicionais da cultura, mas dependendo da comunidade, elas se tornam mais fortes também, conforme foi observado durante a minha pesquisa



de campo. Isso nos fez compreender a educação como resultado dos ensinamentos dos mais velhos, isso prevalece com força na minha percepção como pesquisadora.

Assim sendo, percebemos que o pensamento dos **Kófa** em relação à educação tem o intuito de formar um ser consciente de sua identidade cultural. Essa preparação é realizada através de uma metodologia própria que é a oralidade, onde a fala, a pronúncia das palavras é mais importante, pois nelas estão a essência do saber e a memorização é essencial nas expressões, a conversa, o diálogo entre as pessoas dá mais sentido ao assunto.

Na cultura Kaingang é assim, a tarde chega, todos descansam sentados em forma circular e conversam. A maneira de falar tem mais sentido para eles, a essência das palavras tem mais sabor. É gostoso de ouvir as narrativas, principalmente os **kajró mág**, em seus conhecimentos e sabedoria sobre as coisas tradicionais. Por isso, não se dá tanta ênfase para a escrita e para a leitura, porque isso não faz parte do costume de seu povo. No decorrer da minha pesquisa, percebi e comecei a entender esse fato conforme fui ouvindo as pessoas com quem tive a oportunidade de conversar, não apenas através de entrevista, mas falando sobre o assunto que eu queria saber e usando um método próprio para conseguir as informações que precisava.

Em um desses momentos, chegou em minha casa o meu tio Abrão Mĩg Mineiro numa tarde de domingo. Falou que estava sem erva-mate em casa e veio ver se eu podia emprestá-lo um pouco da minha para ele tomar chimarrão. Coloquei a água para esquentar e fiz o chimarrão para tomarmos. Ficamos na sombra tomando chimarrão e conversando. Ele gosta de falar das coisas do passado que ele vivenciou com seus pais. Ele começou a falar que um não-índio, queria saber o significado do nome dele, que era **Mĩg**. Então disse que contou a história do nome para ele e falou que conforme a escolha dos **Jóg Kófa** (avôs), eram dadas às crianças os nomes, e não era de qualquer jeito. Tinham que pensar bem antes de escolher o nome porque a criança terá esse personagem como guia espiritual e proteção em sua vida.

Me disse ele: *pode ser, um animal do mato, pássaro, árvore, pessoas queridas que já faleceram, esse costume tinha que ser bem fortalecida. Mas hoje vejo nomes estranhos que os pais escolhem para seus filhos, não sei nem falar os nomes em português dos meus netos, só um sei falar que é Tayson. Mas em kaingang fui eu que dei, e ele é **Grũ** (tucano) que é um lindo pássaro muito esperto, avisa aproximação do inimigo. Daí falo para minhas filhas também parar de dar nome estranho aos meus netos. Tem nome que não é mais brasileiro às vezes, porque os pais estão copiando nomes de personagens da televisão e não estão mais botando o nome indígena. E fico pensando como será essa criança quando for grande, como vai se identificar com alguma coisa da sua cultura, vai pensar que é parecido com o personagem da TV e vai querer fazer o que ele faz*

*também, disse ele. É por esse motivo, penso que estamos quase sem proteção hoje, as crianças, os jovens estão quase dominados por essas coisas ruins.*

E como a conversa estava muito boa fui tomando nota, pois tudo que ele falava estava relacionado ao assunto da minha pesquisa. Perguntei se ele tem o costume de contar histórias como nosso **Jóg Kófa** (avô), **Jỹ Kófa** (avó) faziam quando éramos criança, e ele disse que sim. *Às vezes fico até meia noite contando histórias do passado a eles, o que o meu pai me ensinava quando rapaz. Os remédios do mato que ele usava e me ensinava como usar também.*

Então falou que ensina os netos a usarem sempre os remédios: *agora que é verão é bom tomar banho no rio e tem que usar as folhas*, disse ele. Nesse momento ele falou uma coisa bem importante, quando disse: *mas não tirar de qualquer jeito o remédio, não tirar qualquer parte da planta sem conversar com ela, porque as árvores são inteligentes, por isso não pode tirar qualquer parte delas sem necessidade, e deve falar para ela o motivo pelo qual está tirando as folhas, por exemplo.*

Perguntei, então, o porque devemos fazer isso, e ele contou toda história que a avó do pai dele contava e que o pai dele contava para ele e que hoje ele conta aos suas filhas e netos assim: *os kaingang já existiam bem antes dos fóg, São os sobreviventes depois do grande dilúvio que aconteceu sobre a terra, assim são os primeiros habitantes da terra, que já existia. A partir daquela época, sobreviviam se alimentando da natureza. Guiado por um chefe que era a pessoa kujá Kófa. Esse cuidava de todo o grupo, atendia nas enfermidades, fazia ritual, reza e curava o doente de seu povo guiado pelos seu jagrẽ que seria um espírito de um animal, árvore ou rio. Assim viviam em paz e harmonia junto à natureza. Mas numa certa época as pessoas começaram a ficar doentes um após o outro, crianças, jovens, adultos, velhos e o kujá fazia o seu ritual de cura, mas não conseguia salvar todos e as crianças e velhos começaram a morrer e as pessoas estavam ficando poucas. Ai o kujá Kófa, já estava bastante preocupado pois a situação estava se agravando. Então, buscou ajuda com os jagrẽ, que são os espíritos da mata (nãn tã nag), para achar alguma solução para o problema. Mas eles lhe orientaram de uma forma inevitável, que era dar sua própria vida pelo seu povo para salvá-los. Foi-lhe explicado bem como deve ser feito. Então o kujá Kófa voltou para seu acampamento e chamou a todos que ali estavam e disse: meus filhos e filhas, vou lhes dar uma ordem, e vocês devem cumprir para salvar a todos. Vocês devem me matar e cortar meu corpo todo em pedacinhos e espalhar na mata sobre as árvores principalmente. Depois disso, tirem algumas folhas, raízes, casca e fervam e deem aos doentes para beber e eles ficarão curados e o povo será salvo dessa enfermidade que está sobre nós. Mas, prestem bem atenção, antes de tirar qualquer parte da planta converse com ela, conte a ela pelo qual motivo vai coletar a parte que necessita. Porque elas se tornarão inteligentes e saberão como ajudar nas doenças disse ele muito*

*sentido pela vida de seu povo. As pessoas que estavam ali ficaram muito tristes com a decisão de seu velho **kujá**, mas cumpriram como pedido dele. É por esse motivo que para os kaingangs todas as árvores são remédio. E, conforme a ordem que foi dito, assim cumprem, para utilizar qualquer remédio. E o respeito pela natureza vem dessa origem histórica. Para nós, tudo tem um sentido de existir. O rio, por exemplo, ele tem espírito, por isso, quando uma criança cair na água, é exigida que ela devolva o espírito da criança fazendo o ritual com a peneira. Os nossos avós faziam isso. Onde a criança caiu, eles tiram água com uma peneira, para o espírito dela voltar. Se não ela fica doente e acaba perdendo a vida. Então, tudo isso, cada detalhe das coisas tem um significado de existir. Por isso o respeito pela natureza é ensinado desde pequeno pelos nossos **Jóg Kófu** (avós). Eu tenho muito orgulho de ser o que sou hoje, por que me sinto relacionado ao **mĩg jũvãnh** (onça mansa) (Abrão Mĩg Mineiro, 70 anos de idade, morador da comunidade do Setor Missão, relato em conversa normal durante o processo da pesquisa).*

Nesse sentido, comparo com a escrita do professor Sergio Baptista da Silva em seu artigo intitulado dualismo e cosmologia Kaingang: o xamã e o domínio da floresta, onde a escrita enfoca nas interpretações em diferentes domínios do cosmos Kaingang: “A idéia de natureza é algo específico de uma dada sociedade, isto é, ela depende da forma como uma sociedade humana recorta o mundo natural como sendo ‘da natureza’.” (Giannini apud Silva, 1994).

Ao mesmo tempo, que comparo a escrita de alguns autores em que me referenciam também analisando as observações que fui guardando comigo durante a pesquisa de campo. A seguir, descrevo um momento vivenciado no decorrer da minha pesquisa que igualmente me chamou muita atenção, que é a fala da dona Gipora Kagso Cândido e seus filhos.

Cheguei na casa de dona Gipora para descansar um pouco, pois já era meio-dia e meia, e ela estava preparando **fuva** (alimento típico Kaingang) e **mrāj ki ěmĩ grē** (bolo assado na cinza), esse último que já estava pronto, só esperando o **fuva** ficar cozido para servir o almoço. Fiquei encantada com tudo que estava contemplando naquele lugar, pois tinha presença de **ãprã pĩ** (fogo de chão), tinham dois **hinh kėsir** (tatuzinhos) amarrados comendo minhocas e os quatro filhos, que ainda moram com ela, vieram nos receber, pedindo benção em forma de consideração à nossa chegada. Arrumaram os bancos de tábua e logo ela já foi contando os fatos que aconteceram. Os meninos foram contando junto com ela que tinham ido fazer coleta de mel com seus **jamrés** (cunhados) no dia anterior, mas que no caminho os cachorros latiram dentro da mata e eles foram até lá e tiveram uma surpresa, era uma toca de **hinh** (tatu) e eles estavam cavoucando a toca, conforme disse um deles. *Mas como eles foram ensinados a caçar tatu pelo avô deles que é meu pai, o mais velho deles falou que enfiou a mão na toca e pegou no rabo dele e puxou com força e com um facão bateu na cabeça dela e matou, pois são acostumados a comer a carne do bicho, diz*

ela. Logo vimos quatro **hinh kēsir** (tatuzinhos) saindo atrás da mãe tatu que já estava morta. Daí pegamos eles e trouxemos para casa para criá-los, diziam eles mostrando-me os bichinhos que estavam amarrados em seus rabos com tiras e bem cuidados. Já estava pronta uma gaiola improvisada para eles dormirem.

*Eles sempre fazem isso, dizia dona Gipora sobre seus filhos. E gostam muito de caçar e coletar mel, porque quando meu pai que é avô deles era vivo, ensinava eles e banhava eles com remédio do mato para as abelhas não ficarem bravas.*

Um deles dizia que *as abelhas compreendem porque a gente pede para elas o mel. E os tatus também*, diz ela complementando a conversa, *já criamos **hinh** (tatu) para consumo e **karéré** (tamanduá) também*. Perguntei se sabiam de alguma relação dos bichos com as marcas Kaingang e já me disseram que o **hinh** (tatu) é da metade **kanhrukrē**, enquanto o **karéré** - tamanduá é **kamē**. Eu fiquei sem ter o que dizer, apenas me deliciando com a história narrada por eles. Logo já fomos almoçar, ali mesmo na sombra onde ela estava fazendo suas atividades de **ēgnénh** (cozinhar) e **mrēj ki ēmī grēg** (assar pão na cinza). **Kanhgág** é assim, dizia ela, *não precisa de lugar arrumado para comer e viver bem*. Eu concordava plenamente com tudo porque era isso que precisava saber e vivenciar novamente.

Após o almoço, ela pediu para um dos filhos trazer um potinho com **Mýg** (mel) para mim comer com o resto do **ēmī grē** (bolo assado) que tinha sobrado. Enquanto descansávamos na sombra, eu vi os dois rapazes pegarem os **jāpā** (foices) e o **még** (machado) e eu ouvia ela orientando-os a terminar um certo tamanho de **ēpỹ** (roçado), porque o **kysā** (lua) estava boa, e os **jēsī** (pássaros) já estavam avisando para fazer o plantio. Levaram **sāpe** (chapéu) e **goj kusa** (água) gelada em uma garrafa pet, pois o **rā** (sol) estava muito **rỹjgy** (quente), enquanto o mais novo ficou para ajudar a mãe em casa e cuidar dos bichos. Logo ela pediu a ele botar uma **kukrū mág** (panela) bem grande sobre o **pī** (fogo) e colocar água para ela pintar os materiais que ela preparava para confeccionar artesanatos. Essa atitude me chamava muita atenção, porque na minha comunidade é raro ver rapazes dessa idade trabalhar em lavoura, principalmente com foice. E, naquela conversa vai e conversa vem, fui perguntando algumas coisas que me chamavam atenção ali, relacionadas a minha pesquisa. Aliás, tudo que estava contemplando era uma riqueza enorme para mim, tanto como Kaingang quanto como pesquisadora. Então fiz as seguintes perguntas: porque ela falou em pássaros e lua, o que isso significava para ela e porque utilizava isso para ensinar seus filhos. Perguntei também sobre suas aulas, se estudavam ou não e se eles gostavam disso.

Ela foi contando que foi criada assim. Mesmo sendo menina, acompanhava seus pais na preparação da roça e nas plantações para consumo. Os pais dela não se preocupavam com escola para ela, *tanto é que estudei até a 2ª série*, disse ela, *mas fui ensinada pela minha mãe tudo que sei*

*fazer hoje e meu pai falava para prestar atenção na natureza, pois ele avisa para tudo, para preparar a roça, avisam que a geada já terminou e quando começa o ano novo, me ensinaram como plantar as sementes. Então esse conhecimento que me foi passado, hoje passo aos meus filhos, para quando eles casar, saber manter sua família, ou se eu morrer um dia eles vão saber sobreviver.* (Gipora kagso Candido, 55 anos de idade, moradora da comunidade do Setor Vãgvãsa – Taquarucú. Relato concedido em pesquisa de campo maio de 2019).

Me senti realizada naquela comunidade, pois percebi que as famílias estão nessa mesma luta em manter estes costumes e ensinamentos dos **Kófa**. Tanto é que, na outra casa que passei, ali perto, a família estava criando um **karéré** (tamanduá), e me falaram que ele era um tamanduá bebê quando a trouxeram e hoje ela está quase adulta. Então percebi que a interação com a natureza é bem forte naquela comunidade. A pedagogia e os métodos Kaingang para ensinar e educar as crianças e jovens estão bem presentes e em constante restauração pela minha percepção nos lugares que passei. A citação abaixo está relacionada a esse contato e respeito com a natureza, retirada de um artigo intitulado *Ambiente e cultura Kaingang: saúde e educação na pauta das lutas e conquistas dos kaingang de uma terra indígena*.

*(...) o espaço Kaingang é uma construção cultural de grande respeito. Há uma mistura entre os mundos natural, simbólico e social, dos quais a vida Kaingang não está dissociada, e sua reprodução física e social depende da inter-relação e do equilíbrio que se estabelecem entre eles. Com efeito, sua concepção de mundo influencia e é influenciada pela maneira como o ecossistema é percebido. A forma como os indígenas interagem com seu ambiente oferece informações riquíssimas sobre as inter-relações ecológicas e culturais desses grupos.* (LAROQUE & J SILVA, 2013).

A partir dessa citação, relembrei das coisas que aprendi com os meus avôs, como a orientação de prestar sempre atenção à natureza, pois, segundo eles, ela sabe tudo, avisa o bem e o mal. Éramos ensinados a distinguir essas relações. Cresci com uma educação para respeitar a natureza e seus componentes. Eu e meus primos éramos ensinados a respeitar os pássaros e demais seres vivos que conviviam conosco, e não a matá-los. Tínhamos que cuidar o lugar ao fazer as armadilhas para pegar os pássaros, porque alguns são tradicionalmente importantes para os Kaingang. Sobre esse assunto também foi encontrado uma fala, relatada por Jêsi (1997), no livro **Êg jamên kÿ mû**:

*Existem pássaros que são muito importantes para os kaingang, também são muito respeitados. Na cultura Kaingang muitos seres vivos podem representar presságio ou aviso de acontecimentos futuros. Por exemplo, o <sup>7</sup>tÿtÿ, é um pássaro que vive na mata semelhante a um curuvira. Dependendo da maneira como canta, anuncia a ocorrência de problemas nas próximas horas. No momento que uma pessoa escuta ele cantar tÿtÿ, tÿtÿ, tÿtÿ, é sinal de perigo. A pessoa pode ter algum problema durante as próximas horas. A partir daí a pessoa deve tomar cuidado e vigiar em seus atos para nada lhe acontecer. Mas, além disso,*

7 Pássaro de tamanho pequeno que vivia nas matas da TI não foi descoberto o nome.

*ele também avisa para o bem. Isso se dá conta quando a pessoa escutar o canto **sêg, sêg, sêg**, e deve ficar alegre, porque esse canto está avisando que não há problemas a vista e que o perigo já passou. **Jor** também é um tipo de pássaro semelhante a um sabiá. No momento que se ouve o canto **joror, joror, joror**, é sinal para os membros da comunidade que um determinado tipo de doença vai atacar. Se ela cantar mais de uma vez é motivo de preocupação para as pessoas. Mas ele também pode avisar que a pessoa terá uma surpresa agradável como, por exemplo, uma visita inesperada, uma boa colheita, muita sorte, quando ele canta **ge, ge, ge**. Por isso, os Kaingang viviam alerta aos movimentos da natureza, porque ela sabe tudo. (Jêsi, 1997, p. 172-174).*

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de minha pesquisa, fui conversando com as pessoas conhecedoras **kajró mág**, que são os **Kófa** (anciões), onde observei o modo de viver deles no cotidiano em suas moradias simples nas comunidades por onde passei, analisando a forma como eles recebem as pessoas que chegam até eles e a fala, a linguagem, as palavras que usavam. Era gostoso de ouvir, senti a essência nas palavras que transmitiam e nas narrativas e relatos que descreveram para mim, nos quais demonstravam a verdadeira realidade Kaingang. Tudo isso foi feito intencionando encontrar uma compreensão de “como”, efetivamente, acontece o processo educacional na concepção Kaingang para formação das crianças e jovens, independente da escola.

A cada nova descoberta foi ficando mais evidente o papel essencial que os **Kófa** (anciões) desempenham no desenvolvimento desse processo educacional. Compreendi que a educação que é passada às novas gerações, aos filhos, aos netos e a todos que estão ao redor de um **Kófa**, se dá por meio da oralidade, de maneira a chamar a atenção de quem está escutando.

Esse processo é ainda mais complexo para além do papel deles, ele se inicia desde a concepção da criança, o processo do **mỹge ke** (educação) começa desde o ventre da mãe, quando o bebê está em formação, o qual o pai também acompanha. Nesse caso, as regras que a ele são dadas pelo **Kófa** são para o bem da criança que está para chegar ao mundo, para quando for adulto continuar com esse pensamento bom que foi lhe passado bem antes de nascer.

Dessa forma, a geração de nossos ancestrais vem nos preparando e auxiliando a continuidade e a formação de uma identidade cultural desde cedo em nossas comunidades, com a expectativa de que sejamos sempre o que somos, respeitando uns aos outros dentro da formação do grande círculo de parentesco elevando em consideração sempre o mais essencial: as duas metades exogâmicas que contam a história da origem Kaingang.

Além disso, pude ver também as preocupações diante da necessidade de conservar a história Kaingang e conversar mais com seus netos por parte dos **Kófa**, repassando o que lhes resta do patrimônio de seus ancestrais, sendo esse o principal papel que eles desempenham dentro de um mundo cheio de mudanças. Diante disso, o **mỹge ke kanhgág jykre pē ki** (Educação na Concepção Kaingang) é um princípio muito complexo para os **Kófa** e ele advém de toda uma preparação, de uma formação do ser humano dentro da sociedade na qual está inserido. São eles, assim, a fonte de pesquisa mais preciosa, nossas “bibliotecas”, dentro da cultura Kaingang, pois tudo que queremos saber da nossa geração, nossos ancestrais, eles guardam na memória e repassam por meio de seus relatos.

Percebi também que há uma ligação muito forte em relação a educação tradicional Kaingang e a natureza. Toda cosmologia está interligada na função e ação entre a educação e o Kaingang. Tudo que é ensinado à uma geração está relacionado aos agentes da natureza, a paz e harmonia do bem viver, a proteção dos espíritos, os animais e suas contribuições para o lembrar da época e o tempo certo para realizar tais atividades ou tomar cuidado em algumas situações cotidianas. Ficou evidente que a realidade Kaingang é viver em liberdade junto à natureza. Não há separação entre a natureza e a vida humana, pois uma depende necessariamente da outra. No passado, todo o alimento vinha por meio dos componentes naturais.

Além do mais, a dedicação ao saber fazer específico e ao ensinar dentro dos costumes, convergem para ideias e discussões fluentemente compreensivas. Essas ideias demonstram uma clareza nas concepções sobre o que é uma educação tradicional Kaingang relevante para cultura



dessa sociedade e o que precisamos compreender sobre ela. É um longo processo, e é contínuo. Não há limites para os ensinamentos dos **Kófa**, eles sempre têm alguma contribuição ao núcleo familiar e a organização de sua comunidade. Estão presentes em todos os setores como conselheiros e são muito respeitados e considerados pelas lideranças Kaingang.

Compreendi que a concepção dos **Kófa** intenciona formar uma sociedade justa, com sabedorias próprias de sobrevivência e formar uma geração contínua com coragem e determinação, que tome suas decisões sempre coletivamente, em prol da comunidade, e que não se deixe oprimir pelo seu inimigo. Eles lutam pela manutenção de seus costumes, pela sua língua, pelo uso das plantas medicinais, pela alimentação tradicional, pelo **han há** (saber fazer), pelo demonstrar disposição para qualquer atividade, pelo zelo à família, pelo reconhecimento e valorização de seus **jãre** (raízes). Tudo isso é demonstrado claramente por meio dos relatos dos **Kófa** em relação ao processo do **mÿge ke kanhgág jykre pē ki** (Educação na concepção Kaingang), pois ele perpassa gerações milenares desde a sua origem.

O papel desempenhado pelos **Kófa** atinge uma dimensão dentro dos costumes tradicionais. A capacidade em tomar decisões a respeito de suas ações e de transmitir ensinamentos para que a educação possa dar estrutura a moral da existência dessa sociedade prepara os futuros agentes dessa geração para que estejam aptos a enfrentar os desafios encontrados na longa trajetória da vida. Dito isso, entende-se que formar crianças, jovens e adultos saudáveis é o caminho para formar uma sociedade forte e sadia em todos os sentidos dentro da cultura Kaingang.

Não acontece qualquer tipo de educação formal, mas sim uma educação transmitida por meio das palavras e dos saberes, na hora e momento certos. Segundo eles, as crianças, assim como os jovens e os adultos, dependendo da sua marca **kamē/kanhrukrē**, são reconhecidas no momento de absorver os ensinamentos, por isso são tratados com remédios do mato.

Há, ainda, uma relação muito grande entre a liberdade e a autonomia das crianças para o desenvolvimento da aprendizagem, que se dá por meio das brincadeiras, como nadar em um rio e subir em árvores. Essas atividades lhe proporcionam adquirir habilidades para aprenderem sozinhos e passar pelas dificuldades com mais facilidade no dia a dia na comunidade. Por isso, as crianças possuem convivência e circulação livre nas comunidades, mas também são cuidadas por todos que fazem parte dela.

Porém, existem muitos desafios que estão sendo enfrentados desde o início da história Kaingang diante da prática de seus costumes. De alguma forma, eles são constantemente ameaçados e se sentem assim pelo que percebi em minha pesquisa. Atualmente, convivem com um modelo de autoritarismo religioso que proíbe muitas coisas importantes em suas práticas tradicionais e rituais.



Quem segue a religiosidade imposta pelo não-índio deve seguir um conjunto de princípios e procedimentos que acompanham essa prática.

Nessa perspectiva, diante do aparecimento de uma convivência entre os dois mundos, o indígena e o não-indígena, de alguma forma a escola pode ser uma ferramenta útil na consolidação da história Kaingang, servindo como mecanismo de reforço a esses conhecimentos ancestrais. Contudo, o modelo de escola atual é uma escola indígena que segue uma metodologia segundo as escolhas indígenas e trabalha muito questões relacionadas à revitalização da cultura ancestral, mas sempre relacionando a isso o pensamento do mundo não-indígena. O papel dela hoje é trazer para sala de aula os conhecimentos tradicionais, através dos professores que nela trabalham e por meio de métodos específicos em seus planejamentos. Da mesma forma ocorre com a língua materna, que está bem fortalecida na prática e na escrita e que hoje é reconhecida pelos indígenas como a principal ferramenta em defesa de seus direitos garantidos por lei.

A educação escolar indígena com suas especificidades vem evoluindo, sendo relevante na vida dos **kanhgág**, pois contribuí em todos sentidos no processo de ensino-aprendizagem, especificando como agir em determinadas situações. Esse processo de auto-identificação e aprendizagem se manifesta por meio de evidências, desde às atitudes das crianças na comunidade até os jovens indígenas que conseguem ingressar em diversos cursos fora das terras indígenas, como em universidades federais, mas que seguem sempre defendendo suas ideias e opiniões para melhoria da educação e para a continuidade da cultura e costumes Kaingang.

Sendo assim, conclui-se que nós, os Kaingang, dependemos muito das orientações dos **Kófa** com seus conhecimentos e saberes para dar continuidade a nossa caminhada, pois sem isso o **kanhgág pẽ** estariam em decadência. Lutamos por manter viva na mentalidade de uma geração junto aos seus pensamentos e perspectivas de mundo em memória aos nossos ancestrais. Em alguns lugares esses pensamentos, perspectivas e práticas culturais seguem vivos e provavelmente serão continuados pelas próximas gerações, visando a permanência do legado de nossos **Kófa**.

Conforme demonstrado na pesquisa, a escola indígena também está nessa luta pela manutenção dos conhecimentos ancestrais que são levados constantemente em consideração nas metodologias de trabalho da maioria dessas instituições, uma luz no caminho das novas gerações. É um grande desafio para nós educadores em todos os sentidos, e é o momento de unirmos os pensamentos e lutar pelo o que é da nossa futura geração. Nesse sentido, cito a fala de um **Kófa** em uma reunião da comunidade:

*“(...) Mũnyjagnãtũnũnkarjé, ẽgtũpẽpijé, ẽgrárãmũjé. Tỹẽgtỹkanhgágnỹtĩ, hãrafógag ne agjyremakãmũkemũãgjamãkãra. Hãrajagmỹjagjãnkãrómĩ, ãnvỹagmỹ há tĩ, hãràãgpiagjykrekinhrãnyĩ, agtỹãgkókén sór ja vẽ, hãkỹẽgagnẽ tu jũgãmũnĩ, jagnẽ tỹ*

*ũn mũ tỹ krēti ra, puritica tu...ēgpi ag kajró rike nỹtĩ, ãg hãnykarãgkrē,ãgnētumỹ ne tój? Mũnyketũgję há, tỹēgkanhgágnyĩtĩ, ãgpikijãnagrikenỹtĩjmũ (...)*”

*“(...)Vamos parar com esses conflitos entre nós, porque isso não é da nossa cultura. São ideias do não índio que trouxe aqui para dentro da nossa cultura. Alguém abriu a porta para eles e eles estão tentando dominar a todos nós, por isso estamos brigando, se estranhando por causa de religião, política... Não sabemos o que eles querem com nós, mas dá para ver que estão querendo destruir nos. Se continuarmos aceitando tudo o que eles querem, o que vamos deixar para nossos filhos e netos depois? Vamos parar com isso minha gente, nós somos **kanhgág** e nunca vamos ser igual a eles(...)*”

## 8 REFERÊNCIAS

### DA TRADIÇÃO ORAL KAINGANG

- 1 Kaingang. Entrevista concedida fevereiro de 2019.
- 2 Kaingang. Entrevista concedida junho de 2019.
- 3 Kaingang. Entrevista concedida janeiro de 2019.
- 4 Kaingang. Entrevista concedida janeiro de 2019.
- 5 Kaingang. Entrevista concedida junho de 2019.
- 6 Kaingang. Relato concedido em maio de 2019.

7 Kaingang. Relato concedido em maio de 2019.

## **DA TRADIÇÃO ESCRITA**

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MENEZES, Ana Luisa Teixeira. **Crianças indígenas, educação, escola e interculturalidade.** Artigo escrito para programa de pós-graduação em educação: curriculum, PUC/SP, abril/junho, 2016.

CLAUDINO, Zaqueu Kej. **A formação da pessoa nos pressupostos da tradição, Educação Indígenas Kaingang.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação, UFRGS, 2013.

FERREIRA, Bruno. **Educação Kaingang:** processos próprios de aprendizagem e educação escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FREITAS, Maria Inês de. **Escola Kaingang concepção cosmo-sócio-políticas e práticas cotidianas.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, 2017 e 2013.

FAUSTINO, Rosangela Celia; MOTA, Lucio Tadeu. **Crianças indígenas: o papel dos jogos, das brincadeiras e da imitação na aprendizagem e no desenvolvimento.** Estudo realizado para o Programa de Pós-Graduação em Educação, Departamento de Pedagogia. Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 65ª edição – Rio de Janeiro/São Paulo, editora Paz e Terra, 2018.

FUNAI, Fundação Nacional do Índio. Entrevista realizada para trabalho de escola sobre o número de comunidades que existe dentro da Terra Indígena Guarita. 2018.

GONÇALVES, L.M.C. **Crianças indígenas Kaingang em escolas não indígenas:** um estudo de caso envolvendo a E E F Manuel Bandeira/Lajeado-RS, 2011.

INÁCIO, Andila Nĩvygsãnh. **Pensando a educação Kaingang**. Cadernos Proeja, Especialização Rio grande do Sul, 2010.

SILVA, André Luís Freitas da (org.). **Kanhgágagvenhkógankaragvenhgrén: pintura e dança kaingang**– Santo Ângelo, RS: Ediuri, 2009.

LAROQUE, Luís Fernando da Silva, SILVA, Juciane Beatriz Sehn da. **Ambiente e cultura Kaingang saúde e educação e conquistas dos Kaingang em uma terra indígena**. Artigo escrito em ensino superior na UNIVATES. 2013.

SILVA, Sergio Baptista. **Dualismo e cosmologia kaingang: o xamã e o domínio da floresta**. Artigo escrito em Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Horizontes Antropológicos, dezembro de 2002.

TASSINARI, Antonella. **Produzindo corpos ativos: a aprendizagem de criançasi ndígenas e agricultoras através da participação nas atividades produtivas familiares**. Artigo escrito em Universidade Federal de Santa Catarina. Horizontes Antropológicos, dezembro de 2015.

VEIGA, Juracilda. **Aspectos Fundamentais da Cultura Kaingang**. Antropologia Tese de Ensaio – Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2006.

VEIGA, Juracilda. **Revisão bibliográfica crítica sobre organização kaingang**. Artigo publicado nos cadernos do CEOM. 1992.

## ANEXOS

Entrevista 1, janeiro de 2019. O entrevistado tem 75 anos de idade e mora na comunidade do setor Missão. É um dos moradores mais antigos deste local, tem uma filha e um filho apenas e oito netos que vivem ao redor dele, moram perto como de costume. Ele é viúvo, aposentado e as atividades que está sempre fazendo é lavoura com pequenas plantações e conta muitas histórias da sua infância, diz ele que foi ensinado pelos pais a plantar sementes desde criança para não passar fome.

Como era a vida Kaingang antes da introdução da cultura não indígena? Pergunto.

Diz o entrevistado que eles viviam livres e andavam na mata, de um lugar para outro, não tinha lugar fixo, porque não havia divisas, tudo era de todos, eles podia usufruir das riquezas da natureza, faziam **retỹin**(casa de capim), e eram sadios as crianças brincavam nos rios nas árvores sem doenças, sem se preocupar com o que comer amanhã porque em qualquer lugar havia alimentos como as caças, as frutas, as folhas e o mel e não eram como são agora divididos por causa das igrejas e muitas outras coisa que são ideia dos não índios e o índio não sabe usar isso diz ele. Acham que se é crente é melhor que o outro, mas não é isso nosso costume, eu fico muito indignado com isso hoje, já sou velho mas eu sei o que é melhor para viver bem. E parece que quando a gente fala ninguém quer saber essas coisas de bem, mas nós era bem ensinado, educado para ser homem.

Nossos avós se preocupavam muito com os cuidados que tínhamos que ter e nós fazia certinho, nos obedecia os mais velhos porque eles são os que sabem tudo que é o bem viver das crianças, os jovens. E o nosso dever era escutar os mais velhos, se não fizer isso se perde tudo durante a trajetória da vida.

Diz ele que Para os nossos avós era a maneira de preservar os costumes kaingang. O começo de toda a educação e o principal de tudo é a marca **kamē /kanhukrē**. Esses sim é a ferramenta mais forte, a arma para defender a cultura e que une as pessoas para dar continuidade a nossa identidade. Porque se não casar entre essas marcas opostas não tem mais como dizer que somos kaingang. Mas hoje os jovens não estão mais valorizando esse costume cultural e estão casando entre a mesma marca, parece que isso é normal, mas não é. Aí está o maior erro que está acontecendo. Por isso, os kaingang hoje estão querendo brigar entre eles, porque não se conhecem mais como **jamré**(cunhado/cunhada), **régre**(primo/prima), **kakrē**(sogro), **jóg**(irmão do pai), **pá**(sogra), **nỹ**(mãe)... características que une o pensamento kaingang. Hoje estão se achando igual ao **fóg**(não índio) e querem fazer o que ele faz que é brigar por causa de política, terra, pegar arma de fogo, por causa desses costumes que não estamos mais respeitando uns aos outros. Os **Kófas**(velhos) não valem mais nada para os novos. E no passado lembro que participei muito dos ensinamentos que passavam para nós quando já era **kyrũsĩ** (rapazinho). O meu pai me educava, meu avô me educava para ter respeito com as pessoas, com as plantas, com os animais, os rios...

Lembro que morava um casal de idosos aqui nesse lugar que era chamado **karugmág** e meu pai dizia que eles são **kujá** e eram muito respeitados pelas pessoas naquela época o seu Atanásio e dona Regso. As pessoas buscavam toda ajuda para cura, ensinamento, proteção e eles ajudavam todos que precisavam. Lembro que o meu pai me levava nessa casa e quando chegava lá havia crianças do meu tamanho e dali a pouco o seu Atanásio pedia para todas as crianças sentar em forma de círculo e começava a conversar passando os ensinamentos e nós ficava quietinhos escutando. Hoje penso que era como aula, quem sabe era nossa escola onde nós era ensinado a obedecer os pais, ajudar os

pais, e depois ele banhava nós com **kaféjtynyr** (folhas socadas que é remédio do mato) que ele tinha preparado para aquele dia para proteger das coisas ruins e doenças. Depois disso eles serviam uma comida e nós comia todos juntos. Era assim, quem sabe tinha um dia especial para isso mas não entendia muito bem.

- Como se conduzia a educação das crianças e jovens na ideia kaingang? Onde era feito? Como era feito? Por quem era feito? Para que? Pergunto.

Diz o entrevistado que tudo que os **kajrómag** (sábios) queriam era preparar uma pessoa boa e para ter respeito com seus **jamrés**(cunhados/cunhadas), **kakrē** (sogros), que são os parentes com marca contraria, isso era muito importante para a vida kaingang e continua sendo.

Porque eles tem que caçar junto, buscar alimento na mata para suas famílias, em qualquer dificuldades eles têm que estar junto para defender um ao outro, então a educação era para o bem. “bem estar kaingang”. E nossos avós ensinam que temos que trabalhar, brincar, caçar, com nossos **jamrés** que fica mais divertido porque esses não brigam entre eles. Mas se fazer isso com nossos **régre**(primo/prima) sempre há briga, discutem e não dá certo, e eu falo isso porque já vivi isso que falo, diz ele.

- Com o aparecimento e contato com o **fóg** mudou alguma coisa? Pergunto.

Diz o entrevistado que com isso foi quebrado esse costume quando eles começaram a trazer coisas diferentes em nosso meio. A escola é uma delas, é ela que ensina a ler e escrever e diante disso os novos conhecem outras coisa que não são mais da cultura e gostam por exemplo o celular é um que está dominando os novos hoje. E não querem mais saber dos ensinamentos dos velhos. E hoje essas mistura de **fóg** com índio também está prejudicando muito o costume. **Fóg** casa com índia e tem filhos e não tem marca nem **kamē** nem **kanhukrē** mais e o **kahgágpē** não é mais, é mestiço. Eu como uma pessoa que já vim de muito longe na vivência estou muito decepcionado com tudo isso, mas prefiro continuar falando para meus netos, quem sabe vai entrar na cabeça deles e eles vão lembrar disso quando eu não estiver mais com eles diz seu Felipe.

Por isso acho bem importante os professores fazer essas visitas com os alunos também, para nós poder contar para eles, ajudar a lembrar das coisas que estão sendo esquecidas muitas vezes. Se a escola pedir para nos contar para os alunos nós vamos contar sim diz ele, os velhos estão indo, morrendo e levam junto os conhecimentos, por isso é bom você escrever para eles poder ler depois também.

Entrevista 2, fevereiro de 2019. O entrevistado tem 70 anos de idade e mora na comunidade do setor Irapua. É filho de um morador mais antigos deste local, possui 12 filhos e 10 netos que vivem ao

redor dele, moram todos perto como de costume. Ele gosta de contar muitas histórias do passado aos filhos e netos.

Eu queria saber como era a vida kaingang antes de aparecer os **fóg** com a cultura dele? Pergunto.

O entrevistado conta que o pai sempre contava de seus ancestrais, e diz ele que não se ouvia falar em português até quando era criança, as famílias moravam em **vãre** (acampamento) perto de rios onde havia muito peixe e eu vivia brincando na água no inverno era bemquentinho o rio. As caças era nossa alimentação, as frutas e nos colhia raiz de uma planta com minha mãe para comer era bem parecido com batata. Era bom a vida do kanhgág naquela época, tudo natural, nós vivia só no mato e tinha dias que eu via muita gente, meu pai conta que era dia de grandes caças conforme a lua eles fazem essas caças, daí eu via meu pai com os outros homens preparar carne e a minha mãe e as outras mulheres assavam carne na brasa e umas faziam o **ẽmĩ**(bolo na cinza) e umas faziam **farĩnhfár** (farinha de biju) e eu brincava com as outras crianças que vinham com seus pais, a minha mãe tinha o meu irmãozinho pequeno e eu cuidava dele também porque sou mais velho, porque na **ẽgtúpẽ** (cultura kaingang) os filhos mais velhos cuidam dos mais novos além de seus avós. Até agora é assim como vemos aqui na comunidade a responsabilidade dos irmão mais velhos em cuidar de seus irmãozinho.

Nós eram muito bem preparados antigamente pelos nossos avós, quando nasce uma criança é um momento muito importante na família e quando falo em família não é só pai e mãe, mas de toda comunidade porque essa criança vai ser cuidado por todos. Por isso quando morre um kanhgág todos choram juntos porque é uma grande perda na família aqui na terra, mas passa a viver no **nũgmẽ** (morada eterna) de onde não saem mais para passear e visitar os parentes. Antigamente só os **kujá** (chefe, líder, médico...) podiam visitar esse lugar, daí era bom porque daí eles traziam notícias de lá, os parentes podiam mandar notícias da terra e assim por diante, tinham contato através dele, mas como não temos mais aqui no Guarita não temos mais como fazer isso diz ele.

-Como as crianças eram ensinadas, educadas, tinha pessoa especial para isso? Pergunto.

Eu fui ensinado, pelo meu avô e pelo meu pai as coisa que sei hoje, e eu valorizo muito os ensinamentos que é a educação que me foram dadas porque isso que me deixam forte hoje diz ele.

- Como assim forte, podia explicar melhor? Pergunto.

Meu pai conta que quando eu nasci a minha avó mãe do meu pai **mỹnhfimáfi** (sogra de minha mãe) que atendeu o parto fez o ritual colocando um pedaço de madeira considerada muito forte que é o **karugmág** (angico), na minha mão para mim ser forte e resistente em qualquer situação, esse ritual pode ser feito para menino e menina. Era muito importante essas práticas de nossos ancestrais, não poderia ter parado, só que hoje as crianças nascem no hospital daí fica difícil, porque tem que ser

feito no primeiro momento da criança nascer e conta meu pai que o primeiro ensinamento que recebi foi isso, “não se desanimar facilmente em qualquer situação que vier a me acontecer”, então isso sempre está presente em mim, eu sinto que não posso fracassar por qualquer coisa, assim sigo até o fim da vida diz ele. Também tem em outros rituais que podem ser feita apenas para menino/menina. Meu pai conta que é o momento mais importante esse primeiro ensinamento pois é o que vai lhe orientar, lhe servir para a vida. É bem certo por que só quem faz o ritual sabe isso. E hoje eu digo que sou forte porque dificilmente fico doente mesmo, no inverno as pessoas dão risada de mim porque estou sem casaco, perguntam se não estou com frio, mas é meu jeito eu quase não tenho casaco, mas sempre tenho fogo de chão, porque a fumaça também é remédio, a cinza é remédio, o fogo ela transmite energia se você se concentrar nas chama, ela tem um grande significado na cultura kaingang.

Por isso, os **Kófa**(velhos) sempre respeitam o fogo para contar histórias, passar ensinamentos.

Mas os novos hoje não acreditam mais nessas coisas, mas igual continuo passando para frente através dos meus filhos, meus netos,

e assim como você que está escrevendo, isso é muito importante porque alguém tem que escrever mesmo. Eu me sinto muito feliz por meus pais terem me preparado para isso.

Já dei palestra na escola para contar minha história também, e falei dos remédio do mato que devem ser usadas para tal, para isso, para aquilo, espero que alguém guarde na cabeça o que falei porque foi uma forma de passar esses conhecimentos para os novos. Se não fizermos isso tudo vai ficar perdido e a escola hoje é o lugar onde deve ser passado esses conhecimento que são a riqueza da nossa cultura diz ele.

- Há um momento onde podemos dizer que houve aprendizado? Pergunto.

Diz ele que o aprendizado dentro da educação tradicional kaingang se mostra através do comportamento social onde os jovens kanhgág aprende a considerar seus parentes, **jamré**(cunhados e cunhadas), **inhmén** (marido), **inhprū** (esposa), **kakrē** (sogro), **má** (sogra), **régre** (primo/prima), **mréke** (irmãs/irmãos consanguíneos), **jógsĩ** (tio mais novo), **jógKófa** (tio mais velho) **nỹKófa** (tia mais velha), **nỹsĩ** (tia mais nova), e assim por diante, respeito a sua marca contraria para formação das novas famílias e assim ampliando o parentesco **kamē e kanhukrē**, além disso, respeitando os **sanh há** (mais velhos) **os Kófa** (velhos), os **pā'i** (lideranças), são práticas de respeito e reciprocidade porque eles sempre estarão prontos para se ajudarem em qualquer situação. Nunca há uma separação depois de formar a família, sempre será unida, a ideia de educação tradicional kaingang é essa, não brigar, não se separar de seu povo, ser solidário, saber dividir, lutar juntos, caçar juntos, pescar em grupos, além disso cuidar um do outro dentro do mesmo grupo, nossos ancestrais sempre foram unidos, por isso sempre lutaram pelas terras juntos e ganharam por isso nós



temos onde ficar hoje, se no futuro não considerarmos mais essa forma de educação kaingang, não sei o que será dessas crianças.

- E quando o **fóg** (não índio) apareceu na vida kaingang, o que houve a partir disso? pergunto.

Pois é, quem sabe eles procuravam um jeito de se introduzir nos costumes dos kaingang, e conseguiram muito rápido. Começaram pela religião católica, trazendo imagens influenciando os kaingang, porque sabiam das crenças tradicionais e vieram para mudar a mentalidade deles em relação às crenças. Mas teve, resistência igual, nem todos foram dominados pelo inimigo principalmente a nossa língua materna que eles fizeram de tudo para proibir, mas não conseguiram. Tanto é que hoje estamos falando sobre isso ainda na própria língua, e talvez não há mais a prática tradicional mesmo como antigamente, os rituais, mas estamos contando como era, para que a nossa geração não fique iludido pelo inimigo, mas que esteja consciente de sua geração, e poder dizer que é índio com orgulho, eu acredito que a mentalidade dos nossos jovens não vai ser dominado pois os espíritos de nossos ancestrais não vão deixar acontecer isso diz ele.

A escola também eles foram trazendo para ensinar a escrever e ler, pensando em nos afastar dos costumes, acharam que éramos burros, retardados e analfabetos, mas burros são eles que nem sequer sabem nem a metade do que sabemos, sobre a natureza, os animais, o bem viver, as épocas, as fases da lua...a ciência kaingang é muito mais bonito do que a deles, o conhecimento científico kaingang é muito lindo porque é natural. Mas, por um lado pensando no hoje foi bom também porque acabaram de formar indígenas para lutar contra eles também, pelos direitos garantidos na lei e isso é muito bom diz ele.

A tecnologia, os eletrônicos, também são fatores que está dominando, mas penso que como as coisas vão mudando é preciso saber usar as coisa que os **fóg** estão trazendo para dentro da nossa cultura, pois não tem como mudar agora. Que nem eu gosto de ouvir rádio, mas não gosto de assistir TV, agora os filhos ficam assistindo até a madrugada, eu não sei mexer no celular mas meu netinho sabe muito bem, então são coisas assim que está mudando a mentalidade dos novos hoje. Mas como é meu costume quando a família estão tudo em casa eu chamo todos os netos para mim contar histórias para eles de quando eu era criança.

Entrevista 3, março de 2019. O entrevistado tem 64 anos de idade e mora na comunidade do setor Pau Escrito. Seus pais são do setor Missão, mas vieram para este local após casarem, então nasceu neste local e hoje a maioria dos moradores são seus parentes. Ele já é aposentado e seus filhos moram tudo perto dele, convive no cotidiano com seus netos, ensinando os costumes kaingang.

- Como viviam os kaingang antes dos **fóg** se introduzir na cultura? Pergunto.

O entrevistado conta que a forma de organização kaingang era bem diferente e isso já vem da geração de nossos ancestrais que vão sendo passadas às gerações através da oralidade e os novos vão memorizando isso escutando. Porque a ideia dos nossos **Kófas** (velhos) é isso memorizar tudo que é ensinado. Por isso, os ensinamentos é a educação kaingang que prepara as pessoas para formar uma sociedade pura, forte e sadio, assim falavam meus avôs quando me passava o **mýgeke** (educação) para não andar errado mas seguir os ensinamentos.

Por exemplo para casar os pais escolhiam com quem seu filho ou filha ia casar quando crescer, em respeito a marca tribal kaingangkamẽ/kanhukre, o casamento na cultura era pensado para formar aliança entre as marca contrária, onde entendemos que a sociedade se torna uma grande família, por isso é difícil nos se separar um do outro, viver longe um do outro, ela tem um sentido muito forte onde só entende quem é kaingang mesmo. E era assim que viviam os nossos antepassados e é assim que vivemos hoje, sempre perto um do outro de maneira um pouco diferente mas o sentido de não ficar longe da família é o mesmo.

E as crianças ao nascer já recebem orientação para viver bem na terra, fazer o bem, onde quem dá o primeiro ensinamento e a parteira ou avó, avô pois são eles que conhecem o ritual e os pais acompanham para depois quando tiverem seus netos serem os que vão fazer a mesma coisa aos seus netos, bisnetos...muito bom isso pois sempre tive na memória o que me foi passado ao nascer, que era para ser um bom caçador e ser forte resistente para quando for homem ter a responsabilidade de ajudar meu **kakrẽ** (sogro), pois na cultura kaingang o rapaz tem obrigação de atender seus sogros e a moça kaingang e preparada para atender a sua sogra, isso é regra, norma kaingang.

Tanto é que sempre tive o prazer de ajudar meu sogro, fui caçador a vida inteira e nunca deixei faltar nada para meus sogros até que eles morreram, e a minha esposa fez a mesma coisa, sempre fazendo comida para sogra dela, socando **pisé** (farinha de milho torrado), preparando **fuva** (comida típica folhas), e eu pescava com meus **jamré** (cunhados) e nós fazia o **kejerãñ** (forma de atordoar o peixe) para ter facilidade em pegar, buscava mel para o meu sogro e eu levava o **kãj** (cesto) e enchia com a copa do coqueiro para coletar o mel, buscava lenha e trazia nas costas porque não havia carroça naquela época, fazia **ẽpỹ** (roçado) com facão porque não tinha foice, mas eu tinha que fazer pois para isso eu era homem, e quando chegou nosso primeiro filho os meus pais e os meus sogros fizeram o ritual de preparação para ele também. Então são riquezas da nossa tradição, assim viviam felizes antes de ter contato direto com **os fóg** (não índio). Caçavam, pescavam, coletavam mel a vontade, coletavam frutas porque havia bastante variedade para alimentação, as casas não eram fixas em um lugar, mas viviam em **vãre** (acampando) onde havia variedade de alimento eles ficavam, depois iam para outro lugar e assim sobreviviam diz ele.

- Nesses acampamentos faziam cama ou rede, como dormiam? Pergunto.

As camas eram no chão mesmo forravam o chão com folhas de um tipo de samambaia e uma fogueira e dormiam.

- E tinha sabão para se banhar? Pergunto.

Não. Não precisavam de sabão, a cinza era o sabão. As mulheres lavam roupa com cinza e lavam as crianças com cinza e folhas de umas árvores.

Como será que temperavam a comida, a carne, ou eles já conheciam o sal?

Não tinha sal, o **fóg** que ensinou a usar o sal. Mas o kanhgág usava como sal uma planta do mato, são plantinhas naturais e não crescem, são meio rasteiras que se chama **vñē** (azedinha) que era o sal deles. Ela é amassada com pedra e misturada na comida, passam na carne.

- E as crianças como eram educadas nessa forma de viver? Pergunto.

As crianças acompanham tudo de perto, tanto é que memorizam tudo que enxergar e ouvir, depois eles ficam praticando nas brincadeiras deles, imitando os mais velhos, por isso que os adultos tomam muito cuidado em relação às crianças.

Mas, há práticas por onde é passado o ensinamento, a educação tradicional que é o respeito, o mais importante é o respeito a tudo, é para isso que as crianças e jovens são preparados. No pensamento kaingang tudo que é praticado como os ensinamento, **juvān** (conselho), **kajrān** (ensinar), **kinhrāg** (aprender), **han há** (saber fazer), é a educação dos novos é muito importante porque vai ser a continuidade do povo, da cultura e dos costumes.

Por isso os **Kófa** fazem essa prática com muita dedicação e através da fala para que quem recebe o ensinamento possa guardar na memória e foi assim que meu avô fez comigo. Meu pai sempre falou para mim que a memória das crianças está bem preparada por isso elas devem ser muito cuidadas em tudo que a ela é transmitida por um adulto.

- O ensinar e o ensinamento são diferentes em suas práticas? Pergunto.

Sim tem diferença diz ele. O ensinamento é quando o **Kófa** (velho ou velha) ou um **kajrómág** (sábio), que são os avôs, ou os pais, transmitem um conhecimento através da fala, e os novos escutam, o ensinamento esclarece o caminho que devem seguir a vida. O escutar nesse caso é bem importante, porque através da escuta a pessoa absorve e fixa na mente, cabeça de quem está escutando em silêncio. É um momento de grande responsabilidade e respeito ao quem fala e o que escuta. Diz ele que isso é a educação kaingang, saber ouvir quem está falando para compreender e entender e depois praticar, é muito significativa e gratificante também para a continuidade dos costumes, porque quem foi bem ensinado não arreda o pé fora das regras e normas culturais. Como exemplo são as duas marcas **kamē/kanhukrē** que é o mais importante para a formação da família e o ciclo de parentesco.

Já o ensinar é diferente da seguinte forma diz ele. Ela acontece quando uma pessoa está mostrando como se faz uma flecha e arco por exemplo, com que material deve fazer, como manusear para atirar na caça, onde achar a caça, como achar, em que lua é fácil caçar, como matar a caça, como preparar para um menino por exemplo para ser um bom caçador, e ele observa, acompanha, experimenta, pratica e aprende. Ensinar menina a segurar a mão de pilão, para aprender a socar o milho no pilão para fazer **pisé** (farinha de milho torrado), **kajica** (canjica), **ãmro** (farinha de milho), **ākór** (massa de milho cozido), para socar o **kumī** (folha de mandioca brava), socar fruta de **tānhkanā** (fruta de coco), o **fág** (pinhão), pois para cada atividade tem maneira de segurar a mão de pilão. Isso aprendem observando, experimentando, acompanhando a mãe ou avó fazer.

Mas o grande objetivo de nossos **Kófa** assim como eu diz ele, é que esses conhecimentos não se percam, tenham continuidade de alguma forma. Porque tudo isso é a educação, quem cumpre com esses deveres culturais consegue viver bem, e a educação tradicional kaingang é preparar para o bem viver kaingang diante das sociedade a que estamos inseridos.

Diz ele que respeita muito e compreende o comportamento da natureza em diversos aspectos, dos animais quando em épocas de procriação, quando estão avisando alguma coisa, prenúncios dos bichos da mata, dos rios, pode acreditar que é verdade, a relação natureza e o kaingang não são separadas, são ligações bem fortes, assim viviam os nossos ancestrais e é assim que estamos educando os novos a viver e defender o que é nosso de herança.

- E quando o **fóg**(não índio) começou a conviver com os indígenas o que aconteceu com essas práticas, costumes, mudou alguma coisa? Pergunto.

Sim diz ele. Começou a mudar muita coisa a partir do momento da influência do **fóg**, porque foi trazendo coisas diferentes para chamar atenção. Tudo começou pelos padres jesuítas que tinham como papel fundamental em catequizar os índio dizendo que a religião católica era a única e verdadeira que eles tinham que obedecer e seguir os ensinamentos escrito na Bíblia, tentando mudar assim o costume e a mentalidade do kanhgág, meu pai conta que houve profundas transformações, pois os kaingang eram obrigados a abandonar suas crenças, suas ordens e ensinou o índio a seguir seu regime. Conta meu pai que muitos de nossos antepassados morreram de desgosto, fome, doenças e tristezas porque não podiam mais caçar, nem pescar e fazer as atividades cotidianas que gostavam, inclusive ele é um dos sobrevivente desse massacre cultural e religiosa e conta para nós os filhos e netos diz ele.

Mas como dizia meu pai que com o tempo foram se acostumando com o novo modo a eles imposto, e começaram a respeitar as imagens que eles davam como de santo Antônio, são João, são Pedro, são roque, nossa senhora, e os ensinamentos sobre isso foi convencendo alguns que começaram a seguir essa crença. É uma longa história a partir disso. Mais tarde, aos poucos os **fóg** foram trazendo

outras religiões como por exemplo o Sá batista e mais tarde assembleia de deus que tem até hoje. Eles que trouxeram a escola também para ensinar a ler e escrever, mas isso não significava nada para os kaingang por isso os pais não obrigavam seus filhos a frequentar escola, isso aconteceu comigo, por isso não sei ler nem escrever, mas conheço tudo que me foi ensinado e a educação que foi passado para ser o que sou hoje.

Mas a grande consequência disso é que as práticas tradicionais foram diminuindo porque as coisas dos **fóg** estão mais fortes, o modo de passar ensinamentos para as crianças ainda são realizadas pelas pessoas mais velhas, mas de forma diferente, não temos mais a atenção dos mais novos em escutar, porque estão ligados nos celular, televisão, músicas que não sabem do que fala de tão barulhento que é, mas eles gostam mais disso hoje, e o ensinar a fazer as coisas também acontece de maneira diferente pelos pais, foram mudando a mentalidade, mas nunca vou dizer que a minha cultura tradicional está destruída, pois as coisas são os mesmo só que acontecem de forma diferente. E esta diferença é que tem que ser compreendida pelas pessoas. Eu vou continuar praticando o que sei, o que foi me ensinado, e ensinamento que me foi passada vou passando para diante, porque se eu não falar mais sobre isso para os meus netos, eles não vão ter argumento para se defender depois.

- Que desafios o senhor percebe para continuidade dessas práticas tradicionais? Pergunto.

Muitos diz ele. Estou muito indignado apesar de tentar entender o que está acontecendo hoje. No que os jovens estão sendo transformados pela sociedade dos **fóg**. Mas eu tento entender também que a nossa geração não vai mais conseguir viver sem eles. Nós que somos **Kófa** também estamos dependendo deles por causa da aposentadoria, dinheiro parece que é uma coisa que precisamos para viver hoje, antes era a natureza que dava tudo de bom para nós, mas hoje temos que ir no mercado procurar o que comer, é chato isso mas é a realidade agora, nessa parte eles nos convenceram e sinto que não vamos conseguir mudar a mentalidade dos nossos jovens agora. As vezes penso em ficar quieto esperando a morte, mas vejo meus netos e fico muito triste, mas eu sei que eles vão ser talvez mais inteligentes do que eu para se defender de algumas coisas que não são de seus costumes, assim espero. O que mais me deixa triste é ver índios falando em português, e se achando melhor que o outro, sabendo que nunca vai ser diferente de sua geração. Mas vamos ter que aceitar, a escolha deles pois estão desvalorizando sua própria identidade e de seus filhos e netos, além do mais o futuro kaingang está ameaçado dessa forma diz ele.

Hoje a escola é o meio por onde estas histórias reais devem ser trabalhadas pelos professores, para que os novos não se afastem da de sua origem, e conversar com nós que sabemos estas histórias, vivemos esses momentos, então minha ideia é essa, mas poucos nos procuram para perguntar o passado de nossos ancestrais diz ele.

Entrevista 4, maio de 2019. O entrevistado tem 75 anos de idade e mora na comunidade do setor Km 10. É um dos moradores mais antigos deste local, tem 5 filhos e apenas 8 netos que moram perto como de costume. Ele é casado e aposentado e as atividades que está sempre fazendo é com artesanatos e as vezes faz pequenas plantações, gosta muito de contar histórias da sua infância, o que aprendeu quando jovem para os netos.

Diz ele que os kaingang sempre viviam em plena liberdade entre as grandes extensões de matas cheias de variedades de frutas e caças para alimentação. A mata conservava tudo que lhes servia de alimento conforme contavam meus avós, que viveram essa época de fartura. E não havia doenças, as crianças eram saudáveis, os jovens eram fortes e preparados para serem guerreiros. Diz ele que guerreiro é forma de expressão usada para dizer que são preparados para serem homens fortes, corajosos para caçar, e defender seu povo em qualquer situação. A arma deles eram o arco e flecha, a lança para matar a caça, e para brigar com seus inimigos também contavam os meus avós. Sempre estavam nos preparando com remédios do mato, banhos de madrugada era muito exigido de nós que éramos rapazes diz ele. Isso tudo era a vida kaingang antes da entrada da cultura não indígena no nossos costumes próprios. Eles eram felizes, eram unidos e as famílias não tinham morada fixa, onde havia quantidade de alimentos eles ficavam acampados. Alimentação tudo natural, remédios, não faltava nada, não havia doenças estranhas como agora. Se curavam com remédio natural.

Como as crianças eram educadas nessa forma de viver?

Contam nossos avós que os homens cuidavam de buscar alimento através de caçar, de pescar e também faziam pequenas plantações para o consumo. E nessas atividades as crianças acompanhavam tudo principalmente os meninos, pois era a forma de ensiná-los, como por exemplo: ensinar a segurar o arco e flecha, como pegar o peixe, como coletar frutas, como preparar armadilha para pegar caça...A preparação dos alimentos era feita pelas mulheres, e as meninas acompanhavam tudo e aprendendo também a fazer. Então as tarefas eram bem divididas entre homens e mulheres e as crianças eram os aprendizes observando as atividades. Então todos faziam parte da educação das crianças e também dos jovens. Para que essas atividades tenham continuidade.

E os **Kófa** eram os grandes sábios, conhecedores por onde buscam se os ensinamentos, tanto seja adultos, por exemplo para formar uma família. Os ensinamentos e os conselhos era a parte feita por eles, que são as raízes e esses tinham o dever de preparar a continuação da geração. Naquela época o respeito pelos mais velhos era muito forte como ainda hoje é assim ensinado às crianças e jovens em nossa comunidade.

Uma coisa que era muito respeitado também é quando um novo casal vai se formar. Na nossa cultura, o casamento é tratado assim que nasce a criança, pois os pais já sabem quem vai ser o

marido ou esposa conforme as duas metades **kaingangkamẽ** e **kanhrukrẽ**. Isso era para dar continuidade a **kanhgágpẽ** (puro kaingang).

Pois os **Kófas**, diziam que se quebrar essa regra cultural, seria um desmoronamento da cultura, eles temiam muito isso e fortaleciam através dos ensinamentos que é a educação tradicional, para que seja sempre respeitado. Tanto é que a menina era preparada para cuidar da sogra e o menino preparado para atender seu sogro. Então desde pequeno ele já é preparado para ser um bom caçador. Porque na cultura kaingang as metades contrárias é que vão também cuidar um do outro quando um fica doente.

Outra prática tradicional que era é o **juvã** - conselho quando acontece um casamento para formar uma nova família, onde o conselheiro kamẽ aconselha kanhrukrẽ e conselheiro kanhrukrẽ aconselha kamẽ, diz ele. Nesse modo de ensinar, todos que estiverem presentes aprendem junto com o novo casal de como viver em família. Assim foi o meu matrimônio e aprendemos que o respeito com os parentes é muito importante a partir disso.

Meu avô sempre dizia que nossos **jamrés** são os melhores parentes dentro da formação familiar kaingang. Pois, dificilmente acontece desentendimento entre eles que são marca contrária do seu. Já os parentes que tem a mesma marca sempre acontece desentendimento, discussão porque são **régre** que são como irmão ou irmã. Então são situações reais meu filho dizia ele. Pode fazer experiência para ter a certeza diz ele. Então, sempre cuidei a atitude de meus parentes da mesma marca que a minha e os que são ao contrário, mas, é verdade o que meu avô falava. E quando eu era rapaz gostava muito de buscar e coletar mel e caçar, pois aprendi com meu avô.

Um dia convidei uns parentes para irem comigo melar, pois eu tinha achado quando fui caçar. Daí fomos em cinco e eles são da mesma marca minha **kanhrukrẽ**. E comecei a tirar os favos de mel e comecei a jogar neles para brincarmos de correr um do outro, mas eles me xingaram bastante e voltaram para casa bem bravos comigo.

Depois disso, convidei outros parentes **kamê** que eram meus **jamrés** para me ajudar a melar. E fiz a mesma brincadeira com eles, mas daí foi bem diferente, pois eles pegavam o favo do mel e jogavam em mim também e nós brincamos muito, subiam nas arvores, riamos muito, se divertimos o dia todo, tomamos banho no riacho para tirar o mel do corpo, foi muito divertido. Então tudo que meu avô falava e ensinava era tudo verdade. Hoje já velho tento de todas as formas passar esses ensinamento que foi a educação que foi me passada e acredito na importância dessa educação que nossos **Kófas** passam para nós é para o nosso bem estar entre nossos parentes. Não para maltratar uns aos outros, mas ajudar uns aos outros sabendo respeitar o outro.



Outra atitude que me chama muita atenção e que aprendi com meu avô o respeito pelos mais velhos pois, isso é uma dádiva, porque as pessoas mais velhas possuem grandes sabedoria e é com eles que os mais novos irão adquirir muitos conhecimentos.

São as riquezas da cultura kaingang que prevalecem e vai viver através das atitudes dos novos hoje, que mais tarde serão os grandes conhecedores que irão passar as próximas gerações. Por isso acho importante fazer isso agora. Eles serão a continuidade desse patrimônio cultural de nossos ancestrais.

Uma coisa bem importante que aprendi com meu avô também e que faz parte da alimentação tradicional e sempre estou ensinando meus netos também é como criar os **grón (kórós)** para consumo. Cortamos o pé de coqueiro e deixar apodrecer para criar os bichos, dentro de três meses estarão prontos para coleta e consumo. Daí a gente frita ou assa no fogo os corós e comemos com farinha de milho torrado. A taquara também quando está para terminar cria os **vóga (larva)** que também é alimento muito suculento para nós kaingang. E isso não podemos deixar de praticar tanto e que sempre estou ensinando meus netos e aqueles que vêm me perguntar como faz as coisas.

Só que temos um problema hoje, os **fóg** estão criando muitas coisas diferentes que chama atenção das nossas crianças e jovens. A tecnologia que o fóg está trazendo para dentro da nossa cultura está enfraquecendo o interesse de muitos. E isso machuca muito a mim como também os outros parentes velhos como eu. Estamos doentes por causa disso, porque estas coisas novas estão afastando nossos netos de nós. Porque estão deixando de lado os ensinamentos que a gente passa a eles, não perguntam mais como se mata uma caça, como fazer um **pãri (armadilha para pegar peixe)**, então isso deixa a gente muito triste.

Mas, parece que não tem mais como mudar isso. Hoje vejo meus netos e fico imaginando como será no futuro a vida deles e dos filhos deles. Porque eles não gostam mais de comer as nossas comidas típicas, bolo assado na cinza não querem mais, só pão da padaria dos fóg. Agora as minhas filhas gostam e comem de tudo que é comida tradicional e fazem também. Mas os meus netos já não. Então me preocupa muito, mas vou sempre contar para eles como era a vida kaingang, como sobreviviam os nossos ancestrais. Porque eles precisam saber, talvez não praticar mais como era, mas pelo menos valorizar esses costumes kaingang.

Então, como hoje a escola é um dos fatores imposta pelo **fóg** para mudar a mentalidade das pessoas, pode ser também a solução para revitalizar esses valores e sua forma de educação não pode fugir dessa realidade histórica. Os professores precisam se conscientizar também, para que em seus projetos de ensino seja incluído esses assuntos, porque se não for feito isso as crianças vão cada vez mais se afastando desse conhecimento, dessa riqueza cultural. É uma urgência isso.

Entrevista 5, junho de 2019. A entrevistada tem 80 anos de idade e mora na comunidade da Pedra Lisa. É uma moradora antiga e conhece toda história deste local, 8 filhos 7netos que moram neste mesmo local. Ela é aposentada e trabalha com artesanato atualmente.

- COMO ERA A VIDA KAINGANG ANTES DOS FÓG ENTRAREM COM SEUS COSTUMES?

A entrevistada conta que antigamente o kaingang tinham seu próprio modo de viver, seus hábitos, e tudo era de acordo com a ordem da natureza, tudo natural, os costumes, os alimentos, as crenças, a maneira de ensinar as crianças, jovens, casais, era bem do jeito natural de nossos ancestrais. E as pessoas tinham muito respeito as essas atitudes e práticas. A educação das crianças vinha de sua geração, os avós e os pais tinham essa função desde o nascimento até a vida adulta. Porque depois de casados eles ainda ficam aos cuidados de todos na forma de educar, aconselhar, ensinar, para que depois eles possam fazer a mesma função com seus filhos e netos, é uma atividade de responsabilidade continua porque os conhecimentos devem prosperar, pois isso garante a continuidade do kaingang puro diz ela.

E nós se alimentava bem com as coisa do mato, quando meu avô ia buscar mel eu e minha avó gostávamos de acompanhar ele. A minha avó levava um **kāj** (cesto) e lá meu avô trepava no pé de coqueiro e cortava aquelas copas da ponta e fechava com folhas **dety** (caité), para colocar o mel, eram as vasilhas na época.

E eu via minha avó conversando com uma árvore tirando suas folhas e levava no riozinho que havia na mata e batia com pedra, amassava bem e passava em meu corpo para as abelhas não me picar, eles também passavam no corpo deles também, era uma proteção contra as picadas das abelhas, e eu ajudava a minha avó a encher as vasilhas com os favos do mel sem problema.

Era muito bom, e nós trazia para casa lembro da minha avó carregando o **kāj** (cesto) cheio de favos de mel diz ela. E quando meu avô ia caçar ele trazia **ójor** (anta), às vezes **krág** (porco do mato) morto nas costas era bem gordo diz ela. Daí meu avô carneava e picava com as gorduras e minha avó colocava tudo no **krefytar** (balaio grosso) e pendurava bem em cima do fogo, talvez para defumar e não estragar, lembro que ficava pingando gordura e eu não sabia para que era aquilo, mas talvez era uma forma de guardar, pois não conheciam geladeira né dizia ela.

Lembro também que chegava uma época em que algumas pessoas se juntavam com meus avós e meus pais e faziam farinha de mandioca e milho no pilão e enchiam as **tujas** (balaio grande com tampa) e saíamos para o mato acampar perto de rios onde havia grande quantidade de peixes e caças também e assim nós vivia se alimentando das coisas do mato. Tudo na mata era **vējēn** (alimento),

folhas, raízes, frutas e **vēnhkagta** (remédio). E eu me criei vendo isso, participando das atividades, aprendendo como fazer isso depois casei e com meu marido nós fazia essas práticas e hoje sou **Kófa** (velha) mas passo esses conhecimentos e ensinando os filhos e netos de como fazer para serem **jykre há** (educados) para cuidar disso.

Mas agora como apareceram coisas diferentes, essas práticas foram mudando também. Essas mudanças foram trazidas pelos **fóg** (não índio) para estragar tudo diz ela. Agora parece que nossos netos não se importam muito com o que falamos, mas alguns deles ainda fazem essas atividades, o que eles gostam mais é de caçar e pescar também e ficam perguntando como se faz a matança dos peixes, em qual lua, então isso é bem importante para mim.

- Como a senhora passa esses conhecimentos para seus netos? Há um momento para isso? Pergunto.

Sim. Diz ela. Meu avô tinha um modo de passar os ensinamentos para nós quando éramos crianças, toda tarde ele chamava todos os netos e o fogo já estava pronto. E pedia para nos sentar ao redor do fogo como sempre ele fazia e nós já sabia como fazer dentro desse costume dele. E sentávamos em forma de círculo ao redor do fogo, então ele falava hoje vou contar sobre como caçar, por exemplo: começava a contar como ele aprendeu a caçar com seu pai quando era jovem, nós era preparados desde criança com remédio do mato dizia ele, para ter habilidade de correr atrás da caça, porque se não acertar direito ele foge também dizia ele, e nós aprendia preparar armadilha para pegar bastante passarinho ao mesmo tempo. Era um trançado feito de taquara mansa (ru) que meu pai fazia e nós ficava escondido para não assustar os passarinho dizia ele, aí nós queria aprender também.

Lembro que um dia ele levou nós para o mato, porque queríamos aprender e nós era bastante os netos eu e mais as primas e primos. E não importa se nós era meninas mas queríamos aprender também, daí que aprendi a fazer armadilha o (ru) para pegar bastante passarinho. Quantas e quantas vezes eu fiz para sustento de meus filhos, porque era nosso alimento naquela época. Armadilha para tatu eu aprendi também e a gente faz bem em cima da toca dele, no outro dia quando a gente ia lá ver o tatu estava lá preso, e eu matava com paulada e preparava a carne para meus filhos comer. Assim nós sobrevivia, então os ensinamentos que nossos avós passavam para nós era para aprender a sobreviver se alimentando das coisas que a natureza oferecia e sermos fortes.

E porque tem que ter fogo para essa prática? Pergunto.

O fogo tem uma energia muito forte diziam nossos avós, que faz a gente dar atenção, concentração e memorização em tudo que está sendo ensinado, ela é essencial na absorção das coisas. Dizem os nossos avós que o fogo é o objeto da cultura que possui muita força, tanto é que as pessoas que vieram antes de nós viviam na mata e não deixavam o fogo apagar, porque ele protege, a sua energia protege e afasta os maus espíritos da mata. Hoje, eu trago comigo esse costume e não deixo

meu fogo apagar aqui em casa, por isso prefiro fogo de chão na minha casa. Na verdade todos tinham que ter isso por serem kaingang.

Por que os fóg andam cheio de doença estranhas, é porque eles tem fogão a gás por exemplo. Claro que é uma descoberta deles né para que seja mais fácil para eles, mas por um lado é o que causa doenças.

Por isso, as pessoas velhas devem ser valorizados e respeitados na nossa cultura pelos seus filhos e netos, ainda mais os que são igual a mim, com fogo de chão sempre acesa, é por causa disso que há proteção ainda e meus filhos sabem disso pois nunca fui parar no hospital.

Quando eu morrer meu fogo vai apagar se meus filhos não derem continuidade nisso. E acaba se tudo. Isso é um dos motivos pelo qual hoje acontece muita doença estranha nos kaingang, porque querem usar as coisas dos fóg, acham mais fácil, meus filhos têm essas coisas, e eu não. Sou aposentada mas não quero que nada muda o meu modo de viver, porque foi assim que fui ensinada e assim vou até o fim da minha vida, nem o fóg vai fazer eu mudar de ideia diz ela.

Tinha vez que ele contava como eles pescavam no passado também, é muito bonito isso, porque quando eu já era uma menina grandinha lembro que logo cedo alguém vinha gritando vamos juntar os peixes pois “já estão mortos” e nós levantava minha avó, a mãe e as outras mulheres carregavam cestos e as criança íamos para o rio longe dali. E os homens tinham amanhecido lá matando os peixes com os **cipós (Kājerān)** pelo que lembro. Nos chegava lá e o rio estava cheio de peixes de barriga para cima brancos, uns atordoados e a criança juntava nos cestos. Participei muito dessas atividades com meus pais, era peixe assado, peixe cozido, era preparado de várias maneira para nos comer. Hoje um dos meus filhos gosta muito de fazer isso para ensinar meus netos e eles conhecem o cipó para essa prática.

Tudo que era ensinado era para o bem uso da natureza, para ter sempre um alimento, por isso era feito com todo respeito e na época certa, na lua certa também para não estragar a continuidade das coisas. Isso é a educação, porque ter educação e ter respeito, não fazer as coisas que não deve ser feitas e isso nós era ensinado desde que nascemos. Conta minha mãe que quando nasci fui preparada para ser uma mulher forte que não se desanimar por qualquer motivo, e contou que foi colocado em minha mão um raminho de **karugmág** (angico), para ser resistente às doenças e outras coisas que eu tenha que enfrentar com minha família.

Outra coisa muito importante são o casamento ao qual somos bem educados para que isso seja feito. O meu matrimônio foi tratado quando eu nasci conta minha avó. Os meus sogros já me deixaram marcada para o filho que seria meu esposo quando eu for moça. E lembro que minha mãe sempre explicava que quando for mocinha ia chegar um tempo na minha idade que eu ia sangrar e me dizia que quando eu sangrar era para avisar ela. Mas eu não sabia o porquê. Um dia amanheci com um

sangramento, mas não falei nada, até que ficou a tarde e comecei a ficar com medo e não pude mais esconder e contei para a minha mãe. Daí eu percebi que ela foi contar para o meu pai, naquela mesma noite eles disseram para o meu irmão mais novo ficar cuidando de mim que eles iam sair. E lembro que tinha mato por todos os lados e havia trilhas no meio do mato para os deslocamentos dos vizinhos se visitarem. E o meu pai pegou uma taquara seca acendeu e levaram iluminando a trilha. Na verdade estavam indo na casa dos meus sogros e eu não sabia, eles foram me contar no outro dia. Meu pai e minha mãe me chamaram e me fizeram sentar na frente deles e começaram a falar que a minha idade tinha chegado e que quando nasci fui comprometida com um menino que era Kamẽ porque eu era Kanhrukrẽ e que o matrimônio no costume kaingang era assim. E lembro que no outro dia o meu futuro marido trouxe um **krág** (porco do mato) abatido na caça para meus pais. E conta meu avô que o rapaz tem a obrigação de caçar para ajudar seus sogros. Foi assim que conheci meu marido, o meu pai junto com o pai de meu marido fizeram uma casinha bem grudado na casa de meus pais e a partir daí passamos por aconselhamento feito pelos conselheiros que eram feito por um casal de velhos. Nunca esqueci do que me foi passado naquela época. Tanto é que cuidei dos meus sogros até o fim da vida deles e meu marido fez a mesma coisa para os meus pais. Tivemos nossos filhos que também passaram por isso, a geração vem trazendo esses conhecimentos, esse respeito, pelas pessoas mais velhas e continuo passando para os netos.

Por isso é importante, os estudantes de hoje buscarem junto às pessoas idosas das comunidades esses conhecimentos para trazer as histórias e escrever. Para não serem esquecidas pelos novos hoje, porque as coisas dos fóg está muito forte entre nós hoje. Mas, vejo meus netos indo para a escola todo dia e isso me preocupa, tenho medo de eles gostar as coisas de lá e não querer mais falar comigo, sinto eles se afastando de mim sabe, mas se a escola trabalha sobre isso eles vão gostar, porque são coisa deles, a escola tem que deixar claro para os jovens que eles nunca vão ser diferentes do que são. São kaingang e isso não vai mudar por nada. Essa é a função da escola hoje. Os professores devem estar preparados para buscar esses conhecimentos, os ensinamentos para que a escola não deixa ser esquecido hoje. Porque se não for feito isso daqui a pouco meu neto vai dizer que não sabe o que é ser índio, então a escola indígena e os professores indígenas têm essa função de buscar e escrever assim como você está fazendo, mas não aparecem por aqui. Eu fico muito triste com isso, querendo ser o que não são, falando a língua dos **fóg**, ensinando seus filhos a falar a língua dos fóg, isso está errado e muito feio, querendo ser o que não é.